



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**

**O TRABALHO DE PROMOÇÃO SOCIAL  
NA TERCEIRA IDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Fernanda Rego Pereira

**Rio de Janeiro**

**2006/2**

FERNANDA REGO PEREIRA

**O TRABALHO DE PROMOÇÃO SOCIAL  
NA TERCEIRA IDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Serviço Social da  
Escola de Serviço Social da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro – ESS / UFRJ,  
como requisito para obtenção do grau de  
Assistente Social.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sara Nigri Goldman

Rio de Janeiro

2006/2

Dedico este trabalho à minha mãe Maria das Graças, à minha tia Carminha, à minha prima Ana Graça, ao meu noivo Wiener e à minha avó Wanda. Pessoas muito queridas, que sem as quais eu não estaria vivendo este momento único em minha vida.

## Agradeço...

A Deus, pela força, coragem e proteção durante toda trajetória acadêmica;

À minha querida supervisora de estágio Beatriz Freire da Costa, com quem aprendi muito enquanto estagiária de Serviço Social e também enquanto pessoa, nos dois anos em que trabalhamos juntas na encantadora área da terceira idade;

À Priscila, uma pessoa maravilhosa que tive o privilégio de conhecer e tornar-me amiga à primeira vista;

Às minhas queridas primas Amanda e Andréia, pelo apoio e incentivo durante todo período da faculdade;

Às amigas que tive o prazer de conhecer no Rio de Janeiro no período da faculdade, em especial, Adriana, Carolzinha, Carol Coura, Renatinha, Ana Cristina e Dilza;

À APOSVALE e aos seus associados, com quem aprendi bastante durante os dois anos de estágio, criei amizades e lembranças inesquecíveis...

À Casa de Santa Ana e suas idosas, pela colaboração e contribuição tão importantes para a existência do presente trabalho.

Aos professores, pelo repasse de conhecimentos, pelo esclarecimento de dúvidas, pelo empenho, pela dedicação e ampliação de horizontes;

À minha querida e especial professora e orientadora Dr<sup>a</sup>. Sara Nigri Goldman, pelos seus ensinamentos, confiança e amizade.

## VELHOS E JOVENS

Antes de mim vieram os velhos  
Os jovens vieram depois de mim  
E estamos todos aqui

No meio do caminho dessa vida  
Vinda antes de nós  
E estamos todos a sós

No meio do caminho dessa vida  
E estamos todos no meio  
Quem chegou e quem faz tempo que veio  
Ninguém no início ou no fim

Antes de mim  
Vieram os velhos  
Os jovens vieram depois de mim  
E estamos todos aí

Péricles Cavalcante/ Arnaldo Antunes

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....</b>	<b>07</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>08</b>
<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>I. PROCESSO DE ENVELHECIMENTO, ESTIGMAS E PRECONCEITOS.....</b>	<b>13</b>
1.1. Informações e dados da população idosa no Brasil, segundo pesquisas realizadas pelo IBGE (2002).....	16
1.2. Representações sociais dos idosos num contexto neoliberal: criação de esteriótipos, estigmas e preconceitos.....	23
1.3. Aparecimento do idoso como ator social no cenário brasileiro.....	28
<b>II. TRABALHO DE PROMOÇÃO SOCIAL, QUALIDADE DE VIDA E SERVIÇO SOCIAL.....</b>	<b>35</b>
2.1. Definindo o trabalho de promoção social na terceira idade.....	37
2.2. Serviço Social: proporcionar tempo livre com qualidade na busca de promover socialmente a pessoa idosa.....	40
2.3. Necessidade da criação de espaços de integração e participação da pessoa idosa: uma questão de políticas públicas e cidadania.....	45
<b>III. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO.....</b>	<b>49</b>
3.1. Análise da pesquisa de campo: um estudo comparativo.....	60
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>86</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>111</b>

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ACEPI – Associação Cearense de Proteção ao Idoso

ANG – Associação Nacional de Gerontologia

APOSVALE – Associação dos Contribuintes Assistidos da Vália

CAPS – Caixas de Aposentadoria e Pensão

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

ES – Espírito Santo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

INPS – Instituto Nacional de Previdência Social

MA - Maranhão

MG – Minas Gerais

OIT – Organização Internacional do Trabalho

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PASA – Plano de Assistência à Saúde do Aposentado

PLANAF – Plano de Assistência Familiar

SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

SUS – Sistema Único de Saúde

VÁLIA – Fundação Vale do Rio Doce de Seguridade Social

## LISTA DE FIGURAS

- 1 – Figura 1: Gráfico: Projeção de crescimento da proporção da população de 60 anos ou mais de idade segundo o sexo – Brasil – 2000 – 2020.....17
- 2 – Figura 2: Gráfico: População residente de 60 anos ou mais de idade, por grupos de idade – Brasil – 1991/2000.....18
- 3 – Figura 3: Gráfico: Proporção da população residente de 60 anos ou mais de idade, segundo os municípios das capitais – 2000.....20



## LISTA DE TABELAS

1 - Pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade e respectivo crescimento relativo segundo os grupos de idade – Brasil – 1991/2000.....	19
2 - População residente de 60 anos ou mais de idade, em números absolutos e relativos, por sexo, segundo as grandes regiões – 2000.....	22
3 – Referente à Idade.....	60
4 – Referente à Raça.....	60
5 – Referente à Escolaridade.....	61
6 – Referente à Renda.....	62

## INTRODUÇÃO

O interesse por este tema surgiu a partir de minhas observações, experiências e vivências na Aposvale, campo de estágio onde estou inserida desde o mês de março do ano de dois mil e cinco. Assim, no decorrer da prática de estágio curricular, da observação sistemática da realidade desse campo e principalmente do contato com os usuários, pude perceber e refletir a respeito da riqueza existente no trabalho de promoção social com idosos.

Atualmente, o crescimento significativo da parcela da população idosa no Brasil e no mundo, segundo dados apresentados pelo IBGE em 2000 e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), exige respostas urgentes do Estado e da sociedade em geral, respostas estas que atendam às reais necessidades daqueles que já atingiram a maturidade ou terceira idade e também daqueles que ainda vão atingir.

Sabemos que o processo de envelhecimento é um fenômeno que possui múltiplas dimensões que vão além do fator demográfico e, por isso, ao ser analisado deve ser articulado à conjuntura, à estrutura social, à política, à educação, à cultura, ao lazer, enfim, às dimensões inter-relacionadas ao tema. (SALGADO, 1982 apud SILVA, 2003; BEAUVOIR, 1990; GOLDMAN, 2003).

Diante das questões apresentadas, minha inquietação se dá a respeito da qualidade desse envelhecer, com relação ao aproveitamento do tempo livre que a maioria da população idosa dispõe em decorrência da aposentadoria.

Na totalidade da realidade na qual estamos inseridos, esta pesquisa investigará as atividades lúdicas, de lazer e culturais, que contribuem para a melhoria da saúde física, mental, psicológica e social de determinados idosos a partir de um recorte espacial.

Nesse sentido, minha pesquisa pretende analisar e mostrar a importância do trabalho de promoção social na vida dos participantes da Associação dos Contribuintes Assistidos da VÁLIA (APOSVALE), localizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro; e da Casa de Santa Ana, localizada na comunidade Cidade de Deus, também no Rio de Janeiro.

Portanto, o trabalho de campo circunscreve-se ao estudo dos dois grupos acima mencionados, a partir dos quais serão contempladas as similitudes e as divergências de ambos, com vistas a um estudo comparativo.

Cabe ressaltar, que a opção por pesquisar os idosos das instituições citadas, se deve à facilidade no acesso e à possibilidade de captar informações de grupos de diferentes espaços e características, porém com a mesma preocupação de proporcionar qualidade de vida às pessoas da terceira idade.

Privilegio nesta pesquisa uma análise de caráter qualitativo a partir da abordagem dialética. Portanto, no que se refere à pesquisa qualitativa, utilizarei como base teórica Maria Cecília de Souza Minayo (1994), que ao fazer a abordagem da dialética diz que esta *“pensa a relação da quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos”* (MINAYO, 1994, p. 24). Assim, não pretendo quantificar as questões referentes ao trabalho de promoção social e seus resultados na vida dos que dele participam. Mas sim, investigar, sobretudo, a qualidade de vida trazida aos usuários das atividades desenvolvidas nos referidos espaços voltados à ocupação do tempo livre na terceira idade.

Procurei estabelecer uma relação de confiabilidade com as pessoas entrevistadas, de ambas as instituições; todas com mais de 60 anos, sendo consideradas idosas, segundo o Estatuto do Idoso (2003) e também todas do sexo feminino, visto que devido a questões de caráter cultural, as mulheres participam mais de espaços de socialização que os homens. Isso porque para mulheres socializadas para serem donas de casa e submissas aos pais e depois aos maridos, a velhice e a viuvez vêm representar liberdade. Elas acompanharam as transformações de idéias e valores sociais em relação ao lugar da mulher e da idosa na sociedade e hoje procuram e preenchem majoritariamente os lugares nos grupos de trabalhos para idosos. (BARROS, 2004)

Acredito de maneira convicta na eficácia e na importância de tais trabalhos, no que eles podem trazer de benefícios às pessoas da chamada terceira idade.

Nesse sentido, pude perceber que, diante da realidade que nos é apresentada, ainda há pouca bibliografia sobre o assunto. Isto, a meu ver, representa um alerta à necessidade de se estudar o tempo livre inerente à pessoa idosa, o que pode ser feito em termos de qualificá-lo e em que o Serviço Social pode contribuir. Visto que a ocupação desse tempo com qualidade significa a melhoria de vida dessa significativa parcela da população, que precisa se sentir valorizada, capaz, criativa, útil, como as outras pessoas de uma maneira geral. Assim, as atividades realizadas com esta finalidade, de inclusão, atenção, valorização, cuidado, respeito e igualdade às diferenças são oportunidades de incentivar e

estimular a participação do idoso sem que ele se sinta inferiorizado, marginalizado; Idéias disseminadas e interiorizadas por grande parte da sociedade no contexto neoliberal de adoração ao novo e ao belo. Por isso, a necessidade de uma mudança de comportamento e um trabalho de conscientização sócio-educativo em diversos ambientes da sociedade que têm contato direto ou indireto com o público da terceira idade.

No primeiro capítulo: o processo de envelhecimento, estigmas e preconceitos, discorri sobre o significativo aumento da população idosa brasileira, as representações sociais dos idosos, estigmas e preconceitos numa sociedade que cultua o novo, o belo, o efêmero. É a sociedade do descartável e do lucro a qualquer preço.

Outro assunto abordado no primeiro capítulo foi o aparecimento do idoso como ator social, na medida em que começa a ganhar espaço, visibilidade e a lutar pelos seus direitos. Isso em decorrência do aumento da expectativa de vida e do ganho com as aposentadorias.

No segundo capítulo: Trabalho de promoção social, qualidade de vida e serviço social, considerei o trabalho de promoção social na terceira idade, que visa o reconhecimento e a participação da pessoa idosa através de atividades lúdicas, de lazer, que estimulam a capacidade criativa e a consciência crítica.

Neste sentido, considerei o Serviço Social enquanto profissão que desenvolve um trabalho que tem objetivo a promoção social do idoso. Para isso é preciso que haja planejamento, propostas, finalidade e avaliação; e não apenas a prática, a execução.

Dessa forma, considerei a necessidade da criação de espaços de integração e participação da pessoa idosa, que hoje se constitui numa questão de políticas públicas e cidadania. Propus a criação de espaços que possibilitem o desenvolvimento da criatividade, da memória, a descoberta de dons, a melhora da auto-estima e, principalmente que preservem a autonomia e a liberdade de escolha dos idosos.

Finalmente, no terceiro capítulo apresento a pesquisa de campo que realizei na Aposvale e na Casa de Santa Ana; duas instituições bastantes diferentes, porém com o mesmo objetivo de promover socialmente a pessoa idosa.

## I. PROCESSO DE ENVELHECIMENTO, ESTIGMAS E PRECONCEITOS

O debate a respeito da questão do processo de envelhecimento, suas particularidades e diversidades crescem cada vez mais e ganham espaço no cenário brasileiro. Isso se deve, principalmente, ao fator demográfico, por meio do qual podemos constatar um relevante aumento da população idosa no Brasil, ou seja, das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, de acordo com o Estatuto do Idoso (2003) e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Esse aumento da expectativa de vida foi possível devido aos avanços registrados na área do saneamento básico e da saúde, o que proporcionou uma melhora nas condições de vida dessa parcela da população e, conseqüentemente, a queda da taxa de mortalidade e a diminuição nos índices de natalidade e fecundidade nas últimas décadas. (GOLDMAN, 2003, 2005; PAZ, 2005)

A questão da idade ainda é bastante polêmica, pois há diversos parâmetros para defini-las, como por exemplo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) optou pela idade cronológica e define parâmetros diferenciados para o início do processo de envelhecimento. Dessa forma, nos países desenvolvidos, o patamar começa aos 65 anos, enquanto nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, que é o caso do Brasil, inicia-se aos 60 anos. (GOLDMAN, PAZ, 2005)

Segundo estatísticas da Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil está próximo de ocupar a 6ª posição de país mais envelhecido do mundo, com uma população de aproximadamente 32 milhões de idosos, perdendo para a China, com uma população de 284 milhões de idosos; para a Índia, com uma população de 146 milhões de idosos; para a antiga URSS, com uma população de 71 milhões; para os EUA, com 67 milhões e Japão, com 33 milhões de idosos. (GOLDMAN; SILVA, 2003)

A população está envelhecendo e *“o envelhecimento é um processo que atinge todas as gerações”* (GOLDMAN, PAZ, 2005, p. 45). Por isso, é importante que estejamos sempre atentos às demandas colocadas por esta parcela da população, pois ao observá-la percebemos que há diferentes maneiras de envelhecer.

Nesse sentido, partindo do princípio de que a velhice não se constitui um fenômeno homogêneo e a-histórico (GOLDMAN, 2003), o processo de envelhecimento é único para cada pessoa e relacionado a isso podemos identificar diversos elementos que perpassam tal processo; como por exemplo: o fator social,

econômico, familiar, cultural, psicológico, intelectual, ou seja, fatores que influenciarão em graus diferenciados nas condições de vida de cada indivíduo.

Segundo Silva<sup>1</sup> (2003), no Brasil, o envelhecimento demográfico apresenta-se marcado pela desvantagem social para uma grande maioria, em função da nossa estrutura histórica, onde as baixas aposentadorias ou a inexistência destas, a ausência de economias acumuladas, a enorme cisão entre as classes, as constantes crises econômicas, a defasagem do salário mínimo, a insipiência das políticas sociais têm gerado impacto sobre idosos, família, sociedade e Estado.

Portanto, devemos considerar que, embora tenha havido no Brasil uma melhoria em termos de qualidade de vida, infelizmente, ainda existe uma imensa desigualdade no que se refere à distribuição de renda e serviços. Assim, nos grandes centros urbanos das regiões Sudeste e Sul, como também nas camadas mais altas de renda, as oportunidades de enfrentar o envelhecimento com saúde, conforto e dignidade são bem maiores do que nos lugares mais afastados e sem devida infra-estrutura de serviços de saúde e saneamento, onde significativa parcela da população idosa recebe um salário mínimo de benefício. (GOLDMAN, PAZ, 2005). Isso faz com que o acesso aos serviços de melhor qualidade fique restrito àqueles que podem custeá-los, enquanto aos menos favorecidos social e economicamente, parcela que representa grande parte da população, resta os serviços públicos, que são precariamente prestados pelo Estado. Essas são conseqüências freqüentes do modo de produção capitalista, no qual os setores econômicos lideram e regulam o Estado e a sociedade, com o objetivo de lucrar sempre. E assim, o bem-estar dos indivíduos, enquanto sujeitos de direitos, fica relegado a segundo plano, no qual há a culpabilização dos próprios por seus fracassos e frustrações. (GOLDMAN, 2003; SENHORAS, 2003; SILVA, 2003; VERAS, 2003; BARROS, 2004; BANDEIRA, 2005; PAZ, 2005).

Tal situação dificulta e muito o processo de envelhecimento da população idosa no Brasil, pois a maioria que compõe a chamada terceira idade já não está mais inserida no mercado de trabalho, portanto encontra-se aposentada, recebendo um salário mínimo como benefício. Muitas vezes, o valor da aposentadoria não é suficiente, visto que as pessoas idosas possuem a saúde mais debilitada e frágil por conta dos problemas adquiridos com a idade. Muitas sustentam filhos, netos ou

---

<sup>1</sup> Assistente Social. Mestre em Política Social pela Universidade de Brasília – UNB.

algum outro membro da família, outras são colocadas em asilos e nem mesmo têm acesso ao dinheiro da aposentadoria e, assim, acabam se tornando vítimas de um sistema que privilegia muito mais o fator econômico em detrimento do social.

O fenômeno social da velhice no país envolve necessariamente a questão da aposentadoria que, na maior parte dos casos, traz para o idoso problemas econômicos, perda de status profissional, perda da cultura do ambiente de trabalho, podendo ocasionar isolamento, insegurança, depressão e o sentimento de inutilidade. (GOLDMAN, 2003; SENHORAS, 2003; GODOY e RIBEIRO, 2005; PACHECO, 2005). Assim, como coloca Janaína Carvalho da Silva (2003), ao citar Magalhães (1989), *“os velhos trabalhadores chegam à última etapa da vida sem vez e voz, pois o simples fato de ser velho já favorece a discriminação e a exclusão das relações sociais.”* (SILVA, 2003, p. 98).

Infelizmente essa é uma realidade lamentável. Enquanto se faz parte do processo produtivo de trabalho, considera-se o indivíduo útil, ativo, lucrativo, rentável aos interesses do país, e quando chega o momento da aposentaria, que é o resultado de muito trabalho, este mesmo indivíduo é considerado inútil, improdutivo, um peso orçamentário, um fardo, velho, que não serve para mais nada, ou seja, descartável. A saída do mercado de trabalho e o conseqüente “rótulo” de inatividade profissional da pessoa idosa ocasiona profundas mudanças em relação ao estilo e ritmo de vida. Tais mudanças exigem grande esforço de adaptação, pois parar de trabalhar significa a perda do papel profissional, a perda de papéis junto à família e à sociedade.

Tais fatores juntamente com as mudanças do mundo moderno, na maioria das vezes, trazem como conseqüência o isolamento social do velho.

A velhice não se dá repentinamente; como sabemos, ela se configura a partir de um processo o qual está relacionado ao estilo de vida de cada um e, por isso, há inúmeras velhices. Assim, o processo de envelhecimento atinge todas as gerações e independe de classe social, raça, cor ou etnia.

### 1.1. Informações e dados da população idosa no Brasil, segundo pesquisas realizadas pelo IBGE (2002)

Atualmente, o envelhecimento populacional é uma realidade que atinge tanto os países desenvolvidos quanto os países em desenvolvimento. Assim, no ano de 2020, as estimativas apontam que 67% da população idosa mundial estará vivendo nos países em desenvolvimento, mostrando que a longevidade deixará de ser característica de Primeiro Mundo. Por conseguinte, dois terços da população idosa mundial estará sediada nos países menos desenvolvidos. Os idosos serão o grupo etário que mais terá crescido relativamente aos outros, e o aumento percentual na população idosa dos países em desenvolvimento será muito maior que nos países desenvolvidos. (Kalache et. alli., 1987; Paschoal, 2000 apud PEREIRA, SANTOS, 2006).

No início do século passado, apenas 575 mil brasileiros haviam transposto a barreira dos 60 anos. Atualmente, cerca de 14 milhões de cidadãos já ultrapassaram esta faixa etária. Existem projeções para uma população de aproximadamente 32 milhões de idosos no Brasil em 2025, quase 14% da população total. (Kalache et alli, 1987; Berquó, 1996; Camarano, 1999; Paschoal, 2000 apud PEREIRA, SANTOS, 2006)

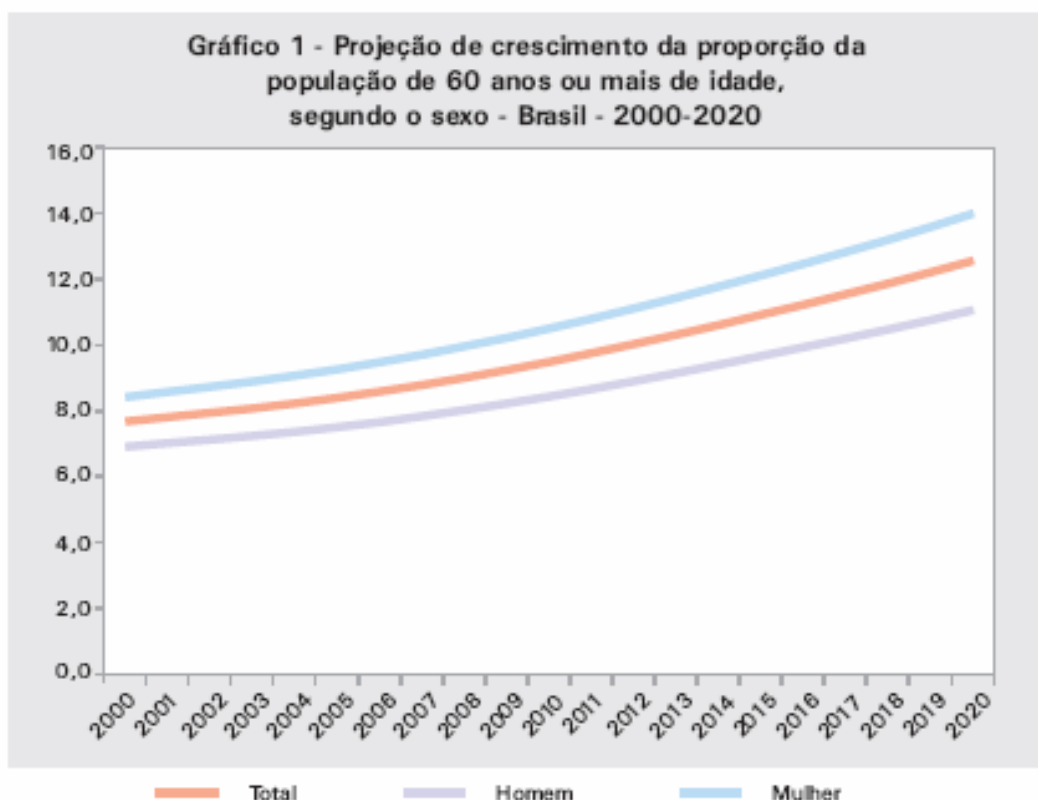
Dada a relevância do fenômeno, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou na cidade de Madri, em abril de 2002, sua 2ª Assembléia Mundial sobre Envelhecimento para discutir o impacto do rápido envelhecimento do planeta e propor políticas específicas para este grupo etário. Nesse sentido, faz-se necessário conhecer as características do idoso brasileiro, que hoje configura um contingente de quase 15 milhões de pessoas.

Considerando dados do IBGE (2002),

*a continuidade das tendências verificadas para as taxas de fecundidade e longevidade da população brasileira, as estimativas para os próximos 20 anos indicam que a população idosa poderá exceder 30 milhões de pessoas ao final deste período, chegando a representar quase 13% da população (Gráfico 1). A análise da evolução da relação idoso/criança (Relação idoso/criança) =  $(\text{Pop. 60+} / \text{Pop. 0-14}) \times 100$  mostra que a proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças: de 15,9% em 1980, passou para 21,0% em 1991, e atingiu 28,9%, em 2000. Em outras palavras, se em 1980 existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças, 20 anos depois essa relação praticamente dobra, passando para quase 30 idosos por cada 100 crianças. Assim, embora a fecundidade ainda seja a principal componente da dinâmica demográfica brasileira, em relação à população idosa é a longevidade que vem progressivamente definindo seus traços de evolução. (IBGE, 2002).*



**GRÁFICO 1**  
**PROJEÇÃO DE CRESCIMENTO DA PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO DE 60 ANOS OU MAIS DE IDADE SEGUNDO O SEXO – BRASIL – 2000-2020**



Fonte: Projeto IBGE/Fundo de População das Nações Unidas UNFPA/BRASIL (BRA/98/POB), Sistema Integrado de Projeções e Estimativas Populacionais e Indicadores Sociodemográficos, Projeção preliminar da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050, revisão 2000.

A partir das informações e dados apresentados, podemos compreender o que nos é possível observar todos os dias nos diversos lugares e espaços públicos e privados: a grande quantidade de pessoas idosas que estão por toda parte. É raro sairmos de casa e não encontrarmos pessoas dessa parcela da população. Por isso, consideramos que o envelhecimento hoje se constitui num fenômeno mundial.

Segundo o IBGE, o crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, está ocorrendo a um nível sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo e, já em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de pessoas, um crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1.900 milhões de pessoas, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade. (ANDREWS, 2000 apud IBGE, 2002)

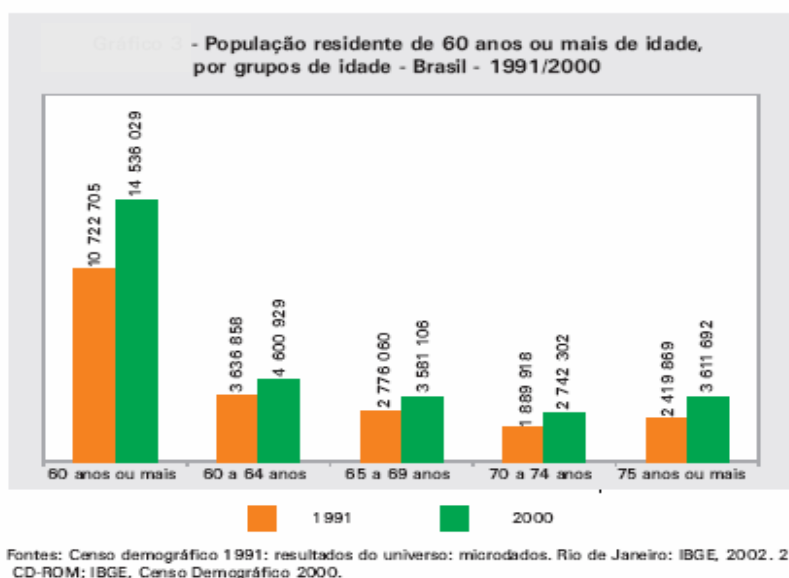
Veras (2003) coloca outros aspectos importantes para explicar este fenômeno, que são os seguintes:

- Desde 1950, a esperança de vida ao nascer em todo o mundo aumentou 19 anos;
- Hoje em dia, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais; para 2050, estima-se que a relação será de um para cinco para o mundo em seu conjunto, e de um para três para o mundo desenvolvido;
- Segundo as projeções, o número de centenários - de 100 anos de idade ou mais - aumentará 15 vezes, de aproximadamente 145.000 pessoas em 1999 para 2,2 milhões em 2050; e
- Entre 1999 e 2050 o coeficiente entre a população ativa e inativa - isto é, o número de pessoas entre 15 e 64 anos de idade por cada pessoa de 65 ou mais - diminuirá em menos da metade nas regiões desenvolvidas, e em uma fração ainda menor nas menos desenvolvidas. (VERAS, 2003, p. 9)

De acordo com pesquisa realizada pelo IBGE, a partir do Censo 2000, a população de 60 anos ou mais de idade, no Brasil, era de 14.536.029 pessoas, contra 10.722.705 em 1991. O peso relativo da população idosa no início da década representava 7,3%, enquanto, em 2000, essa proporção atingia 8,6%. Neste período, por conseguinte, o número de idosos aumentou em quase 4 milhões de pessoas, fruto do crescimento vegetativo e do aumento gradual da esperança média de vida. Trata-se, certamente, de um conjunto bastante elevado de pessoas, com tendência de crescimento nos próximos anos.

## GRÁFICO 2

### POPULAÇÃO RESIDENTE DE 60 ANOS OU MAIS DE IDADE, POR GRUPOS DE IDADE – BRASIL – 1991/2000



Na população idosa, o segmento que, no período intercensitário, mais cresceu relativamente foi aquele das pessoas de 75 anos ou mais, 49,3%, como foi constatado também pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pode ser observado na tabela 1.

**TABELA 1**  
**PESSOAS RESIDENTES DE 60 ANOS OU MAIS DE IDADE E**  
**RESPECTIVO CRESCIMENTO RELATIVO SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE –**  
**BRASIL – 1991/2000**

Grupos de idade	Pessoas residentes de 60 anos ou mais de idade		Crescimento relativo (%)
	1991	2000	
<b>Total</b>	<b>10 722 705</b>	<b>14 536 029</b>	<b>35,6</b>
60 a 64 anos	3 636 858	4 600 929	26,5
65 a 69 anos	2 776 060	3 581 106	29,0
70 a 74 anos	1 889 918	2 742 302	45,1
75 anos ou mais	2 419 869	3 611 692	49,3

Fontes: Censo demográfico 1991: resultados do universo: microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 21 CD-ROM; IBGE, Censo Demográfico 2000.

Segundo o mesmo instituto de pesquisa, entre os municípios das capitais, Rio de Janeiro e Porto Alegre se destacaram com as maiores proporções de idosos, representando, respectivamente, 12,8% e 11,8% da população total nesses municípios. Em contrapartida, as capitais do norte do país, Boa Vista e Palmas, apresentavam uma proporção de idosos de apenas 3,8% e 2,7%. Em termos absolutos, o Censo 2000 registrou no Município de São Paulo quase 1 milhão de idosos vivendo naquela capital. Essa discrepância com relação à proporção de idosos nas capitais do país vem acompanhada das diferentes características regionais apresentadas pelo Brasil, que possui dimensões continentais (PEREIRA<sup>2</sup>, SANTOS<sup>3</sup>, 2006). Isso faz com que nos grandes centros urbanos das regiões Sudeste e Sul, as oportunidades de envelhecer com melhores condições de vida

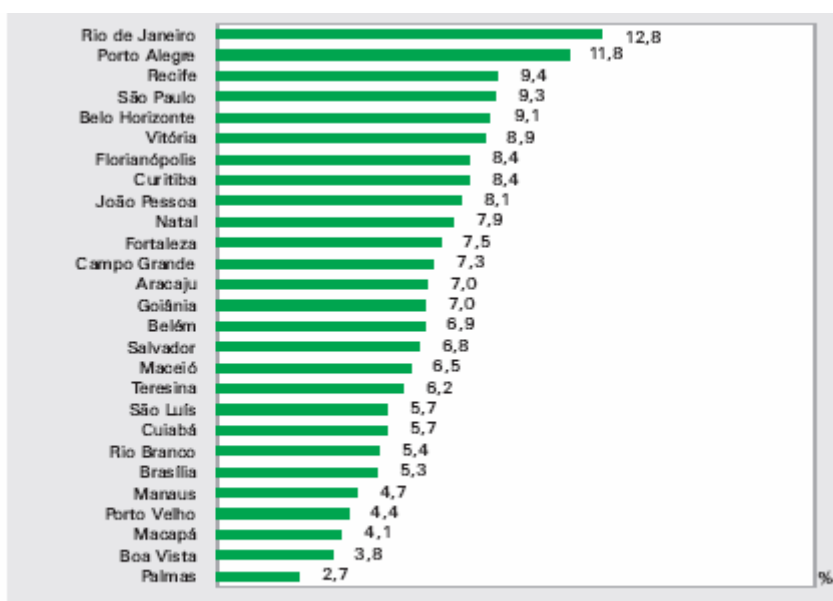
<sup>2</sup> Economista Doméstico, Mestre e Doutor em Sociedade e Agricultura/ CPDA/ UFRRJ, Professor do Mestrado Profissionalizante em Meio Ambiente e Sustentabilidade/ UNEC/ MG.

<sup>3</sup> Fisioterapeuta, Professora de Fisioterapia Geriátrica e Gerontológica da UNEC/ MG, Mestranda do Curso de Profissionalizante em Meio Ambiente e Sustentabilidade/ UNEC/ MG.

sejam bem maiores do que nas regiões mais afastadas e sem infra-estrutura adequada para atender a população idosa. (GOLDMAN, PAZ, 2005).

Tendo por base o significativo aumento da expectativa de vida em 2000, o número de pessoas com cem anos ou mais chegou a 24.576, o que representa um crescimento de 77%, comparado ao ano de 1991, onde havia 13.865 centenários no Brasil. (IBGE, 2002). Grande maioria destas pessoas estava concentrada em São Paulo (4.457), seguida pela Bahia (2.808), Minas Gerais (2.765) e Rio de Janeiro (2.029). Se nos remetermos há algumas décadas, chegar aos cem anos de idade era quase que inimaginável.

**GRÁFICO 3**  
**PROPORÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DE 60 ANOS OU MAIS DE IDADE,**  
**SEGUNDO OS MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS - 2000**



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Cabe ressaltar, que essa ampliação da expectativa de vida não acontece de modo uniforme com relação a ambos os sexos. Isso porque o aumento para as mulheres é mais significativo do que para os homens. Essa diferença caracteriza o que chamamos de feminização da população idosa.

Segundo IBGE, em 1991, as mulheres correspondiam a 54% da população de idosos, passando para 55,1% em 2000. Isto significa que para cada 100 mulheres

idosas havia 81,6 homens idosos, relação que, em 1991, era de 100 para 85,2. Tal diferença é explicada pelos diferenciais de expectativa de vida entre os sexos, fenômeno mundial, mas que é bastante intenso no Brasil, haja vista que, em média, as mulheres vivem oito anos mais que os homens.

Portanto, a relação entre gênero e envelhecimento baseia-se nas mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo e nos acontecimentos ligados ao ciclo de vida. Assim, a maior longevidade feminina implica transformações nas várias esferas da vida social, uma vez que o *“significado social da idade está profundamente vinculado ao gênero”*. (BARBOT-COLDEVIN, 2000, p. 262 apud IBGE, 2002).

Nesse sentido, Debert (1999) coloca que para as idosas de hoje tanto a velhice quanto a viuvez podem representar certa independência ou mesmo uma forma de realização.

Segundo Curioni<sup>4</sup>, Pereira<sup>5</sup> e Veras<sup>6</sup> (2003), o fenômeno da feminização da população idosa, por conta da maior expectativa de vida das mulheres em detrimento dos homens, pode ser entendido a partir de algumas pesquisas sobre o tema, que indicam diversos fatores que contribuem para isso, tais como:

- *menor consumo de álcool e tabaco, que são associados a doenças cardiovasculares e diferentes tipos de neoplasias, sendo as principais causas de morte na população acima de 45 anos. (Homens consomem em maiores quantidades);*
- *as mulheres têm, de modo geral, melhor percepção da doença e fazem uso mais constante dos serviços de saúde do que os homens. É possível que a detecção precoce e melhor tratamento de doenças crônicas nas mulheres contribuam para um prognóstico melhor;*
- *atendimento médico-obstétrico – a mortalidade materna, antes uma das causas principais de morte prematura entre mulheres, é atualmente baixa;*
- *diferenças na exposição a riscos – acidentes domésticos e de trabalho, acidentes de trânsito, homicídios e suicídios são, em conjunto, quatro vezes mais frequentes para os homens do que para as mulheres, nas áreas urbanas brasileiras. (CURIONI et al, 2002, p. 13 apud RIBEIRO, 2004).*

---

<sup>4</sup> Mestranda em Epidemiologia do Instituto de Medicina Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (MS-UERJ), nutricionista.

<sup>5</sup> Especialista em Nutrição em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestranda em Epidemiologia do Instituto de Medicina Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (MS-UERJ), nutricionista.

<sup>6</sup> Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI/UERJ), nutricionista, Phd em Saúde Pública pela Universidade de Londres, pesquisador I do CNPq, médico.

**TABELA 2**  
**POPULAÇÃO RESIDENTE DE 60 ANOS OU MAIS DE IDADE, EM NÚMEROS**  
**ABSOLUTOS E RELATIVOS, POR SEXO, SEGUNDO AS GRANDES REGIÕES –**  
**2000**

Grandes Regiões	População residente de 60 anos ou mais de idade, por sexo				
	Absoluto			Relativo (%)	
	Total	Homem	Mulher	Homem	Mulher
<b>Brasil</b>	<b>14 536 029</b>	<b>6 533 784</b>	<b>8 002 245</b>	<b>44,9</b>	<b>55,1</b>
Norte	707 071	355 580	351 491	50,3	49,7
Nordeste	4 020 857	1 827 210	2 193 647	45,4	54,6
Sudeste	6 732 888	2 940 991	3 791 897	43,7	56,3
Sul	2 305 348	1 029 514	1 275 834	44,7	55,3
Centro-Oeste	769 865	380 489	389 376	49,4	50,6

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Outro dado interessante, constado pelo IBGE, refere-se à distribuição urbana-rural da população idosa inserida no contexto de crescente processo de urbanização no Brasil.

Segundo o IBGE, a proporção de idosos residentes nas áreas rurais passou de 23,3%, em 1991, para 18,6%, em 2000. O grau de urbanização da população idosa acompanhou a tendência da população total, ficando em torno de 81% em 2000. Ou seja, na maior parte do mundo, a quantidade de pessoas idosas que vivem em áreas urbanas aumentou consideravelmente.

Para corroborar esses dados, Freitas (2004) coloca que no Rio de Janeiro, cidade com cerca de 5.850 milhões de habitantes, encontramos 708 mil idosos, predominantemente na Zona Sul e Tijuca, sendo que, no bairro de Copacabana, há 28% destes. A autora apresenta ainda que, entre os Estados da União, a migração rural atua como elemento causal na determinação do envelhecimento de determinadas regiões, conseqüentemente nos fatores de ordem econômica e social.

Nesse sentido, é importante destacar que embora tenha havido um significativo crescimento da população idosa brasileira, esta não veio acompanhada de melhorias nas condições de vida, mas sim por profundas desigualdades na distribuição de renda e serviços. (GOLDMAN, PAZ, 2005). Desta forma, a grande maioria dos idosos brasileiros possui uma renda média de até 1 salário mínimo, o

que geralmente, não lhes garante viver com dignidade enquanto cidadão. Tal situação é ainda mais grave quando essa é a única fonte do sustento familiar, como constatou o IBGE ao comprovar o relevante aumento dos domicílios sob a responsabilidade dos idosos. (IBGE, 2002)

## **1.2. Representações sociais dos idosos num contexto neoliberal: criação de esteriótipos, estigmas e preconceitos**

As dificuldades encontradas com relação ao fenômeno do envelhecimento no Brasil são tamanhas. Isto porque vivemos em um país onde prevalece e se acentua um quadro economicamente desigual, no qual significativa parte dos idosos se encontra na pobreza, situando-se em plena exclusão sócio-econômica, que os obriga a conviver com o sofrimento, a violência e a discriminação social (PAZ, 2000).

Podemos observar em nosso dia-a-dia as inúmeras formas pelas quais o preconceito e a discriminação contra os idosos se manifesta.

Para Mercadante (2003), a velhice é ao mesmo tempo natural e cultural; se apreendida como fenômeno biológico, é natural e portanto universal, mas é também cultural na medida em que se reveste de conteúdos simbólicos, os quais vão informar as ações e as representações dos sujeitos.

Beauvoir (1990) também nos orienta teoricamente para a compreensão da velhice como um fenômeno biológico e cultural, além de acrescentar o aspecto social no entendimento da velhice em sua totalidade. Portanto, para esta autora, a velhice é um fenômeno biossociocultural representado por uma totalidade complexa.

Para termos uma idéia da complexidade do tema, podemos, a princípio, refletir sobre as inúmeras denominações designadas ao grupo etário em questão: velho, velhote, ancião, idoso, geronte; os termos variam e freqüentemente há dúvida quanto ao mais adequado. Há ainda as diversas denominações relacionadas a esta parcela da população: velhice, terceira idade, feliz idade, melhor idade. Mas essas várias designações, conforme afirma Goldman (2000), tentam suavizar a estigmatização que os idosos vivem no cotidiano. *“Importa mais que a rotulação, a superação do estigma a que os idosos são submetidos e a significação na trajetória de suas vidas na busca do espaço de construção de suas cidadanias enquanto sujeitos históricos.”* (GOLDMAN, 2000, p. 13).

Segundo Mercadante (2003), a noção de estigma é bastante esclarecedora no sentido de auxiliar o entendimento da velhice, pois esta no seu sentido estigmatizado, propõe uma avaliação ampliada a partir da aparência do corpo envelhecido para a mente. Há assim uma correlação explícita entre corpo e mente, entre o declínio físico e, conseqüentemente, da deterioração da mente. A autora coloca que o termo estigma não esgota seu significado nos atributos depreciativos, mas se explica, também, por envolver relações sociais entre os assim denominados “normais” e aqueles estigmatizados, denominados “anormais”. (MERCADANTE, 2003)

O problema do envelhecimento, a princípio, dizia respeito aos países europeus, norte-americanos e ao Japão. Isso porque nesses países a população dispunha de melhores condições de vida. Enquanto o Brasil, até a década de 70, era tido como um país de jovens. Esse cenário vem sofrendo modificações nos últimos 30 anos, devido a um acelerado processo de envelhecimento ocasionado pela inversão da nossa pirâmide etária. (SILVA, 2003).

Diante das transformações políticas, sociais, econômicas e culturais num contexto neoliberal, a crescente parcela da população idosa no Brasil envelhece sem muitas oportunidades, por conta da ideologia dominante, e no seu cotidiano, vive o tipo de vida que foi possível construir ao longo desse processo.

Segundo Paz,

*O que se confirma e se constata é que, cada vez mais, o denominado projeto neoliberal que vem sendo implementado volta-se exclusivamente para maior acumulação do capital; em contrapartida, realizam-se privatizações, sucateamento de programas sociais, restrição às políticas públicas/sociais, que sob a regência de um Estado cada vez mais ausente e mais comprometido com a classe econômica dominante, impõe à classe trabalhadora (crianças, jovens, adultos e aposentados), em especial aos idosos, ainda mais isolamento, distanciamento e exclusão social. Desse modo, os velhos (trabalhadores aposentados) são duplamente atingidos por um “asilamento” etário e social. (PAZ, 2000, p. 47)*

Observamos, então, que a condição do velho atualmente não tem revelado grandes alterações se comparada há tempos passados, mas sim a urbanização e a industrialização acentuaram as desigualdades, que associadas aos preconceitos e estigmas, vêm demonstrando que as experiências acumuladas com o decorrer da vida não estão sendo aceitas pelos mais jovens. Assim, o conhecimento deixa de ser



transmitido de geração a geração, como ocorria em outras épocas, e hoje, embora o idoso tenha direitos garantidos legalmente, a sociedade tem acirrado os valores negativos em relação a velhice, juntamente com o modelo neoliberal que coloca em risco os direitos até então conquistados. (SILVA, 2003).

Nesse sentido, cria-se um modelo social amplo e geral de velho, presente no imaginário da sociedade, onde as qualidades atribuídas a esta parcela da população são estigmatizadoras e contrapostas às atribuídas aos jovens. Assim, qualidades como atividade, produtividade, memória, beleza e força são características destinadas aos jovens, enquanto as qualidades opostas são destinadas aos idosos. Tal modelo social ideológico ao atribuir qualidades negativas aos velhos, nega-lhes a possibilidade de pensar novas formas de vida futura, formas alternativas para a velhice. Isso faz com que os próprios idosos classifiquem os outros idosos pejorativamente. (MERCADANTE, 2003).

*O que há é uma fuga pessoal ao modelo apresentado pelos idosos. Assim sendo, o modelo serve para situar os “outros”, os “velhos”, e não cada um indivíduo particular. Entendemos que esta fuga se coloca como um elemento importante e negador da visão ideológica de velho e com possibilidades de inaugurar uma outra forma diferente e pessoal de ser velho. (MERCADANTE, 2003, p. 56;57).*

Barros (2004) coloca que as diferentes culturas sempre construíram significados, elaboraram periodizações e desenvolveram sentidos e práticas próprios para cada etapa da vida. Porém, na sociedade moderna, a periodização do curso da vida é institucionalizada e pensada a partir da concepção individualista da pessoa.

*Existimos socialmente porque temos uma identidade definida basicamente pelo sexo e pelo dia, mês e ano de nascimento. Temos um Estado nacional com legislações que estipulam datas para a escolarização, para o casamento, para a entrada e saída do mundo do trabalho. (BARROS, 2004, p. 44).*

Assim, as noções de crise de idade e de conflitos intergeracionais ganham sentido no contexto da cultura individualista e da institucionalidade do curso da vida. A partir disso, as passagens de um momento para outro são percebidas como dramas individuais vividos como experiências únicas. Dessa forma, a cultura individualista da sociedade contemporânea constrói uma rede de significados para essas experiências, que dá aos indivíduos modelos de ação e condições de interpretação da realidade.

Isso faz com que as crises e os conflitos sejam internalizados como fatos individuais de ordem privada. Tais crises e conflitos vão se desenrolar na família, espaço das emoções, da privacidade e da intimidade.

Segundo Beauvoir,

*Todo mundo sabe: a condição das pessoas idosas é hoje escandalosa. Antes de examiná-la em detalhe, é preciso tentar entender por que a sociedade se acomoda tão facilmente a essa situação. De maneira geral, ela fecha os olhos para os escândalos e os dramas que não abalam seu equilíbrio; não se preocupa mais com a sorte das crianças abandonadas, dos jovens delinquentes, dos deficientes, do que com a dos velhos. Nesse último caso, entretanto, sua indiferença parece, a priori, mais surpreendente; cada membro da coletividade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos. Como explicar sua atitude? É a classe dominante que impõe às pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela. (BEAUVOIR, 1990, p. 265).*

A relação entre a pessoa idosa e o contexto social no qual ela se insere se faz extremamente necessária no sentido de entendermos esse comportamento hostil da sociedade e do Estado com tal parcela da população.

Silva (2003) ao citar Rodrigues (2000) e Zalman Schachler-Shalomi e Ronald S. Miller (1996) afirma que o processo de envelhecimento ao ser analisado numa visão histórica, relatando as diferentes formas de inclusão ou exclusão dos velhos das relações sociais nas diferentes épocas e sociedades, mostra que sua representação baseava-se nos direitos e deveres determinados pelos valores de cada cultura. Portanto, o papel do velho foi determinado por usos e costumes vigentes em cada cultura e contexto histórico estrutural, isto é, o estatuto da velhice é imposto ao ser humano pela sociedade à qual pertence, sendo influenciado pelos valores culturais, sociais, econômicos, e psicológicos, que determinarão o papel e o “status” que o velho terá. (SILVA, 2003).

Vivemos em um país que tem uma cultura que valoriza o novo e despreza e ridiculariza o velho. O velho é sempre feio, ultrapassado, inútil, improdutivo, inativo, enquanto o novo é sempre belo, moderno, útil, produtivo, ativo, valorizado e capaz de realizar tudo. Esse é o padrão imposto pela cultura dominante, pelas idéias neoliberais, que defendem a produtividade sem limites, o consumo alienado, e principalmente o lucro a qualquer preço. Assim, aquele que não se enquadra no

modelo hegemônico imposto pela classe dominante está à margem do que é esperado pela sociedade e pelo Estado. Em decorrência disto, grande parte da população idosa sofre com discriminação, marginalização, preconceito, tanto na esfera doméstica quanto nos espaços públicos.

A todo o momento presenciamos em nosso cotidiano as diversas formas de desrespeito com a população idosa, em diferentes espaços sociais: nos meios de transportes, nas vias públicas, no acesso a determinados locais, nas agências bancárias, na mídia, no bate-papo entre amigos, nos supermercados, entre outros.

De acordo com Paz (2000), através da imagem podemos buscar compreender os elementos de formação do imaginário social sobre a velhice e, em especial, como se constitui o conjunto de representações e significações sociais que criam, alimentam ou reforçam idéias, pensamentos e imagens dos velhos que, geralmente, atuam no processo de discriminação social.

Segundo Paz,

*Tais processos se apresentam, assim, como formas de exclusão e de violência ao segmento idoso e se mostram presentes no cotidiano e em estreita relação com a realidade social, são apropriadas, fomentadas e disseminadas pela sociedade. Dentre algumas, se torna muito comuns as imagens que se dão a partir da distinção e da qualificação entre os produtivos e os 'inativos', os belos e os feios, os bons e os maus. (PAZ, 2000, p. 44).*

O autor ressalta a importância de estarmos atentos e conscientes ao movimento de “re-privatização” da velhice, para que possamos apreender as formas de manipulação, mistificação ou ocultação da realidade ou de outras formas de discriminação, estereotipização, coisificação, que acabam por delegar aos velhos um lugar ou um não lugar. Tais idéias podem contribuir para a construção de uma identidade ou a perda dela, que pode se desdobrar em meios de isolamento, asilamento e morte social. (ELIAS, 1986 apud PAZ, 2000).

O processo de envelhecimento, sendo uma etapa da vida, atinge todas as gerações e independe de classe social, gênero, etnia, religião, nacionalidade, opção sexual e condição física. Ou seja, tal processo ultrapassa essas barreiras e, portanto, deve ser pensado de maneira natural e não estigmatizada.

Atualmente, mesmo que as etapas do ciclo evolutivo humano estejam sendo discutidas, o velho ainda é encarado como aquele que guarda na memória um

passado pouco útil que tantas vezes é desconsiderado. Todo preconceito e tabus que foram estabelecidos pelos grupos sociais de acordo com o passar do tempo, contribuíram para estabelecer a imagem de que ao velho resta apenas aguardar a morte chegar. Ou seja, a nossa cultura, de maneira simplista e despreocupada, embute no velho o estigma da perda, não valorizando sua maturidade. (SALGADO, 2000).

Segundo Salgado (2000), as sociedades reprimem os velhos a tal ponto que os mesmos perdem sua individualidade, sendo transformados em pessoas sem vontade própria e dependentes, com uma relação paternalista e tutelada com aqueles que estão a sua volta.

Infelizmente, observa-se que não faz parte da cultura brasileira a intenção de construir novos paradigmas que reflitam a respeito do processo de envelhecimento. Ao contrário, existe uma cultura do novo e do jovem. Nela são exaltados determinados padrões ideais de beleza, corpo, potencial físico e depreciados aquilo que é velho, obsoleto, dependente, lento. Isso influencia e contribui para aumentar o medo de envelhecer e o processo de exclusão da pessoa idosa, pois tudo que é velho, geralmente é associado a algo ruim. (SALGADO, 2000; GOLDMAN, 2003; SILVA, 2003; BARROS, 2004).

Portanto, a maior parte das pessoas envelhece de maneira inconsciente e desagradável.

Nesse sentido, é importante compreender a maturidade e a velhice como um tempo de planejar, sonhar, projetar e refazer projetos, buscar prazer e qualidade no decorrer da vida. Esses indivíduos precisam se sentir úteis, capazes, valorizados, autônomos e respeitados, como todo e qualquer ser humano independentemente da idade, pois esta embora constitua um dado importante, não determina a condição da pessoa.

### **1.3. Aparecimento do idoso como ator social no cenário brasileiro**

Estamos em um país onde os jovens por muito tempo foram o alvo preferencial das preocupações sociais e acadêmicas. Sendo assim, em vários momentos da nossa história, o Brasil foi classificado como um país jovem. Dessa forma, os problemas da velhice eram deixados nas esferas privadas da família.

(BARROS, CARDOSO, 2004). A publicização da velhice como questão social tem uma história recente em nosso país, e está ligada aos seus significados em nossa sociedade. Assim, *“o tema só emerge enquanto fenômeno social de alta relevância a partir do nosso século, testemunha de maior expectativa de vida e de avanços nas áreas da saúde, do saneamento básico, da tecnologia e da questão ambiental”* (GOLDMAN, 2003, p. 17).

Segundo Barros (2004), na antropologia brasileira, a década de 1970 é marcada pelo debate sobre identidade social e, nas pesquisas na área urbana, a discussão sobre desvio social e estigma esteve no centro das questões sobre relações sociais. Enquanto isso há uma sensibilidade para novas formas de organização social e de expressão das identidades sociais numa sociedade em transformação em suas diferentes esferas.

Portanto, a antropologia procurou acompanhar os processos sociais e desenvolver teórica e metodologicamente condições de resposta para as suas indagações sobre a realidade social. Neste sentido, a velhice e o processo de envelhecimento passam a se constituir como campo de investigação da antropologia na medida em que podem contribuir para a compreensão das mudanças sociais e das relações sociais, tanto da nossa sociedade como de outras. Por outro lado, ao tomar a velhice como objeto, a própria antropologia contribui para a sua focalização no contexto social e político.

A conotação negativa do vocábulo “velho” data dos anos 60, porque o objeto velhice só entrou no cenário brasileiro há pouco tempo. (PEIXOTO, 1998).

De acordo com Peixoto,

*Os documentos oficiais publicados antes dos anos 60 denominavam as pessoas pertencentes a esta faixa de idade simplesmente velhas. Vejam o texto do Instituto Nacional de Previdência Social: “dada a preponderância marcante de pessoas jovens em nossa população, a elevada taxa de natalidade, a baixa expectativa de vida, a pequena renda média per capita e alta incidência de doenças em massa, os programas de saúde no Brasil devem, necessariamente, concentrar seus recursos no atendimento das doenças da infância e dos adultos jovens. A assistência ao velho, é forçoso reconhecer, deve aguardar melhores dias.” (PEIXOTO, 1998, p. 77).*

Nesse período, o termo “velho” começa a ser questionado, pois era utilizado para designar as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentavam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio. Assim,

as ações em favor da mudança de nomenclatura se multiplicam, e as análises sociológicas, antropológicas e os textos demográficos acompanham a mesma mudança conceitual, momento em que se passa a empregar o termo idoso com mais frequência. (PEIXOTO, 1998).

Segundo Peixoto (1998), a primeira concessão ao direito à aposentadoria no Brasil data do final do século passado. Entretanto, foi só a partir dos anos 20, com a elaboração da Lei Eloi Chaves, que criou as caixas de aposentadoria e pensão (CAPs), é que se desenvolveu um sistema de proteção social no interior das empresas.

Nos anos 30, o sistema de aposentadorias estendeu-se à maior parte das categorias profissionais, e em 1993 cria-se o primeiro fundo de aposentadoria por categoria profissional.

Em 1960, a criação da Lei Orgânica da Previdência Social, ao uniformizar as legislações dos diversos institutos de previdência social, aposentadorias e pensões, possibilitou, em 1966, uma nova lei em que foi estabelecido o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Nesse momento, a Previdência passa a ser questão social de ordem pública.

Diante de tais alterações no contexto brasileiro, em 1973, houve a criação, pelo Ministério do Trabalho e pelo INPS, da aposentadoria-velhice; concedida aos homens de mais de 65 anos e às mulheres de mais de 60 anos. Também foi estabelecido o decreto-lei de 1974, que consistiu em uma renda mensal vitalícia (60% do salário mínimo) para as pessoas com mais de 70 anos.

Mas, somente em 1988, através da Constituição Brasileira, também conhecida como Constituição Cidadã, que se reconheceu pela primeira vez a importância da questão da velhice, e se estabeleceu que o valor da aposentadoria deveria basear-se no salário mínimo.

Goldman e Paz (2005) apontam os ganhos dos idosos com a Constituição de 1988, são eles:

- o voto facultativo para os maiores de 70 anos (art. 14 § 1º. II b);
- a isenção de impostos para os maiores de 65 anos cuja renda total seja exclusiva de rendimentos do trabalho (art. 153 III § 2º. II);
- a assistência social à velhice (art. 203 I);

- o benefício mensal de um salário mínimo para idosos que comprovem carência (art. 203 V), mais tarde regulamentado como benefício de prestação continuada;
- o amparo recíproco entre pais e filhos (art. 229); no amparo da família, da sociedade e do Estado às pessoas idosas (art. 230 § 1º) e a gratuidade nos transportes coletivos urbanos para as pessoas de 65 anos e mais (art. 230 § 2º);
- a aposentadoria proporcional por tempo de serviço;
- a aposentadoria por idade;
- a pensão por morte para viúva e viúvo;
- o cálculo do benefício baseado na média dos últimos 36 salários de contribuição corrigidos monetariamente; os benefícios não poderiam ser inferiores ao salário mínimo e ao reajuste dos benefícios vinculados ao salário mínimo. (GOLDMAN, PAZ, 2005, p. 49;50).

Conforme Constituição Brasileira Federal de 1988, “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de cuidar dos idosos, assegurando-lhes uma participação na vida comunitária, protegendo sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida.” (CF 88, art. 230 apud PEIXOTO, 1998).

Goldman e Paz (2005) registram que esta foi a primeira grande ocasião que deu visibilidade à causa dos idosos, aposentados e pensionistas. Segundo os autores, “os idosos de todas as partes do Brasil demonstraram sua força política nas galerias do Congresso, na Praça dos Três Poderes, nas inúmeras passeatas, dentre outras manifestações públicas.” (GOLDMAN, PAZ, 2005, p. 49).

A partir das modificações na legislação brasileira acentuaram-se a representação social do aposentado, que passa a ser fortemente associada à velhice, e as pessoas aposentadas, consideradas não-produtivas, são designadas velhas, independente da idade. Conseqüentemente, o ciclo de vida é reestruturado, e se estabelece três grandes etapas: a infância e a adolescência (tempo de formação), a idade adulta (tempo de produção), e a velhice (tempo do não-trabalho e do repouso). (PEIXOTO, 1998)

Assim, como afirma Paz (2000),

*O segmento idoso vem tolerando constantes e permanentes violações à sua cidadania social, política e econômica, de forma tão grave à sua dignidade humana. Particularmente, amplia-se o desrespeito e a desconsideração aos seus direitos sociais (trabalhistas), conquistados pela luta dos trabalhadores, principalmente a partir da década de 30 e, hoje, praticamente eliminados pelas atuais Reformas (neoliberais) do Estado.* (PAZ, 2000, p. 47).

Contudo, para superar tais dificuldades e alcançar melhores condições de vida, grupos e movimentos sociais vêm se organizando e reivindicando direitos sociais adquiridos em legislação, além da conquista de outros.

Assim, os assuntos referentes à população idosa no Brasil vêm conseguindo obter maior visibilidade, e isso decorre, além de outros fatores, do aumento na participação da própria população em questão, que ao longo dos anos saiu em defesa da garantia dos seus direitos de cidadania junto aos conselhos e organizações competentes. (GOLDMAN, 2003, 2005; PAZ, 2005).

Dessa forma, surgiu da sociedade civil organizada em suas várias instâncias de reivindicação, a aprovação do Estatuto do Idoso. O Estatuto do Idoso é um instrumento de defesa importante para que os idosos façam valer os seus direitos enquanto cidadãos e sejam considerados e valorizados por representarem uma parcela de incomparável experiência familiar, profissional e de cidadania.

*A garantia dos direitos sociais da população idosa constitui uma resposta ao acelerado processo de envelhecimento demográfico enquanto uma questão social, exigindo respostas urgentes diante da particularidade que envolve esta etapa da vida humana, associada à inexistência de políticas preventivas. (SILVA, 2003 : 95).*

Nesse sentido, a história política brasileira tem exemplos de como a população de idosos e de aposentados tem mostrado força, através do movimento organizado em fóruns, conselhos, associações, entre outros, na luta por seus direitos de cidadania. (GOLDMAN, PAZ, 2005).

Entre os anos 80 e 90, o movimento do idoso, segundo Paz (2004), foi tímido, porém, na década de 90, a velhice se apresenta com maior visibilidade, ganhando espaço não só nos dados estatísticos, mas também no cotidiano e na mídia.

A organização e mobilização dos idosos, nos anos 90, foram marcantes desde a “Lei do Idoso” (Lei 8.842/94). A referida lei levou à criação dos Fóruns da Política Nacional do Idoso e da maioria dos Conselhos de Idosos. Ainda assim se fazia necessário a criação de uma lei que orientasse todas as ações e direitos, que não dependesse de regulamentação. Então, surgiram propostas para criação do Estatuto do Idoso no Congresso Nacional. Dessa forma, após dois anos de tramitação no Congresso, este foi aprovado em outubro de 2003, entrando em vigor a partir de 1º de janeiro de 2004. (GOLDMAN, 2005; PAZ, 2004; 2005).



Considerando a articulação entre o movimento dos idosos e o movimento dos aposentados na trajetória dos movimentos sociais, Paz (2004) ressalta que enquanto o movimento dos idosos demonstrava-se mais tímido, frágil e precário, o movimento dos aposentados era mais expressivo no momento. Uma outra diferença apontada, refere-se ao protagonismo de ambos os movimentos, visto que os protagonistas do movimento dos aposentados são os próprios aposentados, enquanto no movimento dos idosos, até o início do século XX, os protagonistas são “porta-vozes ou representantes de entidades técnico-científicas”. Como por exemplo: a Associação Nacional de Gerontologia (ANG), a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e a Associação Cearense de Proteção ao Idoso (ACEPI).

Portanto, a invisibilidade a que era relegada grande parte da população idosa brasileira é quebrada, sobretudo a partir dos anos 90, com a criação de espaços de debate e definição de políticas, onde o próprio idoso aparece como ator social no cenário brasileiro. Este é o início de uma longa jornada, pois muitos ainda não conhecem seus direitos e deixam de participar destes espaços.

Nesse sentido vale ressaltar alguns destaques a nível nacional:

- Na luta dos aposentados: “Movimento dos 147%” durante o governo Collor;
- Na luta dos idosos: “Caminhada das Gerações” ocorrida na cidade do Rio de Janeiro em 1997.

Constata-se então, que a articulação do movimento dos trabalhadores aposentados e o dos idosos<sup>7</sup> se descobre nos vários manifestos produzidos por este, na busca de melhorias na Previdência Social ou garantia de aposentadoria, e por aquele, ao absorver demandas referentes a políticas para idosos, além da instalação de Conselhos de Idosos.

Nesse contexto, a mídia demonstrou papel importante na divulgação da situação dos idosos. No início restringiu-se a dramas vividos pelos idosos, depois mudou para uma visão mais apurada e diversificada do envelhecimento.

Tendo por base as análises de Paz (2004), podemos refletir sobre a importância da criação e existência dos espaços de debate e discussão das questões relativas ao processo de envelhecimento e, conseqüentemente, aos seus atores, nos Fóruns e Conselhos, que são instrumentos fundamentais para organização e consolidação do movimento dos idosos. Nesse sentido, é importante

---

<sup>7</sup> Vinculação não explícita até os anos 90.

ressaltar também as alianças com as instituições e outros segmentos com interesses comuns, pois a vitalidade e o fortalecimento desses movimentos dependem da participação direta dos grandes protagonistas dessa história de luta por direitos.

De acordo com Paz,

*É com essa presença e participação, em todos os níveis, que os idosos estão a nos mostrar que são belos velhos - trabalhadores -, tanto no passado quanto no presente, permanecerão sempre trabalhadores e, como tal, compartilham dessa identidade e, assim, continuarão a contribuir na construção desta nação, no seu desenvolvimento social, econômico e cultural. (PAZ, 2000, p. 81).*

Toda a luta protagonizada pelos idosos brasileiros, em prol de seus direitos enquanto cidadãos, deve fazer com que tal parcela da população se sinta vitoriosa pelas conquistas adquiridas, e por isso devem continuar lutando e se organizando para dar ainda mais visibilidade aos seus interesses.

## II. TRABALHO DE PROMOÇÃO SOCIAL, QUALIDADE DE VIDA E SERVIÇO SOCIAL

O fato de existirem diferentes formas de velhice e de envelhecer, na medida em que se configura em um processo influenciado por diversas dimensões (social, política, econômica e cultural), ao pensar a temática do envelhecimento, é importante considerar não apenas a questão aparente da ampliação dos contingentes de idosos em todas as sociedades, mas fundamentalmente, a qualidade do envelhecer dessa população. Isto é, o fenômeno do envelhecimento está colocado enquanto demanda, tal parcela da população está crescendo e ganhando espaço, a expectativa de vida está aumentando cada vez mais, e o que está sendo feito no sentido de proporcionar melhor qualidade de vida a essas pessoas? Segundo Goldman (2003), *“Acrescentar tempo à vida requer, concomitante, qualificar esse tempo, para que a velhice não seja um encargo, mas uma etapa de vida com possibilidades de realizações pessoais e sociais”*. (GOLDMAN, 2003, p. 10). E uma das formas de proporcionar qualidade de vida aos idosos, é oferecer espaços que desenvolvam atividades que buscam a promoção social da pessoa idosa enquanto cidadã.

O imenso contingente de pessoas idosas em nosso país, lamentavelmente, sofre por conta de um processo de exclusão social, que se dá nas dimensões econômicas, em decorrência da diminuição do poder aquisitivo, devido as baixas aposentadorias e pensões; social, ocasionada pelas diferentes manifestações de preconceito e discriminação; política, visto que muitas vezes são alijados dos processos decisórios e não tem respeitados seus direitos de cidadania; e cultural, devido a desvalorização da memória, da sabedoria, da experiência, inerentes a estas pessoas.

Assim, ao considerarmos a complexidade das questões colocadas na sociedade moderna, com relação a este tema podemos pensar: por um lado temos o avanço nas conquistas no campo social e da saúde, ainda que muito aquém da necessidade, o que proporcionou a longevidade dos indivíduos; mas por outro, estamos diante do fenômeno do envelhecimento, enquanto um processo que representa novas demandas por serviços, benefícios, cuidados, atenções e

mudanças de várias ordens. Mudanças estas que se constituem em desafios presentes e futuros para governantes e sociedade em geral.

O aumento da expectativa de vida e do número de idosos no Brasil, tornou a velhice numa questão de relevância pública, ou seja, ela deixou de ser responsabilidade apenas da família. Isso acarretou, sobretudo, consequências econômicas, na medida em que a idade mais avançada tem um custo social elevado, ao determinar por mais tempo a manutenção do salário-aposentadoria e a necessidade de equipamentos institucionais específicos.

Segundo dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT), para o ano de 2020, nos países industrializados, estima-se a existência de cerca de 270 milhões de pessoas inativas, com mais de 55 anos, o que significa 38 idosos aposentados para cada 100 cidadãos ativos. Diante de tal fato, cria-se a necessidade de efetivas transformações sócias, políticas, econômicas e culturais, que possibilitem melhor qualidade de vida aos idosos e também àqueles que estão em processo de envelhecimento.

Nesse sentido, a saída do mercado de trabalho para as pessoas idosas representa profundas mudanças em relação ao estilo de vida. Essas mudanças exigem um período de adaptação, visto que parar de trabalhar significa a perda do status profissional e a perda de papéis junto à família e à sociedade. Sendo assim, as pessoas aposentadas ou as que estão prestes a ser aposentar, na maioria das vezes não são preparadas para isso, portanto, não sabem lidar com o tempo livre e acabam se entregando à ociosidade e muitas vezes perdem a vontade de ter uma vida social ativa.

De acordo com Pacheco (2005), *“... a aposentadoria representa um rito de passagem para a velhice, etapa do desenvolvimento humano tão temida e indesejada perante a desvalorização do velho no mundo ocidental.”* (PACHECO, 2005, p. 60).

Desta forma, observa-se que a situação do idoso no Brasil se agrava frente a ausência de políticas sociais adequadas e o desinteresse na elaboração de políticas públicas que possam propiciar a esta parcela da população uma vida digna, com direito à saúde, a uma boa alimentação, à cultura, ao lazer, à educação e principalmente à vida com qualidade. Em decorrência disto, acabam assimilando os preconceitos e estigmas construídos historicamente pela sociedade, que reflete e reforça este tipo de postura, ao acreditar que por essas pessoas não participarem

mais do processo de produção, são inúteis e representam gastos para o Estado, restando lhes portanto esperar a morte chegar. Porém, pensar dessa forma é uma ignorância, pois a população que hoje se encontra aposentada, na terceira idade, certamente, já trabalhou muito e conseqüentemente, contribuiu muito também; o que a faz possuidora de direitos enquanto cidadãos. (SALGADO, 2000; SILVA, 2003; GODOY e RIBEIRO, 2005; PACHECO, 2005).

O idoso deve fazer parte da vida nacional e não ficar à margem dela. Por isso, se a questão do envelhecimento para o Estado representa um problema social, político, econômico e cultural, na qual percebemos o distanciamento entre as disposições legais e a realidade brasileira dos idosos, algo precisa ser feito no sentido de tentar modificar tal situação.

Portanto, considerando o Serviço Social uma profissão que tem a questão social como área de atuação, e um Código de Ética Profissional<sup>8</sup> baseado, dentre outros, nos Princípios Fundamentais de reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes; defesa intransigente dos direitos humanos; ampliação e consolidação da cidadania; defesa do aprofundamento da democracia; posicionamento em favor da equidade e justiça social; empenho na eliminação de todas as formas de preconceito; opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária; compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população, e no exercício do Serviço Social sem ser discriminado, nem discriminar, por questões de inserção de classe social, opção sexual, idade e condição física; encontra nas demandas colocadas em decorrência do processo de envelhecimento, o importante papel de contribuir para a melhoria das condições de vida da pessoa idosa.

## **2.1. DEFININDO O TRABALHO DE PROMOÇÃO SOCIAL NA TERCEIRA IDADE**

Diante do crescimento significativo da população idosa no mundo e da tendência ao aumento da expectativa de vida, a necessidade de se pensar em formas de atendimento dessa parcela da sociedade, que cada vez mais ganha

---

<sup>8</sup> Instituído em 1993, foi fruto da necessidade de aprimorar o Código de 1986 e configurou-se a partir de um debate nacional no Serviço Social.

espaço e visibilidade, é um fato que deve ser colocado dentre as principais ações do governo e da sociedade civil como um todo.

Ao entendermos o processo de envelhecimento como um fenômeno multifacetado, que vai além do fator demográfico, podemos concluir que este constitui-se em uma questão que está colocada enquanto demanda, e por isso ao ser analisada deve ser articulada à conjuntura, à estrutura social, à política, à educação, à cultura, ao lazer, a toda sua complexidade.

Nesse sentido, ao se pensar na temática do envelhecimento, é importante considerar não apenas a questão aparente da ampliação dos contingentes de idosos em todas as sociedades, mas também pensar fundamentalmente na qualidade do envelhecer dessa população.

É notável a importância de tratarmos essa questão com a devida relevância que está sendo apresentada no cenário brasileiro. Nesse sentido, pensar somente no processo de envelhecimento não é suficiente, é preciso pensar fundamentalmente na qualidade desse envelhecer articulado, sobretudo, ao aproveitamento do tempo livre que a maioria da população idosa dispõe em decorrência da aposentadoria.

O trabalho de promoção social é um processo educativo, não-formal, participativo e sistematizado, que visa o desenvolvimento de aptidões pessoais e sociais do indivíduo e de sua família, numa perspectiva de maior qualidade de vida, consciência crítica e participação na vida da comunidade. Ou seja, é um trabalho que necessariamente, para ter bons resultados, precisa de planejamento, propostas, finalidade, objetivo, e não apenas ser executado.

Dessa forma, o trabalho de promoção social na terceira idade não se limita às atividades de lazer voltadas simplesmente ao divertimento, ao contrário, este trabalho amplia seu conceito, na medida em que tem a finalidade de integrar a pessoa idosa na sociedade, através de um lazer criativo e não produzido<sup>9</sup>.

A diferença de um para o outro está na participação do próprio idoso, que deve ser o protagonista da atividade em todo o seu processo: planejamento, execução e avaliação; isto é o lazer criativo; enquanto o lazer produzido é aquele que vê o idoso como um mero expectador. Assim, não planejam a atividade e não a realizam a partir dos interesses do público alvo.

---

<sup>9</sup> Termo utilizado na supervisão de estágio pela Assistente Social da Aposvale, Beatriz Freire da Costa.

Dessa forma, coloca Melo e Alves Junior (2003),

*(...) não é possível pensar no lazer como um fenômeno pacífico, inocente, ingênuo ou dissociado de outros momentos da vida. O moderno fenômeno do lazer foi gerado de uma clara tensão entre as classes sociais e da ocorrência contínua e complexa de controle/ resistência, adequação/ subversão. Estamos falando de um conjunto de ações traçadas e implementadas no grande palco de lutas das organizações sociais. Devemos estar atentos para compreender a articulação entre política, economia e cultura no âmbito do lazer, o que não significa submetê-lo a qualquer desses ordenamentos: existe uma especificidade no fenômeno lazer que deve ser compreendida, até para melhor balizar nossas propostas de intervenção.* (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p. 10).

Portanto, o trabalho de promoção social na terceira idade aqui definido, se refere àquele que busca realmente promover socialmente a pessoa idosa, propondo alternativas e possibilidades por meio de atividades lúdicas, de lazer, de entretenimento, de criatividade, de informação, de participação, ou seja, atividades que tenham por objetivo resgatar a condição social, política, econômica e cultural deste grupo etário.

Envelhecer com qualidade de vida. Essa é a grande questão, visto que é uma difícil tarefa ao analisarmos a situação atual do país. Isso faz com que muitos tenham medo de envelhecer. Mas, *“envelhecer não significa ficar doente”*, como explicam Galera e Cabrera. (GALERA; CABRERA, 2005 p. 89). Contudo, de acordo com Pacheco (2005), *“a aposentadoria, por ser considerada um rito de passagem para a velhice, acentua sua vinculação à terceira idade, numa sociedade de consumo na qual apenas o novo é cultuado como fonte da renovação, do desejo, da posse.”* (PACHECO, 2005, p. 65).

Nesse sentido, sendo o envelhecimento uma etapa da vida, assim como as outras etapas da vida (fase da infância, fase da adolescência e fase adulta), implica em um período de transformação. E toda transformação se dá por meio de um processo que requer um período de adaptação. Portanto, a perda da identidade pessoal, provocada na maioria das vezes pela aposentadoria, na qual a pessoa por um lado apesar de ganhar tempo livre para fazer determinadas coisas que anteriormente não seria possível, por outro lado acaba perdendo a referência, o compromisso do dia-a-dia, o círculo de amizades, a sensação de sentir-se produtivo e útil, e a isso se soma os problemas da diminuição radical dos papéis maternos e paternos por conta da saída de casa dos filhos, devido a diferentes situações:

ansiedade e frustração pela ausência de perspectivas quanto ao futuro, sentimentos de inferioridade pelo rebaixamento da auto-estima e da auto-imagem, devido às transformações no corpo, tendência à reclusão pelo medo de sair de casa ou por já não mais ter vontade e ânimo para sair do ambiente doméstico, a sensação de ser alvo de preconceitos e discriminações sociais, o tédio crescente em relação ao tempo ocioso, a angústia ou depressão decorrente da solidão e da prioridade dada ao tempo já vivido e não ao tempo que tem pela frente, a falta de objetivos, a impressão desagradável de sentir-se deslocado no tempo e no espaço em contraposição às efêmeras mudanças nos usos e nos costumes, a percepção real ou imaginária de ser um cidadão ou cidadã ultrapassado, por causa da resistência ou falta de adaptação aos avanços tecnológicos e científicos, além de outros fatores.

Diante das questões apresentadas, inerentes ao processo de envelhecimento, o trabalho de promoção social visa atender a pessoa idosa em sua integralidade, realizando ações de caráter social, com o objetivo de integrar, motivar, incentivar, reconhecer e conscientizar essa parcela da população sobre seus direitos de cidadania para exercê-los.

## **2.2. SERVIÇO SOCIAL: PROPORCIONAR TEMPO LIVRE COM QUALIDADE NA BUSCA DE PROMOVER SOCIALMENTE A PESSOA IDOSA**

Atualmente, a grande questão do processo de envelhecimento é a busca pelo envelhecimento com saúde e, conseqüentemente, a conquista da qualidade de vida, tão sonhada pela maioria da população.

Segundo Caldas,

*A qualidade de vida na terceira idade é o resultado de tudo o que fizemos ao longo do tempo. Essa qualidade de vida começa a ser garantida desde que somos crianças, pois a velhice está inserida em uma perspectiva de ciclo vital. O idoso que somos ou seremos é o reflexo do jovem e do adulto que fomos. Na velhice, deparamo-nos com as conseqüências do que foi construído ao longo de nossa história física, emocional, afetiva, profissional e social. No entanto, existem medidas de promoção da saúde e atividades que podem melhorar muito a qualidade de vida na terceira idade. (CALDAS, 2005, p. 75).*



Nesse sentido, entendemos que a velhice ao fazer parte do ciclo natural da vida, configura-se como um processo complexo, que envolve perdas e ganhos, os quais são intensificados conforme fatores internos e externos, e estrutura social e cultural onde o sujeito está inserido. (SILVA, 2003). Ou seja, as questões relativas ao processo de envelhecimento são polêmicas, e há divergências entre os pesquisadores do tema. Por exemplo, Silva (2003) cita o que defende Salgado (1982) a respeito do envelhecimento: *“o envelhecimento é marcado por mudanças biológicas; é também cercado por determinantes sociais que contribuem para que esse processo varie de cultura para cultura e de sociedade para sociedade.”*

Acrescenta que para o referido autor,

*o aspecto social do envelhecimento é fundamental, pois significa que a idade social é determinada por normas e expectativas sociais, que enquadram as pessoas em termos dos direitos e deveres, atribuindo tarefas a serem desempenhadas dentro das idades biológica e cronológica. (SILVA, 2003; p. 99).*

Silva (2003) explica que concomitantemente à idéia de Salgado, Moragas (1997) afirma que,

*não podemos definir a velhice simplesmente pelo critério cronológico e funcional, impostos pela sociedade. O conceito de velhice cronológica representa um enfoque objetivo da sociedade, que estabelece grades entre as idades, favorecendo a construção de normas de comportamento que devem ser desenvolvidas. De fato, a idade constitui um dado importante, mas não determina a condição da pessoa; pois o essencial não é analisar os anos vividos, mas a qualidade de vida que é influenciada por fatores econômicos, políticos e sociais. (SILVA, 2003; p. 100).*

Ainda como parte da discussão, Silva (2003) coloca que *“por outro lado, a velhice funcional limita a análise da velhice como sinônimo de incapacidade.”* (SILVA, 2003; p. 100).

Nesse sentido, dá continuidade ao pensamento de Moragas, que acredita que,

*estas análises desconsideram a heterogeneidade existente na estrutura social. A velhice reflete todo o transcurso do tempo e produz efeitos diversos na vida das pessoas, pois esta etapa possui uma realidade própria e diferenciada das anteriores, limitada por condições externas e subjetivas. É uma etapa contraditória, pois ao mesmo tempo em que é acompanhada por limitações de ordem física, é rica em experiência e serenidade. (SILVA, 2003; p. 100).*

Realmente, o tema coloca em discussão muitas questões importantes, porém penso que mesmo diante das transformações do corpo, da independência dos filhos, muitas vezes, da ausência de um companheiro (a), da mudança com relação às obrigações domésticas, da aposentadoria, entre outros, a velhice não pode ser entendida como um obstáculo na vida do ser humano. Isto porque toda fase da vida possui suas especificidades e limitações, que apenas se diferenciam umas das outras. Assim, a meu ver, em todas as fases do ciclo vital há perdas e ganhos, e não apenas na velhice.

De acordo com Pacheco (2005),

*Vivemos uma contradição. A modernidade trouxe benefícios que possibilitam alongar a vida. Mas, paradoxalmente, esta sociedade que potencializa nossa longevidade, pela tecnologia médica, segurança, urbanização, educação, etc., nega ao velho seu valor e papel de importância dentro da sociedade. (PACHECO, 2005; p. 65).*

Segundo Pacheco (2005), o mundo de consumo mantém uma ideologia que está vinculada ao mundo da produção, e para atingir o consumo, é necessária a valorização do novo como objeto de desejo e cobiça e o descarte do velho e do usado como ultrapassado, fora de moda, fora de sintonia.

Isso faz com que o idoso se depare com problemas de rejeição da auto-imagem e tenda a assumir como verdadeiros os valores da sociedade que o marginaliza. (GOLDMAN, 2003).

Segundo Goldman (2003),

*Dessa forma a marginalização do idoso se processa ao nível social e é muitas vezes assumida pelo próprio idoso que, não tendo condições de superar as dificuldades naturais do envelhecimento, se deixa conduzir por padrões preconceituosos que o coloca à margem da sociedade. (GOLDMAN, 2003; pg. 29).*

Dessa forma, na maioria das vezes, essa é a causa do processo de envelhecimento ser visto e sentido de maneira tão ruim, desagradável e distante, tanto para aqueles que estão envelhecendo, quanto para os que já estão velhos.

É assim que, normalmente, pensa e vive a população idosa no cenário brasileiro: com dificuldades de introspecção com relação ao futuro, ao que ainda pode fazer, descobrir, aproveitar da vida e do tempo livre.

O Brasil que antes era considerado um país de jovens, onde o idoso era praticamente invisível, hoje, encontra-se face ao desafio de refletir e descobrir respostas para a relação entre a longevidade e o tempo livre. (CARDOSO, 2004).

Por isso a importância do Serviço Social, enquanto profissão capaz de elaborar, executar e avaliar projetos e programas sociais, na medida em que estes possibilitam a criação de espaços de trocas, através de atividades que visam realizações sociais, culturais, políticas e econômicas.

Nesse sentido, as atividades oferecidas à terceira idade com a intenção de preencher o tempo livre podem significar novas propostas de participação social e valorização do idoso.

O tempo livre na terceira idade se caracteriza pelo fato de não estarem mais atrelados aos horários impostos pelo mercado de trabalho, do ponto de vista econômico-financeiro, ou mesmo a serviços da casa.

De acordo com Cardoso (2004), ao citar Debert (1996), há muitos idosos que são capazes de atribuir *“novos significados aos estágios mais avançados da vida, que passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas guiadas pela busca do prazer, da satisfação e realização pessoal”*. (DEBERT, 1996; p. 2 apud CARDOSO, 2004; p. 39-41).

Sendo assim, o trabalho de promoção social a partir da realização de atividades lúdicas, culturais, educativas e de lazer, proporciona resultados significativos na melhoria das condições de vida da terceira idade.

Portanto, as conseqüências do planejamento e disponibilização de programas, projetos ou ações de cunho interventivo se refletem no bem-estar físico, mental, psicológico e social das pessoas idosas que deles participam.

Nesse sentido, destaca-se o valor da prática da sociabilidade, a qual dentre outros fatores, pode ser entendida como facilitadora da entrada num mundo de possibilidades que se abrem diante da parcela da população idosa quando encontram as condições objetivas a isso.

Partindo do princípio de que a velhice, na maioria das vezes, supõe tempo livre, faz-se necessário a criação de espaços que tem como função oferecer atividades que dêem qualidade a esse tempo.

Sendo a questão social o objeto de intervenção do Assistente Social, encontraremos no processo de envelhecimento múltiplas expressões da questão social, nas quais estamos perfeitamente aptas a nelas atuar.

A questão aqui referida se trata da relação entre longevidade e bom aproveitamento do tempo livre, de maneira reflexiva, crítica, propositiva, inclusiva, e não alienada, sem planejamento, sem avaliação e, principalmente, sem participação do público alvo. Ou seja, a prática pela prática, sem exercício teórico e, portanto, sem retorno do trabalho desenvolvido, visto que o Serviço Social é uma profissão que tem objeto, meios de trabalho e produto.

Assim, a atuação do Serviço Social no trabalho de promoção social da terceira idade tem por objetivo proporcionar tempo livre com qualidade de vida na busca de promover socialmente a pessoa idosa.

O termo qualidade de vida já foi trabalhado por algumas ciências, cada qual sendo relacionado de acordo com sua área de conhecimento e suas características específicas.

Assim a expressão “qualidade de vida”, na medicina, está associada a custo e benefício inerente à manutenção da vida de enfermos crônicos e terminais. Por outro lado, a economia a associa à renda per capita, que funciona como indicador do grau de acesso da população aos benefícios da educação, da medicina e dos serviços sociais. A sociologia tem um conceito mais abrangente, no qual inclui um conjunto de indicadores econômicos e de desenvolvimento sócio-cultural, identificados como níveis ou padrão de vida de uma população. Na política a relação é feita com a equidade na distribuição das oportunidades sociais, e na psicologia social, de acordo com Néri (2000), *“a experiência mais forte é a experiência subjetiva de qualidade de vida, representada pelo conceito de satisfação”*. (NÉRI, 2000 apud BANDEIRA, 2005; p. 53).

Os diferentes campos de conhecimento que discutem a qualidade de vida são importantes na medida em que juntos constroem maneiras de considerar o indivíduo em diversas dimensões.

Segundo Bandeira (2005), “(...) é importante lembrar que ter ou não qualidade de vida não é responsabilidade individual – fatores econômicos, sociais e culturais interferem diretamente no bem-estar de uma população.” (BANDEIRA, 2005; p. 54).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), qualidade de vida é definida em relação à percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida, dentro do contexto da cultura e do sistema de valores em que vive, considerando seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. (FLECK, et al., 1999 apud BANDEIRA, 2005).

Tal definição parte da percepção individual, e isso limita o conceito, pois certamente a qualidade de vida está relacionada a diversos fatores sociais que fogem ao controle do indivíduo.

Dessa forma, entendo que há diferentes formas de obter qualidade de vida na terceira idade, através da participação em espaços de socialização, de atividades lúdicas, de lazer, culturais e artísticas, dentre outras. Porém, alcançá-la não depende apenas de cada sujeito, pois este está inserido num contexto de profundas desigualdades sociais. Isso vai influenciar nessa qualidade.

Portanto, ter essa percepção de acordo com o contexto no qual se insere a pessoa idosa, se constitui em uma especificidade do profissional de Serviço Social, que ao buscar alternativas para um envelhecimento com qualidade e promoção social, deve ser observador, atento às expressões, histórias e depoimentos do usuário; criativo, comunicativo, atualizado às rápidas mudanças do mundo moderno, ter senso crítico e ética, que é de fundamental importância no exercício profissional.

### **2.3. NECESSIDADE DA CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE INTEGRAÇÃO E PARTICIPAÇÃO DA PESSOA IDOSA: UMA QUESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E CIDADANIA**

Os desafios colocados pela emergência do envelhecimento da população têm diversos empecilhos e dificuldades, na medida em que as condições objetivas não são favoráveis. Contudo, garantir ao idoso a sua integração na comunidade é uma questão de direito, de justiça e sobretudo de dever do Estado enquanto regulador de políticas públicas.

Nesse contexto, é importante estarmos atentos não só à população envelhecida, como também àqueles que estão a caminho (crianças, jovens e adultos), pois a expectativa de vida, de acordo com dados do IBGE, tende a continuar aumentando. Esta pode ser uma estratégia para que haja uma mudança de comportamento e atitude da sociedade e do Estado com relação à pessoa idosa.

Tendo em vista o alcance dessa realidade, onde o idoso possa estar integrado, enquanto sujeito nas relações sociais, o trabalho de promoção social é extremamente válido, na medida em que oferece espaços para que os idosos desenvolvam a criatividade, a memória, a auto-estima, a descoberta de dons, etc.,

além da possível construção de uma identidade, reconhecimento, pertença, da prevenção e, às vezes, até cura de doenças.

Para corroborar a necessidade aparente da criação desses espaços, cabe destacar alguns pontos, tais como:

1) A questão do comprometimento da saúde, por conta de fatores como a perda de massa muscular, perda de energia, perda de equilíbrio, perda cognitiva, entre outras; exigindo cuidados médicos, estabelecimento de regras e limites, custos com medicamentos e outras despesas, maior atenção e cuidado familiar, propiciando uma queda da auto-estima;

2) As transformações físicas e hormonais, fazendo com que a pessoa idosa adquira novos hábitos de vida;

3) A falta de oportunidades ocupacionais, sociais e de lazer que incentivem o idoso a participar de atividades em grupo;

4) A diminuição da capacidade de aprendizagem, concentração e inserção no mercado de trabalho. (GOLDMAN, 2003; SALGADO, 1982 apud SILVA, 2003; SENHORAS, 2003; CALDAS, 2005).

Conclui-se que para que a população idosa possa perceber as suas capacidades e diferentes possibilidades de transformar suas vidas com o objetivo de melhorá-las, é necessário que existam trabalhos de apoio voltados a esses grupos, além de um amplo trabalho sócio-educativo direcionado à conscientização da sociedade acerca das questões inerentes a tal parcela da população. Para tanto, é preciso que as sociedades vejam seus velhos como iguais, pessoas maduras, que dentro de seus limites quase sempre impostos por sua idade biológica, são perfeitamente capazes de ter convívio social sadio e decisão própria. Necessitam e merecem políticas públicas próprias, de cunho preventivo e promocional, para que tenham a oportunidade de demonstrar todo seu potencial.

Garantir qualidade de vida àqueles que envelhecem significa contribuir para uma mudança de consciência com relação à representação social do envelhecimento, considerando que muitos, na maioria das vezes, são vítimas do preconceito e da discriminação por parte da sociedade em geral e do Estado que se omite a tal fato.

Assim, nos dias atuais, há a necessidade da criação de espaços voltados para este segmento com o objetivo de incentivar a participação do idoso na busca de novos relacionamentos de amizade, melhoria da saúde, da memória, da capacidade criativa, que muitas vezes são utilizadas como fontes de renda, de novas relações sociais e ocupação do tempo livre.

Nesse contexto, há um paradoxo: de um lado, o aumento das discussões sobre as questões do envelhecimento provoca transformações que visam a melhoria da qualidade de vida dos idosos, e de outro, a ineficiência por parte do Estado para encaminhamento de políticas sociais que atendam as demandas postas por essa parcela da população, considerando o seu ritmo de crescimento e de suas características demográficas, sociais e econômicas. (GOLDMAN, 2003; SILVA, 2003; VERAS, 2003).

Tendo em vista a real necessidade de reconhecimento das pessoas da chamada terceira idade, são criados programas ou iniciativas sociais que procuram desenvolver um trabalho de integração entre grupos e ocupação do tempo livre, no qual através de atividades que procuram fazer com que a pessoa idosa esteja em contato com outras pessoas, da mesma geração ou não, faça novas amizades, exercite o corpo, previna a saúde, descubra dons, adquira novos compromissos que lhes dêem prazer e satisfação e não regras e obrigações; consigam beneficiar este segmento, de forma que se sintam capazes, valorizados, úteis e integrados.

Os programas sociais para estes fins são oferecidos tanto pelo poder público municipal, estadual e federal, como também por entidades, organizações ou grupos particulares.

Considera-se que estes idosos aproveitam cada momento do seu tempo livre em benefício do seu desenvolvimento como cidadãos, constituindo assim uma categoria social. E conseguem isso participando dos espaços onde são disponibilizadas atividades que, através de seus programas e projetos sociais, reconhecem e valorizam a pessoa idosa.

O envelhecimento para quem encontra espaços de participação e os aproveitam para fazer do seu tempo livre um aliado, transforma-se em uma experiência bastante positiva e rica em aquisições. A liberdade pode ser uma dessas aquisições.

Por isso a importância em voltar a atenção para o incremento de projetos e programas sociais e apoio dos já existentes, onde as pessoas idosas, possam

manter um ritmo de realizações e de contribuições que têm imprimido às suas vidas, sem perder de vista as características do novo perfil que vêm se apresentando: idosos mais autônomos e participativos.

Cardoso (2004), destaca:

*Um conjunto de discursos empenhados em rever estereótipos negativos da velhice abrem espaço para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas possam ser vividas coletivamente. No Brasil, nos últimos anos, tem crescido o número de grupos de convivência de idosos. Os programas como os das universidades para a terceira idade, com capacidade de mobilização impressionante, têm promovido de maneira muito evidente a redefinição de valores, atitudes e comportamentos dos grupos mobilizados. (DEBERT, 1996 apud CARDOSO, 2004; p. 43).*

As informações encontradas na literatura, baseadas na realização de pesquisas, são claramente visualizadas a partir da prática do trabalho com idosos. Os espaços onde se realizam tais trabalhos são ricos em oportunidades para que os idosos possam derrubar os padrões de envelhecimento que ainda existem e para que despertem para as inúmeras possibilidades que têm de se transformarem em cidadãos participativos e valorizados.

Estes locais, além de contribuírem e facilitarem o processo de mudança, atendem, sobretudo, a uma necessidade desse segmento da população em trocar, compartilhar e, principalmente, sentirem-se pertencente e consciente dos seus direitos. Ou seja, desenvolve-se o sentimento de pertença, permitindo que a pessoa idosa sinta-se segura do seu valor, da sua importância e da sua participação na produção da história.

Nesse sentido, cabe ressaltar que cresce a cada dia a variedade de atividades oferecidas à terceira idade, ainda que aquém da demanda em questão. São desde espaços públicos até privados, onde as taxas cobradas são menores. Isso porque o Estatuto do Idoso (2003) garante alguns direitos ao lazer por meio do artigo 23, que diz respeito ao desconto de pelo menos 50% na participação do idoso em atividades culturais e de lazer, bem como o acesso preferencial aos locais que oferecem estas atividades.



### III. APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, faço uma análise crítica e reflexiva acerca da importância dos espaços que realizam atividades sociais voltadas para o público da chamada terceira idade.

Assim, minha inquietação se dá a respeito da qualidade do envelhecer da pessoa idosa, com relação ao aproveitamento do tempo livre que a maioria desta dispõe em decorrência da aposentadoria.

Nesse sentido, a partir da utilização do termo “qualidade de vida”, irei focalizar a temática do trabalho de promoção social na terceira idade com relação à sua eficácia nos resultados obtidos nas condições de vida da população idosa. Buscarei compreender os rebatimentos, mudanças de comportamento e transformações possíveis na vida desses indivíduos em distintas dimensões (física, mental, psicológica e social).

Minha pesquisa se limitará ao trabalho de promoção social realizado com dois grupos de idosos acima de 60 anos de idade; um referente à Associação dos Contribuintes Assistidos da VÁLIA, e o outro à Casa de Santa Ana. O primeiro grupo pertence à camada média alta do Rio de Janeiro, e o segundo à camada popular da comunidade Cidade de Deus, também no Rio de Janeiro.

As técnicas de pesquisa utilizadas nesta análise foram:

- **Observação Participante:** por meio dessa técnica busquei obter informações sobre a realidade dos atores em seus próprios contextos.
  
- **Entrevistas semi-estruturadas:** utilizei um questionário com algumas perguntas a respeito do processo de envelhecimento e do trabalho de promoção social correlacionado aos resultados de melhora na qualidade de vida dos usuários das instituições citadas, que serviu de roteiro nas entrevistas realizadas. Utilizei uma amostra desses espaços, na medida em que a entrevista não foi direcionada a todos, mas a uma parte. Vale destacar que todas as entrevistas foram gravadas com a permissão dos participantes, aos quais foi garantido o sigilo. Dessa forma, seus nomes foram preservados e não constará na pesquisa.

O objetivo geral da pesquisa foi:

Investigar e analisar os benefícios decorrentes do trabalho de promoção social na terceira idade, em termos de qualidade de vida, realizado através de atividades que tem por finalidade socializar, integrar e valorizar a pessoa idosa diante do contexto neoliberal.

Enquanto os objetivos específicos foram:

- Identificar as diferentes representações sociais dos idosos e os fatores que contribuem para o isolamento social, depressão, baixa da auto-imagem e da auto-estima;
- Identificar os elementos relacionados ao processo de envelhecimento que proporcionaram o aparecimento do idoso como ator social no cenário brasileiro;
- Mostrar a necessidade da criação de espaços que viabilizem integração e participação da pessoa idosa sob a perspectiva de melhoria nas condições de vida na terceira idade;
- Mostrar a importância do trabalho de promoção social como instrumento de possíveis mudanças e transformações de comportamento e condições de vida da população idosa;
- Propor que, a partir dos dados e informações coletadas por meio das técnicas de pesquisa, as questões como possibilitar qualidade ao tempo livre do segmento da população que envelhece sejam repensadas.

Portanto, este tema será abordado a partir de uma relação entre as dificuldades e sofrimento inerentes a realidade de muitos idosos hoje no Brasil, por conta do isolamento, da solidão, da falta de auto-estima, de perdas como o espaço produtivo no mercado de trabalho, os papéis maternos ou paternos, o cônjuge, a força física, entre outros; e a importância e os resultados do trabalho de promoção social nas condições de vida desse segmento da população.

Pressupõe um estudo sobre as atividades voltadas para a ocupação do tempo livre na terceira idade e a capacidade que estas possuem de transformar e dar sentido à vida.

O questionário utilizado como roteiro nas entrevistas foi dividido em duas partes: a primeira parte foi composta por perguntas de identificação, e a segunda

parte foi composta por perguntas subjetivas acerca da velhice e do trabalho de promoção social realizado nas instituições citadas anteriormente.

É importante destacar também, que foram entrevistados dois grupos de seis pessoas cada: um grupo da Aposvale e outro grupo da Casa de Santa Ana, sendo ambos formados por pessoas do sexo feminino e com idade igual ou superior a 60 anos; portanto, segundo Estatuto do Idoso (2003) consideradas pessoas idosas.

A Aposvale<sup>10</sup> (Associação dos Contribuintes Assistidos da VÁLIA) é uma Sociedade Civil, sem fins lucrativos, fundada em 25 de janeiro de 1985, com sede na cidade do Rio de Janeiro. Idealizada por três aposentados da Companhia Vale do Rio Doce: Luiz Costa e Silva, José Alves de Paula e Walter Faria; todos assistidos da VÁLIA (Fundação Vale do Rio Doce de Seguridade Social), e quando ainda na Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), com efetiva participação nos estudos que resultaram na instituição VÁLIA e na sua atuação inicial.

Nesse sentido, segundo Luiz Costa e Silva a idéia surgiu devido às dificuldades encontradas pelos aposentados em conduzirem seus assuntos ou procurarem seus direitos junto à VÁLIA, apresentando-se individualmente. Faltavam-lhes representação e conhecimentos das partes técnicas que envolvem a suplementação de suas aposentadorias no INSS. Precisavam se unir em prol de interesses comuns. Assim, conversou com os companheiros José Alves de Paula e Walter Faria, que concordaram em ser oportuno a criação de uma associação para congregar os aposentados e pensionistas do sistema CVRD.

Então, a Aposvale é fundada no Rio de Janeiro, e a tarefa seguinte foi implantar a associação em Vitória (ES), Itabira (MG), Governador Valadares (MG) e Belo Horizonte (MG), que são as Unidades Regionais. Estas também receberam o fundamental apoio dos aposentados que reuniam uma história de prestígio junto à CVRD quando em atividade. Além da sede e das unidades regionais, mais tarde, forma criados os órgãos de representação local, como por exemplo em São Luís (MA) e Mariana (MG).

Portanto, de acordo com Luiz Costa e Silva, a Aposvale foi criada com o objetivo de trabalhar em benefício dos ex-empregados aposentados da Companhia Vale do Rio Doce: defender os direitos individuais e coletivos dos seus associados, fazendo com que possam usufruir plenamente das prestações e serviços a que

---

<sup>10</sup> Histórico obtido a partir de informações relatadas pelo Sr. Luiz Costa e Silva, um dos fundadores da Aposvale, e apoiado pelos registros encontrados na referida instituição.

tenham direito; organizar, patrocinar e estimular atividades de caráter social, cultural, recreativo e esportivo entre os associados; prestar assistência a seus associados, visando a motivá-los a trabalhos comunitários ou a outras formas de atividades que os mantenham plenamente integrado na sociedade como cidadão útil. Ou seja, a Aposvale tem o objetivo de resgatar a condição social do associado enquanto cidadão, já que esta idéia perde-se um pouco com a aposentadoria, onde não fazem mais parte do “mundo do trabalho”.

Os principais convênios que a associação possui são: com a VÁLIA, com a CVRD, com o PASA (Plano de Assistência à Saúde do Aposentado) e com o PLANAF (Plano de Assistência Familiar).

A Aposvale tem um Estatuto que a representa e segundo seus fundadores, nunca deve ser descumprido. Nele está formalizado tudo o que diz respeito à associação, que possui uma diretoria geral, formada por três diretores: diretor presidente, diretor secretário e diretor financeiro; um conselho de representantes, composto e eleito pelos associados, e um conselho fiscal, também composto e eleito pelos associados; a secretaria, a tesouraria e a Gerência de Atividades Sociais.

A Gerência de Atividades Sociais foi instituída na Aposvale porque esta percebeu a necessidade de proporcionar, através de atividades sociais, melhores condições biopsicosociais a seus associados, visando a integração e reinserção na vida cotidiana e social e, possibilitando assim, qualidade de vida na aposentadoria.

Diante da demanda colocada, o Serviço Social da Aposvale é desenvolvido na Gerência de Atividades Sociais sob a coordenação da Assistente Social Beatriz Freire da Costa. Este trabalho é fundamentado no Programa Ativamente Saudável, que surgiu a partir de um projeto que tem por objetivo a participação e o reconhecimento do aposentado.

O Programa Ativamente Saudável é desenvolvido no Rio de Janeiro com inúmeras atividades, como artesanato, teatro, dança, informática, passeios culturais e de lazer, comemorações, palestras, dentre outras, que têm a finalidade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida de seus mil e duzentos associados.

Alguns dos principais objetivos das ações propostas pelo Programa Ativamente Saudável são:

- Aproximar o associado para que ele perceba a sua importância e sinta-se integrante da Aposvale e não um mero contribuinte;
- Contribuir para a ampliação do conceito de saúde;

- Contribuir para a melhora da auto-estima e difundir o conceito de autocuidado entre os associados;
- Tornar acessível os espaços de descontração e lazer com atividades de baixo custo;
- Valorizar o conhecimento adquirido pelo aposentado na sua história de vida;
- Ampliar os espaços para troca de conhecimentos;
- Promover intercâmbios entre instituições semelhantes, valorizando as relações interpessoais;
- Incentivar a participação dos associados em espaços de representações sociais e políticas do idoso/ aposentado;
- Contribuir para a superação dos preconceitos existentes em nossa sociedade.

Assim, o trabalho de promoção social realizado na Aposvale por meio do Programa Ativamente Saudável dividiu-se em três eixos temáticos:

### **1- Qualidade de Vida e Saúde**

As propostas deste item são desenvolvidas a partir dos cursos de dança de salão, de informática, das palestras educativas, das comemorações do Dia Internacional da Mulher, do Dia do Idoso, do Encontro Saudável e das reuniões mensais com a Comissão Participativa (grupo formado por 16 associados).

### **2. Integração e Lazer**

As propostas deste item são desenvolvidas através dos passeios culturais e de lazer, das atividades comemorativas aos aniversariantes, do passeio julino, da comemoração do Dia das Mães, do Dia dos Pais, dos Encontros de Aposentados e Pensionistas do Grupo CVRD, e da Festa de Confraternização, que é realizada no final do ano.

### **3. Sócio-cultural e Artístico**

As propostas deste item são desenvolvidas por meio dos cursos de artesanato, das aulas de coral e canto, das aulas de teatro e dos bazares de artesanato, que acontecem no Dia das Mães e no período que precede o Natal.

Portanto, a proposta da Aposvale com estas atividades é fazer com que seus associados, aposentados e pensionistas, se redescubram através da participação, da socialização, do encontro com antigos colegas de trabalho, visando a promoção social destes.

A Casa de Santa Ana<sup>11</sup>, a outra instituição pesquisada, foi idealizada em 1987, por um grupo de amigos moradores de Jacarepaguá, apoiados pela Paróquia Pai Eterno e São José, que decidiram comprar uma casa que batizaram com o nome de Casa de Santa de Ana (Avó de Jesus). Nela iniciaram um trabalho solidário direcionado a um grupo de idosos na Cidade de Deus.

Assim, durante quase 4 anos a Casa de Santa Ana ofereceu apoio nutricional e religioso para 17 idosos. Porém, com recursos humanos e materiais muito precários conseguiu se manter funcionando somente até o final do ano de 1990, quando por decisão da Paróquia, teve suas portas fechadas; porque estava colocando em risco a saúde e a segurança dos idosos.

Contudo, em 1991, a Casa de Santa Ana foi reaberta por iniciativa da Assistente Social Maria de Lourdes Braz, que contou com apoio da própria Paróquia, de Nancy Lomeu da Silva, de amigos, do Instituto C&A de Desenvolvimento Social, da Fundação Holanda-Brasil e mais adiante, em 1993, contou com o apoio do IBISS - Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social, pelo qual foi administrada até abril de 2001.

A situação de isolamento e a falta de dignidade em que se encontram muitos idosos, vivendo sozinhos, abandonados pelas suas famílias ou internados em asilos, levou Maria de Lourdes Braz a criar a Casa de Santa Ana.

A partir de então, com uma equipe composta por duas voluntárias e alguns idosos e enfrentando inúmeras limitações, em setembro de 1991, a Casa voltou a atender ao grupo e permanece funcionando ininterruptamente há 11 anos com uma proposta participativa e inovadora.

A Casa de Santa Ana é um centro de convivência e atendimento diurno para idosos de baixa renda da Cidade de Deus, bairro carente do Rio de Janeiro, independentes ou portadores de deficiências temporárias ou permanentes.

Com uma estrutura simples e sem aparatos tecnológicos, a Casa de Santa Ana passou a integrar um programa de promoção de saúde do idoso através de

---

<sup>11</sup> Histórico obtido a partir de pesquisa na Internet.

duas importantes e pioneiras modalidades de assistência ao idoso – o Centro de Convivência e o Centro Dia - que atuam na promoção social, integração familiar e comunitária, prevenção do asilamento, reabilitação física e cognitiva.

O Centro de Convivência visa oferecer apoio a idosos mais independentes. Desenvolve atividades educativas, sócio-culturais, laborativas e de lazer. Enquanto o Centro Dia também tem como objetivo oferecer os recursos já citados, mas prioriza o atendimento a idosos mais fragilizados e/ou portadores de necessidades especiais. Portanto, tem por objetivo oferecer apoio mais amplo e desenvolver atividades que viabilizem a independência e permanência do idoso na família e na comunidade.

A Casa oferece apoio nutricional para 80 idosos com idades que variam entre 60 e 100 anos e, para dezenas e centenas de outras pessoas através das atividades que desenvolve. Também oferece assistência social, fisioterapia, apoio psicológico, atividades educativas, culturais, de lazer, artesanais etc., e cestas básicas para 25 famílias.

Na Cidade de Deus, o Programa beneficia cerca de 200 pessoas e pretende multiplicar a idéia em diversas comunidades carentes do Rio de Janeiro.

O trabalho desenvolvido na Casa de Santa Ana está motivando organizações governamentais e não governamentais a implantarem projetos semelhantes em diversas cidades e bairros do Estado.

Atualmente a instituição dispõe de uma equipe multidisciplinar composta por:

- Duas fisioterapeutas
- Uma estagiária de Serviço Social
- Três psicólogas
- Uma auxiliar de enfermagem
- Uma cuidadora social
- Um regente de coral
- Dois coordenadores de música e percussão
- Um professor de dança
- Uma terapeuta alternativa
- Uma professora de artesanato

Equipe básica de manutenção:

- Coordenador Geral (assistente social)

- Um auxiliar administrativo
- Uma assistente de coordenação
- Uma auxiliar de serviços gerais
- Uma auxiliar de cozinha
- Uma cozinheira

A equipe básica é composta por funcionários da Instituição e os outros profissionais são voluntários que prestam serviço através de convênio, ou parceria institucional com:

- CORDAID – organização holandesa.
- SMDS – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social
- FISIOPORT.
- IAPP – Instituto de Atendimento Psicossocial
- Grupo Cultural AfroReggae
- Projeto Alfazendo
- Com idosos e Outros

Dessa forma, a Casa de Santa Ana passou a desenvolver um importante papel sócio-comunitário através de ações simples que resgata a auto-estima, a autonomia e estimula a solidariedade entre os próprios idosos.

A Casa de Santa Ana foi reaberta para atender a um grupo de 17 idosos, porém se ampliou, e se transformou em um projeto piloto. Implantou um programa que visa criar alternativas de promoção da saúde de idosos de baixa renda, que são a maioria no país e desenvolver ações de prevenção ao asilamento e manutenção da autonomia do idoso e sua permanência na família e na comunidade.

De acordo com dados do IBGE, na Região Sudeste que deteve o maior grau de envelhecimento, em 1999, os idosos já representavam 10,0% da população, sendo a Cidade do Rio de Janeiro a capital com a maior população idosa do país.

Neste contexto, a Casa de Santa Ana situa-se numa área cujo índice de esperança de vida é de 61,13 anos, segundo dados recentes do Relatório de Desenvolvimento Humano do Rio. Foram pesquisados 161 bairros no Rio de Janeiro, e em cada um foram medidas os níveis de qualidade de vida que cada bairro oferece. Segundo dados da pesquisa, apenas em 20 destes bairros há esperança de vida superior a 70 anos, sendo que a Cidade de Deus figura em 131º



lugar no ranking de esperança de vida por bairro. Logo, entende-se que uma iniciativa preventiva faz-se urgente e necessária neste bairro, que além da baixa qualidade de vida que possui, está localizado em uma das áreas de maior carência de recursos para a saúde.

Nesse sentido, vale ressaltar que os idosos que freqüentam a Casa de Santa Ana vivem em média 80 anos e que em vários aspectos, a alegria, o vigor físico, e a auto-estima destes idosos são visíveis, o que os colocam em evidência perante outros idosos em condições de vida semelhantes.

Assim, a implantação do Programa desenvolvido pela Casa de Santa Ana, também se justifica pela proposta de:

- Oferecer carinho, atenção, solidariedade, respeito e dignidade.
- Reduzir os índices de depressão e doenças ocasionadas pela desnutrição, solidão, asilamento e isolamento social.
- Estimular a integração intergeracional para criar elos de amizade, solidariedade e responsabilidade social entre os jovens e os idosos.
- Promover a integração familiar e comunitária.
- Minorizar os problemas decorrentes da carência de hospitais e postos de saúde, a falta de medicamentos, de material de curativos etc. e da dificuldade de acesso aos mesmos.
- Diminuir as dores e inúmeras humilhações que idosos mais fragilizados em idades avançadas geralmente sofrem em espaços de atendimentos públicos e/ou privados que não respeitam a sua dignidade.
- Suprir a carência de espaços adequados ao lazer, à cultura, ao esporte e aos cuidados básicos de higiene e saúde.

A Casa de Santa Ana, por ser localizada na Cidade de Deus, comunidade precária em infra-estrutura e recursos mínimos de saúde, tem como princípio básico a prevenção e, por isso pretende atuar também com um público mais independente, de menor idade, como 55 anos; para detectar com maior antecedência problemas decorrentes da velhice e antecipar os cuidados básicos para melhorar a qualidade de vida da população.

A participação no Programa é feita mediante contato prévio do idoso, ou da família, e a ficha de inscrição só é preenchida após um período de adaptação do idoso com a rotina da Casa, durante o qual ele descobre se realmente tem a necessidade de permanecer na Instituição. Através de entrevistas, visitas, pesquisas

etc., e observação da participação dos idosos na rotina da Casa, a equipe identifica as suas necessidades e junto com eles implementam ações voltadas para a manutenção de sua autonomia.

Portanto, todos têm liberdade para opinar e definir a escolha das atividades das quais necessitam participar e o que podem e devem fazer para contribuir com a continuidade das mesmas.

Agindo assim a Instituição entende que estará valorizando a capacidade produtiva de cada um e estimulando o protagonismo dos indivíduos e dos grupos envolvidos diretamente e indiretamente no Programa.

As metas da Casa de Santa Ana são:

- Dividir as áreas de atuação de acordo com as necessidades identificadas;
- Diversificar as atividades para abranger um número cada vez maior de pessoas;
- Construir uma casa de cultura para melhor operacionalização das atividades e desenvolvimento de talentos de idosos, crianças e adolescentes;
- Ampliar o apoio a familiares;
- Conseguir auto-sustentação.

Com relação aos recursos da instituição, as atividades são desenvolvidas através de profissionais contratados, voluntários, estagiários e prestadores de serviços ocasionais. Ou seja, ainda muito limitados, e estes deverão ser disponibilizados de acordo com as necessidades e fundos disponíveis, que deverão se originar de convênios, parcerias institucionais, associações, doações, campanhas, eventos etc.

Segundo as informações, em busca de uma sociedade justa que respeite a dignidade dos idosos, a Casa de Santa Ana vem se estruturando, implementando ações solidárias, criativas e inovadoras que têm servido como exemplo e inspiração para muitas pessoas que atuam ou pretendem atuar no campo da geriatria e gerontologia. Isso porque a Casa vem sendo citada como modelo de atendimento comunitário para idosos. É considerada uma referência em diversos eventos que tratam da questão do idoso e, ao longo dos anos de atuação, a Instituição tem recebido visitas de representantes de instituições de diversas partes do Brasil e do exterior.

Diferentes dos asilos que em geral tolhem a liberdade de ir e vir do idoso e se transformam muitas vezes em lugar para esperar a morte chegar, na Casa de Santa Ana a liberdade é valorizada e está em primeiro lugar. Nela os idosos mantêm a

identidade e autonomia preservadas e participam das atividades de acordo com suas necessidades e aptidões.

O Programa não predetermina prazo para permanência do idoso na Instituição e tem critérios que elegem a qualidade ao invés da quantidade, o que torna mais importante a efetividade das ações. Estas têm conseguido resultados extremamente positivos e transformado o dia-a-dia dos idosos que freqüentam a Casa.

A divulgação da Casa na comunidade é feita através dos moradores, da Paróquia, de postos de saúde, de hospitais, da Associação de Moradores e dos próprios idosos que vêm por iniciativa própria e ainda convidam seus amigos e vizinhos.

Alguns idosos chegam na Casa em condições físicas e mentais muito precárias, com chances de sobrevivência praticamente eliminadas. Cerca de 25% dos idosos que freqüenta o Centro Dia diariamente chegam desnutridos, 15% são sequelados de AVC, ou portadores de deficiência visual. Muitos chegam deprimidos, solitários, ou com graves problemas familiares. Com o apoio nutricional, as atividades, o carinho das equipes e a solidariedade dos próprios idosos, rapidamente as pessoas se transformam. Ficam mais ativas e independentes, os relacionamentos familiares e afetivos melhoram consideravelmente. Alguns idosos abandonados e /ou afastados de seus familiares durante muitos anos retornaram ao convívio e o contato com os mesmos.

Os idosos reaprendem a cantar, sorrir, brincar, dançar. Descobrem e redescobrem talentos que os fazem se auto-representar com dignidade dentro e fora da comunidade.

As transformações, em geral, são muito significativas nos aspectos: físicos, mentais, sociais, culturais, e até mesmo econômicos. Muitos idosos descobrem que são capazes de produzir e até gerar renda para compor melhor o orçamento familiar através da confecção e venda de artesanatos.

O Serviço Social atua diariamente, realiza a triagem com os idosos e familiares, coordena e acompanha as atividades de rotina, e todas as demais atividades. Junto com membros da equipe, os idosos promovem eventos, realizam visitas domiciliares e institucionais etc.

Algumas atividades que o Serviço Social da instituição oferece são: terapia alternativa, fisioterapia e dança sênior, Grupo Vozes, artesanatos, música e

percussão, Grupo Vocal e atividade religiosa, além de: visitas domiciliares, visitas hospitalares, palestras, atividades externas: passeios, bailes, visitas a museus, cinema, teatro, parques etc., com idosos, crianças e adolescentes; apoio nutricional: a Casa oferece 04 refeições (café, lanche, almoço e jantar) de 2 à 6 feira, e terapia de grupo.

### 3.1. Análise da pesquisa de campo: um estudo comparativo

A pesquisa foi dividida em duas partes, sendo a primeira delas de identificação dos entrevistados, conforme as tabelas abaixo.

**TABELA 3**  
**REFERENTE À IDADE**

Faixas	APOSVALE		Casa de Santa Ana	
	Nº.	%	Nº.	%
60 - 69	2	33,3	2	33,3
70 – 79	4	66,6	3	50,0
Igual ou Superior a 80 anos	0	0,0	1	16,6

Nesta tabela podemos perceber que tanto na Aposvale, quanto na Casa de Santa Ana, dentro de cada grupo pesquisado, a maioria apresenta idade na faixa entre 70 e 79 anos. Constatamos a partir desses dados, que a velhice é uma etapa da vida e que sendo assim, chega para todos, independente de pertencer a camada média alta ou a camada popular.

**TABELA 4**  
**REFERENTE À RAÇA**

Raça	APOSVALE		Casa de Santa Ana	
	Nº.	%	Nº.	%
Branca	3	50,0	1	16,6
Parda	1	16,6	0	0,0
Negra	1	16,6	3	50,0
Outras	1	16,6	2	33,3

As informações obtidas com a tabela 4 são bastantes interessantes, na medida em que foi pedido a autodenominação do entrevistado. O fato da pergunta não ter sido padronizada contribuiu para as respostas variarem de acordo com a concepção que cada um tem de sua raça. Assim, na célula em que está escrito “outras” na tabela, em ambas as instituições, recebi respostas como: morena, chocolate e misturada (preto com branco).

Também podemos analisar a predominância da raça negra na Casa de Santa Ana, localizada na Cidade de Deus, comunidade de baixa renda, em detrimento da predominância da raça branca na Aposvale; associação no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, onde os participantes são ex-funcionários da Cia. Vale do Rio Doce e possuem um poder aquisitivo melhor.

Portanto, ficam evidentes as profundas desigualdades sociais e econômicas presentes em nosso país, onde até hoje ainda existe preconceito e discriminação racial com negros, principalmente de baixa renda.

**TABELA 5**  
**REFERENTE À ESCOLARIDADE**

Níveis de Escolaridade	APOSVALE		Casa de Santa Ana	
	Nº.	%	Nº.	%
Analfabeto	0	0,0	2	33,3
Ensino Fundamental Incompleto	1	16,6	4	66,6
Ensino Fundamental Completo	0	0,0	0	0,0
Ensino Médio Incompleto	0	0,0	0	0,0
Ensino Médio Completo	3	50,0	0	0,0
Ensino Superior Incompleto	0	0,0	0	0,0
Ensino Superior Completo	2	33,3	0	0,0

A questão do analfabetismo foi colocada a partir da resposta de duas idosas moradoras da comunidade Cidade de Deus, enquanto nenhuma das idosas entrevistadas na Aposvale declarou ser analfabeta. Infelizmente mais uma

constatação das adversidades do nosso país: a falta de oportunidade de estudar para pessoas de baixa renda, em sua maioria porque precisam entrar precocemente no mercado de trabalho para ajudar nas despesas domésticas.

**TABELA 6**  
**REFERENTE À RENDA**

Renda Individual*	APOSVALE		Casa de Santa Ana	
	Nº.	%	Nº.	%
Sem renda	0	0,0	1	16,6
Inferior a 1 SM	0	0,0	0	0,0
1 a 2 SM	1	16,6	4	66,6
2,1 a 4 SM	1	16,6	1	16,6
4,1 a 6 SM	1	16,6	0	0,0
6,1 a 10 SM	2	33,3	0	0,0
Superior a 10 SM	1	16,6	0	0,0

\*Baseada no valor do salário mínimo definido no país: R\$ 350,00.

Assim como nas outras, esta tabela também apresenta diferenças significativas. Aqui com relação à renda individual de cada grupo entrevistado. Enquanto no grupo de idosas da Aposvale encontramos renda superior a 10 salários mínimo, no grupo de idosas da Casa de Santa Ana verificamos que dentre as entrevistas possui uma que não possui renda. Ou seja, são os dois extremos encontrados cada vez mais, na má ou inexistente distribuição de renda do Brasil.

Quando perguntei sobre a profissão de cada integrante dos dois grupos, pude perceber o orgulho delas ao falar a respeito. Muitas também responderam aposentada, como se essa fosse a profissão delas. Ou seja, muitas perdem a referência do mercado de trabalho, do tempo em que exerciam suas profissões, que a meu ver, não deixam de existir quando chega o momento da aposentadoria.

Nesse sentido, as profissões obtidas na Aposvale foram:

- Contabilista (Formação em Ciências Contábeis);
- Contadora (Curso técnico em Contabilidade);
- Costureira;
- Musicista;
- Secretária (duas idosas).

As profissões obtidas na Casa de Santa Ana foram:

- Do lar (duas idosas);
- Doméstica;
- Doméstica e Camareira de hotel;
- Doméstica e Cozinheira de Forno e Fogão;
- Doméstica e Revendedora de produtos em revista;

Percebemos que as profissões são bastantes diferentes de uma instituição para a outra. Isso se deve ao que vimos na tabela 5, referente à escolaridade. A maioria das idosas entrevistadas na Casa de Santa Ana possui apenas o Ensino Fundamental Incompleto, sendo que duas são analfabetas. Realidade diferente das idosas da Aposvale, que em sua maioria possui o Ensino Médio Completo, sendo que duas possui o Ensino Superior Completo; apenas uma tem o Ensino Fundamental Incompleto.

Na segunda parte da pesquisa, a entrevista foi voltada ao entendimento sobre velhice e o trabalho realizado na Aposvale e na Casa de Santa Ana.

Nesse sentido, elaborei algumas perguntas que pudessem mostrar o que esses idosos entendem a respeito do envelhecimento e do espaço onde são desenvolvidas atividades para atendê-los.

Como explicitiei anteriormente, a pesquisa foi realizada com mulheres com idade igual ou superior a 60 anos. A escolha se deu porque além das mulheres serem maioria em relação aos homens, pois a expectativa de vida é maior entre as mulheres, estas, devido a questões culturais, freqüentam muito mais os espaços de

socialização oferecidos que os homens; inclusive nas instituições que participaram desta pesquisa.

Conforme entrevistas realizadas junto aos integrantes dos dois grupos de idosas: um grupo da Aposvale e outro da Casa de Santa Ana, constatei que com relação ao conceito de terceira idade, os depoimentos foram parecidos. Nas duas instituições apareceram respostas positivas e negativas a respeito da terceira idade.

Pude perceber a partir dos depoimentos que para as idosas entrevistadas, em sua maioria, os termos “velho” e “velhice” são diferentes do termo “terceira idade”.

Cunhado pelo gerontologista francês Huet, o termo “Terceira Idade” teve aceitação geral, pois geralmente o termo “velho” tem uma conotação negativa, por representar declínio, desuso, incapacidade.

De acordo com Goldman (2000) ao citar Fustiononi (1982, p. 8),

*Considera-se que a Terceira Idade tenha seu princípio cronológico na época comumente declarada em muitos sistemas legislativos de aposentadoria por emprego lucrativo, cuja faixa varia de 60 a 65 anos, mas, de fato, as mudanças características da Terceira Idade já começaram a tornar-se evidentes mais cedo. (FUSTIONONI, 1982, p.8 apud GOLDMAN, 2000, p.13).*

Portanto, a noção de “terceira idade” constitui-se em um decalque do vocábulo francês adotado após a implantação das políticas sociais para a velhice na França.

A partir daí, no Brasil, a rubrica da terceira idade, segundo Peixoto (1998), é fundamentalmente empregada nas proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas.

*Idoso simboliza sobretudo as pessoas mais velhas, “os velhos respeitados”, enquanto “terceira idade” designa principalmente os “jovens velhos”, os aposentados dinâmicos, como a representação francesa. E não é por acaso que surge um novo mercado para a terceira idade: turismo, produtos de beleza e alimentares, bem como novas especialidades profissionais, gerontólogos, geriatras, etc. A terceira idade passa assim a ser a expressão classificatória de uma categoria bastante heterogênea. De fato, essa noção mascara uma realidade social em que a heterogeneidade econômica e etária é muito grande. (PEIXOTO, 1998, p. 81).*

Contudo, minha escolha pelo termo “terceira idade” se deve pelo fato de ter melhor aceitação das idosas entrevistadas, enquanto os termos “velho” e até mesmo “idoso” não são bem aceitos neste grupo etário. É como coloca Mercadante (2003),



existe um modelo social e ideológico, que atribui qualidades negativas aos velhos. Este modelo é usado também pelos idosos para classificar outros idosos, e não cada um indivíduo particular. Portanto, há uma fuga pessoal que se coloca como um fator importante e negador da visão ideológica de velho e com possibilidades de iniciar outra forma diferente de ser velho. (PEIXOTO, 1998).

Assim, tanto na Aposvale, quanto na Casa de Santa Ana, a maioria das idosas responderam que terceira idade representa: tranquilidade, disponibilidade, liberdade, juventude, vivência, experiência de vida, fase da vida, tempo de aproveitar, não ter horário, saber fazer tudo, passar dos 65 anos, chegar aos 82 anos, reviver, poder fazer o que quiser... Terceira idade, de acordo com uma visão positiva, é boa e maravilhosa. Mas, algumas, de ambas as instituições, também responderam sobre terceira idade de forma negativa: não conseguir fazer mais nada, muito ruim, termo que diminui e deixa a pessoa complexada, um tipo de discriminação, não é uma coisa agradável, é quando a velhice chega.

A análise mostra também a referência à juventude, segundo os depoimentos a seguir:

*“Bom, a terceira idade pra mim foi o que eu não fui na juventude. Porque não tive praticamente infância e nem juventude. Então o que eu tenho de aproveitar na minha vida estou aproveitando na terceira idade.”* (71 anos, Aposvale)

Outra entrevistada: *“Pra mim foi maravilhoso, né? Eu mesmo senti que com a terceira idade eu remocei até mais. Eu fiquei bem mais moça depois que eu atingi a terceira idade. Eu me sinto muito feliz, gosto muito de tudo na vida. Pra mim tudo tá bom. E essa terceira idade eu tô tirando de letra... Pra mim foi maravilhosa mesmo! Foi muito bom! Junto com minhas colegas, convivo com elas, gosto muito. E eu remocei com a terceira idade. Pra mim foi tudo!”* (71 anos, Casa de Santa Ana)

Outra entrevistada apresentou algumas dificuldades de compreensão dos termos: *“Terceira idade? Pra mim? Terceira idade pra mim é a velhice quando chega. Porque a gente vai chegando em certa idade que em muitos lugares a gente é até evitado. Ninguém quase tem paciência com os idosos. Numa condução, quando vai pegar uma, o motorista te olha de cara feia, porque você tem que passar pela frente, eles não querem ter aquela paciência de esperar. Eu por enquanto pago passagem, mas tem muitos idosos, como o meu esposo por exemplo, teve uma vez que precisou pegar uma condução e o motorista não queria esperar ele subir. Aí eu falei pra ele: quando for assim você não sobe. Você espera outro. Porque ainda*

*mais ele que não tem firmeza direito, vai entrar numa condução que o motorista não tem paciência... Então, eu acho que terceira idade pra mim é isso. Mas a gente não se acha velho, a gente se acha uma pessoa que já chegou em certo tempo que já acabou a mocidade; mas dentro de mim, a minha mocidade continua. Porque tudo que jovem gosta eu gosto também. Quando eu saio com os meus filhos, a gente brinca, a gente caçoa. A gente quando sai é uma família só.” (64 anos, Casa de Santa Ana)*

E ainda outro depoimento mostra o termo “terceira idade” com uma conotação negativa: *“Terceira idade é quando a pessoa já está que não consegue fazer mais nada. Eu acho que estipular o que é terceira idade... Pode ser com 50, pode ser com 60, com 70, com 80. Aí então estipular terceira idade com 50 anos, eu acho muito pouco, como eles fazem... Eu acho muito pouco. Se você tem atividade, se você dança, no caso eu canto, isso não é terceira idade. Eu não concordo com esse padrão: terceira idade; ela é terceira idade, tem no anúncio: dança para terceira idade; eu não concordo. Acho que poderia ser melhor idade ou experiência, sei lá, não pensei ainda em outros tipos de denominação... Eu acho muito ruim esse negócio de terceira idade, diminui muito a gente; eu acho que a gente se sente muito complexada. Não porque eu me sinto, mas a influência da sociedade faz com que a gente se sinta complexada. Eu acho que é um tipo de discriminação.” (74 anos, Aposvale)*

Ou seja, podemos perceber que os diferentes termos utilizados para conceituar as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, ou até mesmo aquelas com a aparência envelhecida, causam bastante polêmica. Por isso, se constituem num desafio.

Nesse sentido, as duas instituições analisadas apresentaram depoimentos semelhantes, tanto no interior de cada grupo, como na relação entre os dois grupos. Ambas apresentaram depoimentos a partir de uma visão positiva e de uma visão negativa do conceito de terceira idade.

Na pergunta referente à inclusão na terceira idade, as respostas foram bastante semelhantes nos dois grupos, os quais a maioria das idosas se considera parte da terceira idade.

As entrevistas da Casa de Santa Ana foram unânimes na resposta, com divergências apenas na justificativa: todas disseram fazer parte da terceira idade, porém por motivos diferentes, como: fazer parte da terceira idade, mas não se achar

da terceira idade porque tem o espírito jovem; fazer parte da terceira idade e achar muito bom, por não se sentir incapaz; e fazer parte da terceira idade por causa da idade.

Segundo uma entrevistada: *“Faço, eu faço parte da terceira idade. Eu não me acho da terceira idade. O meu espírito não encontra com a terceira idade, com a velhice; o meu espírito é espírito de pessoa jovem. Eu gosto das coisas de jovem; coisa de velho hoje em dia não se tem nem mais coisa de velho mais. Os velhos só ficam acompanhando os jovens. Então pra mim está ótimo...”* (64 anos, Casa de Santa Ana)

Outro depoimento: *“Ah, eu acho que sim. Eu acho muito bom. Eu acho que isso foi uma coisa muito boa pra pessoa: a idade. Porque não se sente assim incapaz, jogado, como se fosse ninguém. Então a gente se sente mais participativo, a gente sente que está bem. Muito bom!”* (71 anos, Casa de Santa Ana)

A inclusão por causa da idade pode ser comprovada no depoimento desta idosa: *“Eu faço parte sim. Pela minha idade eu faço parte, e assim vou levando a minha vida.”* (74 anos, Casa de Santa Ana)

Outra idosa declarou que não compreendia o termo terceira idade, que para ela é diferente de ser velho: *“Faço parte sim, com certeza. De primeiro eu não sabia o quê que era assim terceira idade; que eu me sentia velha. Velha não é terceira idade. Terceira idade eu acho que nós atingimos uma idade que não é de velhice, é uma idade que nós estamos remoçando, revivendo novamente. Então isso eu chamo de terceira idade. Eu acho que velhice é aquela pessoa velha que não tem mais nada, não consegue fazer; não consegue se levantar, não consegue andar, não consegue dançar, e eu me sinto da terceira idade por que eu faço tudo isso, tranqüila. Então isso pra mim é terceira idade. É eu saber fazer tudo; saber dançar, saber cantar, saber falar... Então como eu faço isso, eu me sinto da terceira idade.”* (71 anos, Casa de Santa Ana).

Já no grupo da Aposvale tiveram duas idosas que disseram não fazer parte da terceira idade, conforme os depoimentos a seguir:

*“Não. Acho que faço parte da melhor idade. Uma experiência com atividade é melhor idade com certeza!”* (74 anos, Aposvale)

Este discurso nos mostra um entendimento negativo com relação ao termo terceira idade, e traz um outro termo dentre os vários criados pela sociedade atual: melhor idade.

Outra entrevistada responde: *“Pior é que não acho; queria até fazer. Eu tenho amigas que ficam em casa 24 horas vendo televisão, não pintam o cabelo, ficam lá, não vão a lugar nenhum, e eu quero ir a tudo e acho pouco. Queria que tivesse mais ainda.”* (77 anos, Aposvale)

Tal depoimento também nos mostra a terceira idade como algo negativo; aquela pessoa que não se cuida, só fica em casa vendo televisão, não saem, não se divertem... É interessante como os padrões impostos pela sociedade são rapidamente introjetados no imaginário das pessoas. Criam-se padrões de comportamento.

Na pergunta referente às atividades oferecidas pelas instituições, as idosas demonstraram gostar bastante de todas as atividades, principalmente a dança e a música. Mostraram até dificuldade em eleger a atividade que gostam mais. Os depoimentos abaixo ilustram esta avaliação:

*“Dança e artesanato.”* (64 anos, Aposvale)

*“A dança, eu gosto muito; o coral eu gosto e as festas que a Aposvale faz também eu gosto. Eu gosto de tudo que a Aposvale faz.”* (74 anos, Aposvale)

*“Primeiro o convívio, que eu gosto de conviver com as pessoas, segundo, eu gosto da dança, eu gosto que a gente vem jogar aqui, enfim, tanto eu gosto que estou pensando em entrar pro coral. Eu gosto de tudo que a Aposvale oferece: os passeios, a dança, o jogo entre amigos, gosto de vir aqui, estou pensando em entrar no coral. Tudo que a Aposvale oferece eu gosto!”* (77 anos, Aposvale)

*“Cantar. Só não faço aula de dança porque não tenho tempo, mas eu gosto muito de cantar e passear.”* (64 anos, Aposvale)

*“Eu gosto de tudo. Eu gosto de dançar... O que vem eu gosto de fazer tudo... Eu gosto de cantar, eu gosto de fazer teatro, principalmente os passeios... O que eu mais gosto é de cantar, mas eu gosto muito do teatro também, me acostumei com ele e adorei o que estou fazendo. Gostei muito!”* (71 anos, Aposvale)

*“Aqui minha filha, acho que não tem aquela que eu não goste. Porque todas elas eu gosto. Porque o passeio que nós vamos fazer hoje, pra mim é maravilhoso, que pelo menos já saio um pouco de casa. Nós temos aqui: aula de salão, que eu gosto, nós temos aula de canto, a gente tem ginástica aqui também, que a gente gosta. Então tudo que tem aqui eu gosto. Não tem nada que eu não goste, graças a Deus.” (64 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Eu gosto muito da dança sênior e gosto também do grupo que eu faço com a Dagmar, que é o exercício, a ginástica.” (71 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Passeio, clube pra gente dançar, tem ginástica aqui na Casa de Santa Ana, tem o canto do Zé Carlos, que a gente canta com ele, tem a dança sênior, que a gente faz também... Muito bom, muito gostoso.” (74 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Crochê é o que eu mais gosto. A que eu mais gosto e que eu peguei pra mim é essa atividade. Não sei fazer legal não, mas eu gostei de aprender. Aprendi com a colega e não faço assim coisas grandes, mas faço essas coisinhas pequenas, assim lembranças, é que eu faço.” (82 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Eu gosto de cantar e dançar. São as duas coisas que a Casa me oferece; todas elas são boas, mas eu gosto de cantar, gosto muito de cantar, é a que eu mais gosto; de cantar com professor José Carlos.” (71 anos, Casa de Santa Ana)*

As falas das entrevistas nos mostram a necessidade de criação desses espaços que desenvolvem atividades com objetivo de integrar, socializar, estimular a capacidade criativa e, principalmente, o sentimento de pertencer a um grupo que o acolhe e o reconhece como igual. Tais instituições através das atividades oferecidas contribuem para o surgimento de outras formas de velhice, na qual os participantes aprendem a lidar com seus limites e descobrem que são capazes de realizar diversas atividades, fazer planos, viver de forma plena e não isolado e sem perspectivas.

Embora as entrevistadas façam parte de realidades diferentes, pertençam a instituições diferentes, o gosto pelas atividades representa uma similitude,

mostrando que não é o fator econômico que vai determinar a vontade de participar de um grupo.

Citando Cardoso (2004), não se pode deixar de considerar que existem idosos que realmente se encontram num estágio de velhice avançada, no qual colecionam muitas perdas, inclusive de habilidades físicas e emocionais. Mas constatamos a partir desses depoimentos, que os idosos aqui entrevistados, em sua maioria, mesmo que com alguns limites, desfrutam de momentos privilegiados na busca da satisfação, do prazer e da realização pessoal.

*Se a velhice, se a época da aposentadoria de forma geral é apresentada como uma época de perdas, Dumazedier, baseando-se em pesquisas próprias e de outros, aponta não para as perdas, mas para novas oportunidades de realização que evidenciam ganhos para os sujeitos. (MERCADANTE, 1997, p. 154 apud CARDOSO, 2004, p. 41).*

Perguntei a respeito do desejo de participar de outras atividades, além das que são oferecidas por ambas as instituições, e o depoimento de algumas delas foi:

*“Gostaria. Ginástica, atividade física, hidroginástica, musculação... Tudo isso iria me fazer muito bem.” (64 anos, Aposvale)*

*“Ah, gostaria. Ginástica, hidroginástica. Isso eu gostaria. Se pudesse ter um clube de recreação pra nós ... pra ficar o dia inteiro se divertindo, ficar a maior parte do tempo na Aposvale...” (64 anos, Aposvale)*

*“Bom, só atividade física, que aqui na Aposvale não tem, como ginástica, natação, hidroginástica, que infelizmente nós ainda não temos aqui. Eu adoro!” (71 anos, Aposvale)*

*“Eu gostaria que tivesse aqui pra gente participar, que difícil de participar fora, uma ginástica.” (73 anos, Aposvale)*

*“Queria que tivesse mais dança. Eu gosto; tanto que eu faço fora daqui duas vezes por semana, porque eu gosto. Eu tenho três aulas. Um curso de inglês também seria bom.” (77 anos, Aposvale)*

*“Nós já temos a aula de dança sênior. Poderia ter aula de dança de salão aqui. Seria maravilhoso! A gente gosta. As outras nós já temos. Então, o que vier a gente está participando.”* (64 anos, Casa de Santa Ana)

*“Eu preferia que tivesse alfabetização. Se tivesse até em outro lugar eu faria; dentro desse limite da parte da tarde, eu não quero a parte da manhã, cedo, porque eu acho que não tenho mais idade, nem à noite; agora uma tarde assim, eu tinha muita vontade de fazer, muita vontade mesmo. Eu acho que eu iria me lembrar de bastante coisa com a alfabetização, porque eu tenho pouco estudo e eu acho que agora ia pegar mais coisa ainda, ia ser bem melhor pra mim. Até pra mim pronunciar algumas palavras, que aí eu quero ler em voz alta, falando... Então a alfabetização seria o ideal. Eu gostaria muito.”* (71 anos, Casa de Santa Ana)

*“Eu gostaria que tivesse aqui é ginástica pra mim fazer. Porque sé tem velho, mas sentado eu acho que não resolve nada não. A ginástica que tem aqui é sentado; eu queria que tivesse em pé, porque todo mundo senti dor; uma dor na perna... tudo velho, por isso eu queria que tivesse exercício pro corpo.”* (66 anos, Casa de Santa Ana)

Tais depoimentos apontam o grande interesse pelo exercício físico, como: ginástica, hidroginástica, natação, dança e musculação.

Cabe ressaltar também, o interesse divergente entre uma idosa entrevistada na Aposvale, que gostaria de fazer um curso de inglês, e uma entrevistada na Casa de Santa Ana, que gostaria de fazer um curso de alfabetização. Ou seja, interesses totalmente opostos, por conta de estarem inseridas em realidades bem diferentes, na qual uma teve mais oportunidades que a outra. Resultado da profunda desigualdade social e econômica brasileira.

Contudo, isso nos faz pensar que estas idosas não enxergam a velhice como um obstáculo, mas sim como uma fase da vida em que têm autonomia para escolher e planejar aquilo que gostariam de fazer para aproveitar o tempo livre advindo com a idade.

Assim, de acordo com Bandeira (2005),

*“A respeito da autonomia na terceira idade, é importante que o idoso não se perceba como dependente. Em geral, a dependência acarreta, em pessoas de qualquer idade, o estigma de peso ou incômodo – o que pode gerar problemas como solidão, isolamento e depressão.” (BANDEIRA, 2005, p. 57).*

Tanto na Aposvale quanto na Casa de Santa Ana, algumas das entrevistadas não manifestaram o desejo de participar de outras atividades. Achem que as atividades oferecidas pelas instituições são ótimas.

*“Não. Eu gostaria de mais aulas de dança. Pelo menos mais um dia.” (74 anos, Aposvale)*

*“Não. Tudo aqui tem, eu só não participo de todas porque falta tempo. Eu acho que aqui já tem bastante coisa boa.” (71 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Não. Eu gosto das atividades que tem aqui e estou acostumada aqui. A única coisa que eu não gosto é jogo, porque eu sou cristã. Eu não gosto de jogar dama, não gosto de dominó, de baralho, eu não gosto de nada dessas coisas. A única atividade que eu não gosto é essa; tem aqui, mas eu não gosto. E tem aula também de pintura, que eu também não me achei. Eu sou mais de bordar, e meus bordados é tudo colorido. Fica muito bonito. Por enquanto não tem nenhuma outra atividade que eu queria participar.” (74 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Não. Porque eu não quero ter compromisso. O que eu faço já está bom. Compromisso assim eu não quero não. Eu já participo do grupo da alegria, que é um grupo daqui que tem que a Maria de Lourdes arrumou, assim pra gente visitar as pessoas no hospital, levar alegria pra eles, conversar, brincar com eles, dizer bobagem, jogar conversa fora. E eu faço parte. Gosto de fazer parte do grupo.” (82 anos, Casa de Santa Ana).*

Verificamos aí a questão da falta de tempo, que muitas vezes se deve ao fato de muitos idosos serem responsáveis pelo cuidado com netos e/ ou marido doente; da religiosidade, que também é uma forma de ocupação do tempo livre; do jogo, que difere opiniões entre os idosos, pois nem todos gostam; e do compromisso, que muitos idosos não querem ter, pois querem preservar a sua liberdade, a ausência de



cumprir horários, visto que grande parte de suas vidas, quando estavam inseridos no mercado de trabalho tinham essa obrigação do compromisso. Esse costume se perde com a aposentadoria e o fato de fazer o que querem, sem horários e compromissos é bastante valorizado pelos idosos.

A relevância das atividades oferecidas pelas instituições também foi avaliada, no sentido da importância que estas têm na vida de cada entrevistada e a justificativa. E as respostas dadas pelas idosas de ambas as instituições foram unânimes. Todas elas responderam de forma muito positiva a respeito da importância das atividades de que participam. Os depoimentos revelam como foi bom para estas idosas a participação nas atividades oferecidas pelas instituições:

*“São. Porque é o que eu gosto. Por exemplo, o artesanato, não tinha tempo de fazer, agora eu tenho as aulas, mas ainda não tenho muito tempo porque durante a semana tenho minha mãe em casa para tomar conta. Aí nas horas vagas, eu vou lá e faço. E tem outras coisas que queria voltar a fazer, como tricô, piano, que é voltado para música, mas enquanto eu tiver que tomar conta da minha mãe, não adianta eu arrumar aula pra poder ir. As atividades são muito importantes pra minha vida, porque ficar parado é muito pior.” (64 anos, Aposvale)*

*“São. Porque me ocupa o tempo. Eu não fico ociosa. Eu ficaria muito deprimida se eu ficasse dentro de casa ou então na rua, andando sem ter o que fazer. Eu acho que ficaria muito deprimida. Por isso que eu vim pra cá. Eu encontrei aqui a minha segunda casa. Quando eu fiquei viúva, fiquei muito sozinha, e vivia chorando pelos cantos, chorando aqui, chorando ali, e aí uma amiga sugeriu que eu fizesse dança. Aí eu vim e me entranhei aqui nas atividades e fiquei e estou até hoje. Comecei a participar dos passeios e aí melhorei! Realmente eu melhorei, mudei o modo de me vestir, o aspecto, sei lá, pelo menos dizem né...” (74 anos, Aposvale)*

*“Pra mim são! Porque eu gosto desse convívio. Eu sou uma pessoa que nasci para viver no meio de pessoas, não sei ficar sozinha, e aqui eu convivo com uma porção de gente. As festas eu gosto, os passeios eu gosto... Tudo eu participo porque eu gosto! Me sinto bem. Sinceramente me sinto bem!” (77 anos, Aposvale)*

*“São. Porque a gente revê os amigos, os ex-colegas, têm contato com pessoas da nossa idade. Eu acho isso importante. Eu tenho uma boa relação com os ex-colegas. Isso é um fator que faz com eu goste de freqüentar a Aposvale.” (64 anos, Aposvale)*

*“São, com certeza! Porque tira a gente da rotina e leva a uma vida melhor. Porque você ficar em casa vendo televisão não leva a lugar nenhum. Então, o teatro é muito bom, cantar também é muito bom, me fez muito bem. Depois que comecei a participar da Aposvale minha vida é outra... Com certeza! Depois que comecei a participar das atividades mudou muito, e pra melhor. Me sinto integrada, me sinto parte da família, da família Aposvale. Tanto faz muito bem para o corpo, como principalmente para mente, porque você não fica só naquela rotina, e aqui não. Principalmente o teatro faz muito bem pra mente.” (71 anos, Aposvale)*

*“São. Porque eu acho que a gente participa junto com as pessoas. Eu posso não estar junto, mas quando eles estão aqui, eu estou participando, estou ajudando, estou ouvindo, estou assistindo, estou dando atenção, eu estou incentivando eles, porque se você não for, não der atenção, ao vier, você não está incentivando as pessoas. Eu acho que eu venho as coisas por amor a fazer as coisas. Por isso que eu gosto da Beatriz, porque ela faz coisa aqui que a gente vem, se sente feliz, reúne a turma antiga... Todo mundo vem aqui. A Aposvale pra mim é a minha casa. Tudo aqui é ótimo, graças a Deus. Eu adoro essa música da Aposvale, porque eu sou apaixonada pelas coisas minhas. Eu sou apaixonada pela Vale do Rio Doce; como agora não estou na Vale, mas a minha lembrança não apaga nunca. Agora pela Aposvale eu dou tudo! Faço qualquer coisa pela Aposvale! Amo o trabalho da Beatriz, amo o trabalho de vocês, porque é um trabalho bom para nós, faz bem pra gente estar sempre reunido aqui com os antigos colegas. Porque se você ficar enfiado dentro de casa, que vida você vai ter? De jeito nenhum! Eu adoro isso aqui!” (73 anos, Aposvale)*

*“São importantes. São muito importantes. Porque aqui nessa Casa eu participo da aula de bordado, de artesanato, e eu gosto; não tenho muita paciência não mas eu gosto. Depois que eu vim pra esta Casa minha vida melhorou muito.*

*Nós temos também aula anti-estresse com profissionais maravilhosos... Aqui só tem gente boa!” (64 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Muito, muito importante. Porque eu me sinto, quando eu chego aqui, eu me sinto num pedacinho da minha casa. Eu me sinto muito bem no grupo, com as colegas, com todos; gosto muito de todos os funcionários... Eu gosto muito.” (71 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Pra mim, muito importantes. Porque vêm os estrangeiros pra cá, eles olham, gostam muito das coisas, adoram a pintura, adoram o bordado. É muito gostoso, e eles tratam a gente muito bem. A minha vida quando eu vim pra cá, em fevereiro vai fazer dois anos que eu estou aqui, mudou. Eu me sentia muito sozinha dentro da minha casa, aí eu já comecei a pensar pururuca na minha cabeça. Eu estava muito estressada, aí meu filho ia todo dia lá em casa e dizia assim: mãe, vai procurar a casa dos idosos, mãe. Sai desta casa mãe. A senhora vai ficar olhando para as paredes, a senhora vai ficar olhando pra televisão, a senhora vai ficar escutando som? Isso não é vida mãe. Vai procurar mãe. Por favor! Eu falei: tá, meu filho, pode deixar comigo. Aí, de repente, eu estava sozinha em casa, falei assim: Oh Senhor, tu me dá uma direção Senhor, o que eu devo fazer na minha vida? Fiz uma oração e pedi a Ele. Aí fiquei. Quando chegou na outra semana, de repente, me deu um estalo no coração e na cabeça: vai, vai que tu vai achar. Aí saí de manhã. Quando cheguei aqui na Associação de Moradores, tem muita gente aqui que me conhece, me conhece mesmo; e falei que estava procurando a casa dos idosos. Eles disseram: aqui atrás tem uma, a Casa de Santa Ana. Me trouxeram até aqui, estava fechado porque estava de férias. Falaram pra voltar depois do carnaval. Depois, quando voltei, estava aberto e me receberam. Todos me receberam muito bem, e estou aqui até hoje. Meu primeiro trabalho foi um tapete de tirinha, pra tirar o estresse e ocupar a mente. Aí fiz o tapete, gostaram muito, o estrangeiro veio aqui e comprou. Fiquei muito feliz. Aí depois veio outro trabalho com a agulha, e eu não sabia pegar na agulha, não sabia dar um ponto. Aí a colega me ensinou e eu aprendi a bordar. Agora eu faço tudo.” (74 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Ah, muito. Porque desenvolve a mente, é gostoso.” (82 anos, Casa de Santa Ana)*

*“São. São importantes porque eu acho que se eu não tivesse feito essas atividades que eu tenho aqui, eu acho que eu não estava bem. Então essas atividades que têm tido aqui na Casa, pra mim tem sido muito bom. Assim como a terapia, a dança com o professor Jolie, que é uma dança de ginástica, a dança sênior com a Ana, que é uma dança também de ginástica. Então essas ginásticas pra mim são maravilhosas! Eu gosto muito! Dançar e cantar... e tudo que tem aqui eu gosto. Tudo pra mim eu acho que me remoçou bastante. Foi muito bom!” (71 anos, Casa de Santa Ana)*

*“São. Porque eu gosto de estar junto com as colegas que fazem fuxico, inventam coisas pra fazer, pintam pano de prato. Eu já fiz com a colega L, porque ela pegava na mão da gente, porque eu não enxergo direito, aí ela me ajudou. Os gringos vieram aí e compraram tudo! Eu tenho vontade de voltar a pintar com a L, porque só ela tem paciência de ensinar a gente. É importante pra mim, porque a gente aprende, a gente que é dona-de-casa faz pra gente mesmo.” (66 anos, Casa de Santa Ana)*

Os depoimentos revelam o quanto as atividades oferecidas pela Aposvale e pela Casa de Santa Ana são importantes para estas idosas.

Nesse sentido, percebemos nos dois grupos como é válido estar com os amigos, aprender coisas novas, descobrir dons, exercitar a mente e o corpo, bater-papo, se distrair, pois muitas são viúvas, os filhos já estão casados, e por isso se sentem sozinhas, o que pode acarretar problemas de ordem emocional, como a depressão, o medo de sair de casa, o isolamento e até a morte.

Nos depoimentos das idosas da Aposvale encontramos a “cultura Vale do Rio Doce”, como disse o Sr. Luiz Costa e Silva, em uma de suas explicações a respeito da associação, que se trata das lembranças do tempo em que trabalhavam na Companhia Vale do Rio Doce, da referência aos ex-colegas e das histórias afins. Ou seja, cada uma dessas idosas possui uma história de vida diferente, mas todas têm algo em comum: são ex-funcionárias da Companhia Vale do Rio Doce.

Já nos depoimentos da Casa de Santa Ana encontramos o significado de se sentir valorizado enquanto sujeito, capaz, útil, quando elas citam a presença dos estrangeiros que vão à Casa visitá-las e apreciar os artesanatos que produzem.

Em ambas as instituições vimos que as idosas entrevistadas se sentem como se estivesse em suas casas. E o mais importante, elas reconhecem o trabalho realizado pelas Assistentes Sociais, o que representa o resultado de estarem cumprindo com êxito as propostas idealizadas para estes grupos etários, enquanto profissionais de Serviço Social.

Com o objetivo de fazer uma avaliação das atividades, pedi que cada idosa do grupo da Aposvale e do grupo da Casa de Santa Ana respondesse se a qualidade do tempo dela melhorou com a participação nas atividades.

Na medida em que o termo “qualidade de vida” é bastante polêmico, pois remete tanto a elementos subjetivos, quanto às condições objetivas dadas pelo contexto histórico, político e cultural, aqui o circunscrevo enquanto um estado de bem-estar físico, mental, psicológico e social, alcançado por meio de diversas atividades (lúdica, de lazer, informativa, participativa, criativa, etc.) que têm a finalidade de melhorar as diferentes dimensões da vida dos idosos em geral, e particularmente, a dos analisados neste trabalho.

E mais uma vez as entrevistadas dos dois grupos foram unânimes nos depoimentos. São eles:

*“Melhorou. Porque normalmente eu sou muito estressada, estresse eu tenho, mas só em vir aqui os dois dias que eu venho, já é uma tranquilidade para mim. Separa aquela horinha em que eu me desligo totalmente das minhas tarefas de casa. Chega aqui é outra coisa; converso, encontro as colegas, saio do ritmo de casa.”* (64 anos, Aposvale)

*“Melhorou. Quando eu falo para as pessoas que eu danço e canto, elas ficam surpresas. Dizem: Oh! E perguntam: é?; Aí eu digo: é. ; Aí elas dizem: Poxa, isso que minha mãe tinha que fazer. Assim, garota de loja; elas dizem: minha mãe vive pelos cantos. Aí eu digo: pois é, fala com ela. Meus filhos também me dão o maior incentivo; todos dois. Queria até que... Meu filho, logo que fiquei viúva disse: mãe você deveria arranjar um namorado, não é pra viver junto com ele não. Mas é difícil, porque todo homem maduro, assim da minha idade, é casado, aí não tem como, fica difícil, aí nem perco o meu tempo. Mas não é impossível...”* (74 anos, Aposvale)

*“Sem dúvida! Acho que deveria até voltar aquele cartaz que tinha ali: Entre a casa é sua. Eu acho isso ótimo! Eu achava tão bonitinho... Eu gosto das meninas que trabalham aqui, da Beatriz, de vocês, da Vânia, gosto de todo mundo. Me muito bem aqui! Eu acho que melhorou minha qualidade de vida, não tenha dúvida. Sinto diferença. Minha filha adora que eu venha! Ela todo dia pergunta: Mãe, onde você vai? O que é que tem hoje na Aposvale? Quando eu não tenho, por exemplo, ela diz: E aí o que você vai fazer se você não vai à Aposvale? Antes de eu participar minha vida era de um jeito, depois que comecei a participar achei que melhorou. Eu acho ótimo! Eu gosto de vir aqui. Acho muito bom!” (77 anos, Aposvale)*

*“Ah melhora... Porque você não pensa na vida, você se desliga. Agora chegou a minha hora de aproveitar! Já criei filho, já engoli muito sapo porque tinha que me manter e manter meus filhos; porque eu os criei sozinhos. Agora chegou a minha hora de diversão, de passeio, de alegria! Pra mim é muito importante, é o meu momento e eu não abro mão. Eu acho que a gente tem que se distrair, fazer coisas assim como a gente faz aqui: dançar, brincar, jogar... É um lazer. Minha vida mudou, é outra coisa, porque estou sempre em contato com as colegas. Saio, vou ao teatro; eu não gosto muito de cinema; gosto de ir a show com elas. Tenho a minha vida com elas fora daqui. Ultrapassa as atividades da Aposvale.” (64 anos, Aposvale)*

*“Eu acho que a qualidade do meu tempo melhorou muito.” (71 anos, Aposvale)*

*“Ah sim, muito. Foi crescendo, crescendo, crescendo e talvez até passe a crescer mais. Tem muita coisa boa! Está tudo melhor! Eu acho que na nossa vida, quanto mais vai passando o tempo, melhor vai ficando, vai ficando melhor... As atividades oferecidas pela Aposvale melhorou a qualidade do meu tempo. Antes eu trabalhava, não tinha tempo, tinha a minha filha, então eu tinha atividade. Agora que a gente está em casa; é, eu não fico em casa, fico muito mais na rua porque muita coisa que eu tenho pra fazer, mas quem não tem, tem aqui pra participar, pra poder ver os amigos, ver os colegas, enfim é maravilhoso! Isso aqui é ótimo, acho ótimo, muito bom. Me sinto bem, sinto que aqui é minha casa. A gente se sente mais gente. Porque se a gente ficar enfiado dentro de casa: ah eu estou velha, estou aposentada... Você se sente inútil. Aqui não. Você se sente útil, se sente feliz por*

*estar com os amigos. É muito bom, muito bom, muito bom! É ótimo!” (73 anos, Aposvale)*

*“Melhorou, melhorou... Porque eu estava num estresse muito grande, então aqui me melhorou bastante. Melhorou muito, muito, muito mesmo. Melhorou mesmo! Agora eu estou assim com a cabeça atacada porque é muita coisa pra minha cabeça só; porque na minha casa, minha cabeça tem que girar pra tudo. Quer dizer, aí não tem cabeça nenhuma que agüente também, tem hora... Então, o momento que eu estou aqui é um momento de distração pra mim. Então pra mim está maravilhoso...” (64 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Melhorou. Com certeza! Eu acho muito bom. É sempre muito bom.” (71 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Com certeza. 100%. Acabou o estresse. Acabou o estresse mesmo. É outra vida. Eu me distraía muito era com o cigarro, que não faz bem. Eu já era cristã da Igreja Assembléia de Deus. Aí meu filho não fuma nem bebe; aí eu comecei a fumar muito; era um atrás do outro. Fumava três maços de cigarro por dia. Olha só como eu estava! Eu não comia, era só cigarro e café. Até que um dia eu pedi: Senhor tem misericórdia de mim, Senhor. Foi quando parei de fumar e comecei a ocupar minha mente aqui na Casa de Santa Ana. Agora o meu filho fala pra mim: Mãe a senhora já vai? Eu digo: Já meu filho. Estou indo lá pra minha escolinha, eu vou pra minha crechinha. A Maria de Lourdes me adora, eu adoro a Maria de Lourdes, adoro todo mundo aqui... Priscila, eu brinco com Priscila, a Elizete, todo mundo... Eu adoro! Brinco com todo mundo, com as cozinheiras... A gente brinca a beça o dia todo. A gente dança... Me divirto.” (74 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Melhorou. Eu acho porque eu me sinto assim útil, me sinto uma pessoa útil, que presto pra alguma coisa. Melhor do que ficar sem fazer nada, aí vem os grilinhos na cabeça. Eu senti e achei muita diferença.” (82 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Melhorou, melhorou. Eu era uma pessoa parada, eu era uma pessoa tímida, era uma pessoa que não falava nem nada. Hoje em dia, com as atividades que tem aqui, eu já converso, já falo, já encaro as pessoas de um modo bem... Então essa*

*Casa aqui me mostrou muita coisa boa, coisa boa mesmo, que eu não tinha. Aqui eu aprendi muito; aqui eu sei encarar a vida como ela é, sei conversar, sei falar... então pra mim essa Casa me ofereceu tudo, tudo de bom.” (71 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Melhorou, melhorou muito. Eu melhorei porque eu vim pra aqui no médico do hospital, onde eu estava internada, aí ele chamou minha filha e falou que eu era muito tímida, e não gostava de conversar. Aí ele tinha mania de chegar de noite e puxar o dedão do meu pé, e eu ficava olhando pra cara dele. Ele dizia: você é muito fechada, você tem que conversar com as pessoas, não pode ficar falando embolado não; você tem que ir pra um lugar que tenha bastante gente pra você conversar. Aí minha filha disse: Ah, tem uma casa de idoso perto de onde eu moro. Aí o médico falou: vê se você arruma pra ela lá, que ela tem que ficar com outras conversando, com as outras pessoas. Aí eu vim pra aqui... fiquei falando até demais! Foi muito bom vim pra aqui. Porque eu ficava sozinha. Minha filha casou, meu filho também, a outra minha filha casou, mora em Maricá, eu moro sozinha e Deus aqui. E aqui eu tenho companhia, mas não vou ficar por muito tempo não, porque eu pretendo mudar daqui. Meu quarto é logo na frente, e tem noite que eu não durmo. Tem esses bailes funk às sextas-feiras; tem 3 equipes, ninguém dorme... também tem muito tiro; cedo eles estão dando tiro. Aí a gente fica assustada.” (66 anos, Casa de Santa Ana)*

Os depoimentos são riquíssimos e mostram diferenças e similitudes entre os grupos; similitudes quando todas as idosas declaram que a qualidade do tempo delas melhorou significativamente. Nesse sentido, foi sinalizada a questão do estresse, tanto na Aposvale, quanto na Casa de Santa Ana, que melhorou com as atividades praticadas; da tranquilidade que elas encontram nas instituições; do sentir-se útil e protegida e do sentimento de pertença, de participação e de integração. Algumas colocaram também o fato de seus filhos ficarem satisfeitos com a participação delas no grupo, depoimentos que vimos tanto na Aposvale quanto na Casa de Santa Ana.

Ao fazermos uma análise de tais discursos, percebemos o quanto essas idosas se sentem satisfeitas por participarem de atividades como a dança, o coral, o artesanato, pois para elas isso é um desafio, na medida em que a nossa sociedade trata a pessoa idosa como inútil, que não consegue fazer mais nada, apenas por não estar inserida no mercado de trabalho.



De acordo com Silva (2003),

*A cultura engendrada pela sociedade constitui um impeditivo para interpretações conceituais, que possibilitem a identificação da velhice como parte da grade etária da vida, cujos pertencentes a esta são denominados velhos. O fato do termo ser utilizado para se referir a pessoas como produtos descartáveis permite que esta associação leve à negação do termo e à identificação das condições do ser velho. (SILVA, 2003, p. 102)*

E ao participarem das atividades em grupos oferecidas pelas instituições citadas, elas descobrem que são capazes de fazer muitas coisas, contrariando a idéia disseminada pela cultura ocidental de que velho é ultrapassado e deve ser descartado.

Algumas idosas falaram da questão da timidez, que deixou de existir em suas vidas quando começaram a participar das atividades em grupo.

O ser humano nasce com necessidades sociais e a participação nos grupos tem a intenção de satisfazê-las. Nesse sentido, segundo Teixeira (2002) ao citar a teoria das necessidades pessoais de Schultz, *“as pessoas não se integram em um grupo se ele não trazer a satisfação de certas necessidades fundamentais que são: necessidade de inclusão, necessidade de controle e necessidade de afeição.”* (BRAGHIROLI, et al., 1999, p. 128 apud TEIXEIRA, 2002, p. 48).

*A “necessidade de inclusão” é definida como a necessidade de se sentir integrado, valorizado, aceito totalmente pelos demais; “a necessidade de controle” pode ser entendida como a necessidade de estabelecer, para si mesmo, quais são as suas responsabilidades e as dos outros. O indivíduo precisa sentir-se totalmente responsável pelo grupo, seus objetivos, estrutura, funcionamento e progresso; e a “necessidade de afeição”, que é descrita como a necessidade que aparece depois das duas necessidades, e que representa o desejo de ser valorizado, de ser percebido como insubstituível pelo grupo. Seria o desejo secreto de todos os indivíduos, como participantes de um grupo. O indivíduo quer ser ao mesmo tempo valorizado por sua competência e aceito como pessoa. (BRAGHIROLI et al.; 1999 apud TEIXEIRA, 2002, p. 48).*

O destaque encontrado nesses depoimentos está na questão da violência, apontada por uma das idosas entrevistadas na Casa de Santa Ana, que disse gostar muito das atividades, que melhorou muito depois que passou a freqüentar a instituição, mas não ficará morando na Cidade de Deus por muito tempo por causa do barulho feito pelos bailes funk e do tiroteio, que às vezes a assusta. Essa fala se constitui numa diferença entre a realidade das idosas residentes em uma

comunidade de baixa renda e a das idosas participantes da Aposvale, que representam a camada média alta do Rio de Janeiro.

Infelizmente, está é uma triste realidade do nosso país, a qual vem adquirindo proporções tamanhas ao ponto de modificar a rotina e, conseqüentemente, a vida de grande parte da população.

A última pergunta da entrevista foi sobre as propostas de programas que as idosas gostariam que tivessem nas instituições. Neste item os depoimentos foram bastantes divergentes, visto que as necessidades e as demandas do público pesquisado se diferenciam de uma instituição para a outra.

Assim, as sugestões das idosas revelam:

*“Sim. Exercício físico, musculação, meditação, yoga. Gostaria que tivesse algo nessa parte da saúde física, mental, porque na terceira idade o que a gente mais precisa é disso: fazer o cérebro funcionar. Por exemplo, a meditação e a yoga faz você relaxar, ter calma interior; porque sendo aqui é diferente dos outros lugares. Você tem lá fora, mas não é a mesma coisa, fica mais difícil por causa dos horários e dos locais, e aí você acaba não indo, se inscreve e acaba abandonando. Por exemplo, tem a dança; poderia antes ou depois, ter a parte física, com meditação ou yoga, no mesmo dia de outra atividade seria melhor, mas mesmo que fosse em outro horário eu acho importante que tenha. A procura iria ser boa. Eu já faço dança, mas queria fazer yoga, meditação, relaxamento... Essas atividades fazem parte da terceira idade. Iria melhorar muito mais minha qualidade de vida, porque a vida que a gente leva estressada aí, faz com que a gente precise disso mesmo. Você sai na rua e está calma, depois entra num estresse sempre, porque o que mais se encontra é confusão no meio do caminho.”* (64 anos, Aposvale)

*“Tem. Se tivesse condição aqui de ter hidroginástica, atividade física, como tem nas regionais... Atividade pro corpo e pra mente, principalmente yoga. A yoga seria uma maravilha! Se tivesse yoga aqui eu gostaria muito... O bailinho que a Beatriz está fazendo agora também eu gostaria que tivesse todo mês.”* (74 anos, Aposvale)

*“Sim. Um curso de línguas seria interessante pra mim.”* (77 anos, Aposvale)

*“Tem. Nós podíamos fazer passeios, ir ao teatro na parte da tarde, fazer passeio cultural, ir ao museu... Além dos que estão na programação da Aposvale. Seriam passeios dentro da cidade. Passar uma tarde, ir ao teatro, conhecer museus, visitar exposições, ir àqueles programas que tem no Teatro Municipal à tarde. Convênios com farmácia, ótica, também seria bom pra nós.” (64 anos, Aposvale)*

*“Sim. Atividade física, que eu gostaria muito que tivesse pra eu poder participar também.” (71 anos, Aposvale)*

*“Tem. A ginástica, uma atividade física assim de ginástica, de exercício, musculação... Uma ginástica, uma academiuzinha aqui dentro... Seria ótimo! Porque eu não vou lá fora mesmo. Primeiro porque a gente não tem ‘tutu’ e segundo, que aqui eu me sentiria melhor, mais a vontade, porque está dentro da sua casa, dentro do seu povo, pessoal seu. Eu adoro aqui!” (73 anos, Aposvale)*

*“Queria que tivesse algo pra ajudar a todas que são essas senhoras que chegam aqui doentes, com feridas, que às vezes, as meninas têm que tirar do bolso delas pra poder comprar um remédio, pra poder comprar uma gaze, comprar uma pomada... E elas tiram mesmo do bolso delas pra comprar! Então, eu gostaria, se pudesse era isso: ajudar a Casa, que elas estão precisando de ajuda, ainda mais na parte dos curativos, no atendimento médico, que aqui também não tem médico também, tudo é com elas. Se um passa mal, elas que tem que ver carro pra botar, pra levar pro hospital... Então, se tivesse um médico aqui, mais recurso, aí seria maravilhoso; porque aí seria pra todo mundo. Porque um aparelho pra medir a pressão, elas têm que comprar. Às vezes, coitadas com sacrifício, têm que comprar à prestação. Então elas fazem tudo que a gente precisa, mas tem hora que elas têm dificuldade, e, às vezes, as pessoas que vêm lá de fora, vêm precisando de um recurso, vêm em busca de um recurso. Quer dizer, se a pessoa não tem, o que elas fazem? Se reúnem, elas mesmas e vão ajudar aquela pessoa. Agora, tem que ter um de fora também que ajude elas, porque o que elas tiram são dinheiro suado também. Elas precisam de muita coisa aqui dentro, muita coisa mesmo. Em matéria de curativo, pomada, remédio pra tomar, um médico que viesse pelo menos de 15 em 15 dias, ou então de 8 em 8 dias. Viesse pra poder ver todo mundo; com é que*

*estava a saúde de todos... Já seria ótimo, porque aqui não tem.” (64 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Bom, talvez se tivesse um médico clínico, que sabe... Porque hoje em dia é tão difícil de você conseguir... Eu não tenho nenhum plano de saúde, e isso hoje em dia pra você que não tem plano de saúde, pra você conseguir uma consulta é muito complicado. Se tivesse um clínico seria melhor ainda. Com certeza seria mais fácil.” (71 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Gostaria que a Casa de Santa Ana melhorasse a situação dela aqui. Porque a Casa de Santa Ana está passando um perrengue. A gente agradece muito a Maria de Lourdes, porque a Maria de Lourdes corre muito pra não deixar a gente aqui, pra não fechar a Casa. Ela corre muito, porque a Prefeitura... Eu peço a Deus que ela melhore cada vez mais, que vá melhorando, que Deus ajude que a Casa de Santa Ana levante, melhore. Eu não gostaria que fechasse porque eu me sinto muito bem aqui. Qualquer outra casa que eu for, eu acho que eu não vou me acostumar como eu estou acostumada aqui. Aqui a gente tem mais liberdade. Aqui a gente tem liberdade pra tudo. Eu peço a Deus que chegue mais alguma coisa pra Casa de Santa Ana, pra gente... Uma doação boa pra ajudar a Casa de Santa Ana. É isso que eu peço.” (74 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Tem. Gostaria que tivesse um dentista aqui para as minhas colegas que tem os dentes tudo estragado. Têm algumas aí com os dentes muito estragado. Isso faz mal à saúde. Dente inflamado, engoli pus, têm mal hálito. Isso eu gostaria que tivesse. Se tivesse um dentista pra tratar da boca dessas colegas era muito bom.” (82 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Gostaria sim. Se tivesse uma ajuda, uma ajuda. Porque quando nós tínhamos ajuda da Prefeitura era bem melhor aqui. Agora a gente não tem uma ajuda assim de ninguém, de nada. Então eu acho que se tivesse uma ajuda aqui pra Casa seria bem melhor. É bom, aqui é ótimo, não é dizer que eu tô dizendo que aqui não é bom, é bom, mas se nós tivéssemos uma ajuda assim da Prefeitura, principalmente, que ajudasse, procurasse ajudar a Casa, pra nós ia ser bem melhor. Ia ter várias opções, bem melhor... como quando nós tínhamos aqui a Prefeitura e a*

*gente saia mais, às vezes tinha ônibus pra pegar a gente pra levar para os passeios, tinha tudo... Hoje em dia tem que ficar dependendo às vezes de van, de condução, e se fosse uma ajuda assim eu acho que melhorava bem mesmo a Casa pra gente. Uma ajuda da Prefeitura pra Casa seria bem melhor.” (71 anos, Casa de Santa Ana)*

*“Não. O que tem aqui tá bom. A Priscila agora inventou um filme... o que tem na Casa pra mim tá bom. A única coisa que eu queria mesmo era a ginástica. Só isso.” (66 anos, Casa de Santa Ana)*

Ao analisarmos estes depoimentos verificamos que as respostas das idosas do grupo da Aposvale se assemelham bastante. A maioria delas sugere que tenha yoga, ginástica, exercício físico, meditação, musculação e hidroginástica. Gostariam que tivessem tais atividades porque gostam e porque sentem necessidade de praticá-las. E gostariam que fossem oferecidas dentro da instituição, pois é onde elas se reconhecem, são valorizadas, encontram seus colegas e se sentem à vontade.

Na Casa de Santa Ana a demanda é totalmente diferente, pois as idosas que lá se encontram possuem necessidades diferentes. Assim, elas propõem que tenham atendimento médico, devido à dificuldade de serem atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), tratamento odontológico, visto que não têm condições de pagar, materiais para curativos, remédios, transporte, que possa ser utilizado para conduzir as idosas, caso necessitem ir ao hospital e assim, reivindicam uma ajuda da Prefeitura para melhorar as condições de vida das idosas assistidas pela Casa de Santa Ana.

Constata-se um forte sentimento de solidariedade entre elas, pois pensam muito umas nas outras no sentido de terem o desejo de se ajudarem, e assim melhorarem a situação da Casa, que presta um valioso serviço a elas. Ou seja, é um ciclo e elas reconhecem o bem que as atividades promovidas pela Casa de Santa Ana lhes fazem.

## CONCLUSÃO

Atualmente, pensar no processo de envelhecimento da população é inevitável. Isso porque a expectativa de vida está aumentando e segundo dados do IBGE, tende a aumentar cada vez mais. Por isso, as pessoas idosas estão ganhando visibilidade e, conseqüentemente, ocupando mais espaços na sociedade.

Os temas relacionados à chamada terceira idade freqüentemente estão sendo colocados em discussão, seja por pesquisadores do assunto, seja por aqueles que direta ou indiretamente possuem contato com pessoas idosas, seja pelo senso comum ou por aqueles que vêem esse público como mercado consumidor.

Mas, ao entendermos o processo de envelhecimento como um fenômeno que possui múltiplas dimensões, que vão além do fator demográfico, podemos concluir que essa é uma questão de extrema relevância e por isso ao ser analisado deve ser articulado à conjuntura, à estrutura social, à política, à educação, à cultura, ao lazer, em toda sua complexidade.

Ao se pensar na temática do envelhecimento, é importante considerar não apenas a questão aparente da ampliação dos contingentes de idosos em todas as sociedades, mas também pensar fundamentalmente na qualidade do envelhecer dessa população. Isto é, o fenômeno do envelhecimento está colocado como questão, e o que está sendo feito no sentido de proporcionar melhor qualidade de vida a essas pessoas?

Nesse contexto, a questão do envelhecimento populacional no Brasil, mesmo diante dos resultados dos últimos censos demográficos, não despertou efetivos significados públicos, nem novas alternativas para enfrentá-la de maneira eficiente.

De acordo com Peixoto (1998),

*A proposição de uma política para a velhice está ainda engavetada na mesa de um ministério qualquer. Em um país onde reinam a desnutrição, o analfabetismo, o desemprego, a habitação precária e tantas outras misérias, a velhice não entra na lista das ações políticas. (PEIXOTO, 1998, p. 80).*

Vários estudos e pesquisas alertam sobre o envelhecimento acelerado da população e com ele uma demanda de alternativas de apoio e atendimentos aos idosos, sobretudo, os de baixa renda, que se constituem a maioria da população brasileira.

A falta de uma política social efetiva em prol dos idosos está elevando cada vez mais o número dos que se encontram em situação de risco social, com baixas aposentadorias, abandonados por familiares e sem condições de sobrevivência dignas.

A meu ver, o caminho em busca de uma melhor qualidade de vida está na superação do medo e da insegurança tão comum na terceira idade, deixando que a vontade que existe dentro de cada um aflore, ultrapasse os obstáculos e seja capaz de transformar significativamente o futuro desse segmento da população, no sentido de aprender, de estar integrado na sociedade, de reivindicar pelos seus direitos enquanto cidadãos, de viver. E por isso coloco a importância de um governo e de uma sociedade atuante e não expectadora dos acontecimentos e das mudanças que vêm acontecendo muito rapidamente no mundo.

Não podemos esquecer que a sociedade na qual vivemos hoje, é extremamente complexa, plural, multicultural e, por isso, precisamos estar abertos às diferenças, à solidariedade e à inclusão. É importante que exista um processo de troca de experiências, de sabedorias e de diálogo tão necessário à sociedade atual, no qual a população idosa tem muito a contribuir e a oferecer, pois experiências de vida e sabedoria são o que não lhes falta. Nesse sentido, deve haver iniciativas que possibilitem a criação de espaços de trocas, visto que a população idosa torna-se sábia de acordo com as mediações sociais, culturais e econômicas ocorridas no decorrer da vida.

Muito mais importante que a aparência dos fatos é a percepção da essência. E perceber a essência é fundamental no trabalho de promoção social, pois muitas vezes um instrumento utilizado pelo profissional, uma estratégia pouco compreendida ou uma maneira de agir, traz em si uma finalidade, que tem por base a satisfação e realização do idoso.

Proporcionar momentos únicos faz parte do planejamento das atividades propostas pelo trabalho de promoção social.

Isso pôde ser constatado na pesquisa apresentada neste trabalho, a partir dos depoimentos do grupo da Aposvale, assim como do grupo da Casa de Santa Ana. Instituições situadas em diferentes realidades, uma representante da camada média alta do Rio de Janeiro (Aposvale), e outra representante da camada popular do Rio de Janeiro (Casa de Santa Ana), porém com a mesma proposta de promover socialmente a pessoa idosa, num contexto neoliberal, bastante hostil com relação a

essa parcela da população. Isso porque privilegia o novo, o belo e o jovem em detrimento do velho. Como vimos é a sociedade do descartável.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é fundamentalmente mostrar a importância dos espaços que desenvolvem trabalhos de promoção social para as pessoas da chamada terceira idade.

O Serviço Social, enquanto profissão que trabalha com a parcela da população idosa, consegue enxergar na prática os resultados obtidos com as propostas de atividades que visam a promoção social da pessoa idosa.

Nesse sentido, os depoimentos das idosas dos dois grupos analisados, constata que o papel do Assistente Social, se desenvolvido com seriedade, compromisso e planejamento, é extremamente válido e indispensável quando se trata do tema em questão.

Verificamos que a vida das idosas entrevistadas mudou a partir da inserção, participação, integração e socialização nos grupos das instituições pesquisadas.

Portanto, essa é uma pequena amostra da necessidade da existência das instituições que buscam o diálogo entre as representações do envelhecimento e as práticas voltadas para um envelhecimento com cidadania ou bem-sucedido. (TEIXEIRA, 2002). É uma pequena amostra também do que pode ser feito, no sentido de proporcionar tempo livre com qualidade na terceira idade, visando a promoção social dessa significativa parcela da população. Para isso basta que hajam investimentos em políticas públicas efetivas e profissionais preparados para desempenhar tal função com a responsabilidade que ela merece ser tratada.



## ANEXOS

**Pesquisa realizada na Aposvale (Associação dos Contribuintes Assistidos da VÁLIA), localizada na Cidade do Rio de Janeiro e na Casa de Santa Ana, localizada na Comunidade Cidade de Deus – Rio de Janeiro.**

O roteiro utilizado nas entrevistas foi dividido em duas partes: a primeira parte foi composta por perguntas de identificação, e a segunda parte foi composta por perguntas subjetivas acerca da velhice e do trabalho de promoção social realizado nas instituições citadas. Cabe ressaltar que nas entrevistas foram mantido o sigilo, portanto, o nome dos participantes foi preservado e não constou na pesquisa. É importante destacar também que todas as entrevistadas são do sexo feminino e possuem idade de 60 anos e mais, a qual segundo o Estatuto do Idoso (2003) considera pessoa idosa. Sendo assim, as perguntas foram:

1ª parte: Identificação

- Idade;
- Sexo;
- Raça;
- Escolaridade;
- Profissão;
- Renda (aposentadoria, pensão, outros).

2ª parte: Entendimento sobre a velhice e o trabalho realizado na Aposvale e na Casa de Santa Ana

- Para você, o que é terceira idade? (Conceito de Terceira Idade)
- Você acha que faz parte da terceira idade? (Inclusão na Terceira Idade)
- Qual (is) atividade (s) oferecida (s) pela instituição que você mais gosta? (Atividades oferecidas)
- Você gostaria de participar de alguma atividade que não é oferecida pela instituição? Qual? (Desejo de outras atividades)
- As atividades oferecidas pela instituição são importantes para você? Por quê? (Relevância das atividades)
- Você acha que a qualidade do seu tempo melhorou com a participação nas atividades? (Avaliação da qualidade)
- Tem algum programa ou benefício que você gostaria que tivesse na instituição? Qual? (Propostas de programas)

**Seguindo a ordem do roteiro citado, as respostas obtidas a partir das entrevistas realizadas na Aposvale foram:**

**Entrevistada A:** Tem 64 anos, se autodenomina morena, possui nível superior completo em Ciências Contábeis, tem renda proveniente de aposentadoria no valor de R\$ 3 mil reais por mês.

Pergunta nº1:

“Agora você me pegou. Não sei nem se me considero da terceira idade. Acho que é ter tranquilidade. Aquela pessoa que tinha o que fazer, e agora está disponível; não tem hora, nada marcado, aonde você quer ir está livre, pode fazer o que quiser, dança, canta; antes não podia fazer por causa do horário do serviço. Você fica mais livre, tem mais liberdade.”

Pergunta nº2:

“Faço, pela idade eu faço. Realmente eu não me sinto na terceira idade, mas o tempo vai chegando e quando você começa a pensar que está com esta idade toda... Eu faço tudo que fazia antes, atividade normal, então só me sinto devido à idade. A partir dos 60 é a terceira idade. Só por isso.”

Pergunta nº3:

“Dança e artesanato.”

Pergunta nº4:

“Gostaria. Ginástica, atividade física, hidroginástica, musculação... Tudo isso iria me fazer muito bem.”

Pergunta nº5:

“São. Porque é o que eu gosto. Por exemplo, o artesanato, não tinha tempo de fazer, agora eu tenho as aulas, mas ainda não tenho muito tempo porque durante a semana tenho minha mãe em casa para tomar conta. Aí nas horas vagas, eu vou lá e faço. E tem outras coisas que queria voltar a fazer, como tricô, piano, que é voltado para música, mas enquanto eu tiver que tomar conta da minha mãe, não

adianta eu arrumar aula pra poder ir. As atividades são muito importantes pra minha vida, porque ficar parado é muito pior.”

Pergunta nº6:

“Melhorou. Porque normalmente eu sou muito estressada, estresse eu tenho, mas só em vir aqui os dois dias que eu venho, já é uma tranquilidade para mim. Separa aquela horinha em que eu me desligo totalmente das minhas tarefas de casa. Chega aqui é outra coisa; converso, encontro as colegas, saio do ritmo de casa.”

Pergunta nº7:

“Sim. Exercício físico, musculação, meditação, yoga. Gostaria que tivesse algo nessa parte da saúde física, mental, porque na terceira idade o que a gente mais precisa é disso: fazer o cérebro funcionar. Por exemplo, a meditação e a yoga faz você relaxar, ter calma interior; porque sendo aqui é diferente dos outros lugares. Você tem lá fora, mas não é a mesma coisa, fica mais difícil por causa dos horários e dos locais, e aí você acaba não indo, se inscreve e acaba abandonando. Por exemplo, tem a dança; poderia antes ou depois, ter a parte física, com meditação ou yoga, no mesmo dia de outra atividade seria melhor, mas mesmo que fosse em outro horário eu acho importante que tenha. A procura iria ser boa. Eu já faço dança, mas queria fazer yoga, meditação, relaxamento... Essas atividades fazem parte da terceira idade. Iria melhorar muito mais minha qualidade de vida, porque a vida que a gente leva estressada aí, faz com que a gente precise disso mesmo. Você sai na rua e está calma, depois entra num estresse sempre, porque o que mais se encontra é confusão no meio do caminho.”

**Entrevistada B:** Tem 74 anos, se autodenomina branca, possui o ensino médio completo, tem como profissão secretária, recebe aposentadoria de R\$ 1.300 reais por mês.

Pergunta nº1:

“Terceira idade é quando a pessoa já está que não consegue fazer mais nada. Eu acho que estipular o que é terceira idade... Pode ser com 50, pode ser com 60, com 70, com 80. Aí então estipular terceira idade com 50 anos, eu acho muito pouco, como eles fazem... Eu acho muito pouco. Se você tem atividade, se você dança, no

caso eu canto, isso não é terceira idade. Eu não concordo com esse padrão: terceira idade; ela é terceira idade, tem no anúncio: dança para terceira idade; eu não concordo. Acho que poderia ser melhor idade ou experiência, sei lá, não pensei ainda em outros tipos de denominação... Eu acho muito ruim esse negócio de terceira idade, diminui muito a gente; eu acho que a gente se sente muito complexada. Não porque eu me sinto, mas a influencia da sociedade faz com que a gente se sinta complexada. Eu acho que é um tipo de discriminação.”

Pergunta nº2:

“Não. Acho que faço parte da melhor idade. Uma experiência com atividade é melhor idade com certeza!

Pergunta nº3:

“A dança, eu gosto muito; o coral eu gosto e as festas que a Aposvale faz também eu gosto. Eu gosto de tudo que a Aposvale faz.”

Pergunta nº4:

“Não. Eu gostaria de mais aulas de dança. Pelo menos mais um dia.”

Pergunta nº5:

“São. Porque me ocupa o tempo. Eu não fico ociosa. Eu ficaria muito deprimida se eu ficasse dentro de casa ou então na rua, andando sem ter o que fazer. Eu acho que ficaria muito deprimida. Por isso que eu vim pra cá. Eu encontrei aqui a minha segunda casa. Quando eu fiquei viúva, fiquei muito sozinha, e vivia chorando pelos cantos, chorando aqui, chorando ali, e aí uma amiga sugeriu que eu fizesse dança. Aí eu vim e me entranhei aqui nas atividades e fiquei e estou até hoje. Comecei a participar dos passeios e aí melhorei! Realmente eu melhorei, mudei o modo de me vestir, o aspecto, sei lá, pelo menos dizem né...”

Pergunta nº6:

“Melhorou. Quando eu falo para as pessoas que eu danço e canto, elas ficam surpresas. Dizem: Oh! E perguntam: é?; Aí eu digo: é. ; Aí elas dizem: Poxa, isso que minha mãe tinha que fazer. Assim, garota de loja; elas dizem: minha mãe vive pelos cantos. Aí eu digo: pois é, fala com ela. Meus filhos também me dão o maior

incentivo; todos dois. Queria até que... Meu filho, logo que fiquei viúva disse: mãe você deveria arranjar um namorado, não é pra viver junto com ele não. Mas é difícil, porque todo homem maduro, assim da minha idade, é casado, aí não tem como, fica difícil, aí nem perco o meu tempo. Mas não é impossível...”

Pergunta nº7:

“Tem. Se tivesse condição aqui de ter hidroginástica, atividade física, como tem nas regionais... Atividade pro corpo e pra mente, principalmente yoga. A yoga seria uma maravilha! Se tivesse yoga aqui eu gostaria muito... O bailinho que a Beatriz está fazendo agora também eu gostaria que tivesse todo mês.”

**Entrevistada C:** não quis dizer a idade, se autodenomina branca, possui o Ensino Médio completo, tem como profissão secretária e possui renda proveniente de aposentadoria, aluguel e pensão, totalizando o valor aproximado de R\$ 8 mil reais por mês.

Pergunta nº1:

“É ainda a melhor opção, mas não é uma coisa agradável. Pra mim que estou viúva duas vezes, acho estranho ficar sozinha, então me envolvo em tudo que aparece, porque eu não gosto de terceira idade. Eu acho muito chato. Não gosto. É a melhor opção, mas eu não gosto. Eu queria ter 25, 30...”

Pergunta nº2:

“Pior é que não acho; queria até fazer. Eu tenho amigas que ficam em casa 24 horas vendo televisão, não pintam o cabelo, ficam lá, não vão a lugar nenhum, e eu quero ir a tudo e acho pouco. Queria que tivesse mais ainda.”

Pergunta nº3:

“Primeiro o convívio, que eu gosto de conviver com as pessoas, segundo, eu gosto da dança, eu gosto que a gente vem jogar aqui, enfim, tanto eu gosto que estou pensando em entrar pro coral. Eu gosto de tudo que a Aposvale oferece: os passeios, a dança, o jogo entre amigos, gosto de vir aqui, estou pensando em entrar no coral. Tudo que a Aposvale oferece eu gosto!”

Pergunta nº4:

“Queria que tivesse mais dança. Eu gosto; tanto que eu faço fora daqui duas vezes por semana, porque eu gosto. Eu tenho três aulas. Um curso de inglês também seria bom.”

Pergunta nº5:

“Pra mim são! Porque eu gosto desse convívio. Eu sou uma pessoa que nasci para viver no meio de pessoas, não sei ficar sozinha, e aqui eu convivo com uma porção de gente. As festas eu gosto, os passeios eu gosto... Tudo eu participo porque eu gosto! Me sinto bem. Sinceramente me sinto bem!”

Pergunta nº6:

“Sem dúvida! Acho que deveria até voltar aquele cartaz que tinha ali: Entre a casa é sua. Eu acho isso ótimo! Eu achava tão bonitinho... Eu gosto das meninas que trabalham aqui, da Beatriz, de vocês, da Vânia, gosto de todo mundo. Me muito bem aqui! Eu acho que melhorou minha qualidade de vida, não tenha dúvida. Sinto diferença. Minha filha adora que eu venha! Ela todo dia pergunta: Mãe, onde você vai? O que é que tem hoje na Aposvale? Quando eu não tenho, por exemplo, ela diz: E aí o que você vai fazer se você não vai à Aposvale? Antes de eu participar minha vida era de um jeito, depois que comecei a participar achei que melhorou. Eu acho ótimo! Eu gosto de vir aqui. Acho muito bom!”

Pergunta nº7:

“Sim. Um curso de línguas seria interessante pra mim.

**Entrevistada D:** Tem 64 anos, se autodenomina negra, possui Nível Superior completo em Música, é professora de música, recebe aposentadoria no valor aproximado de R\$ 1.900 reais.

Pergunta nº1:

“Terceira idade pra mim é uma fase da vida; que eu sei aproveitar, me divirto, canto, danço, passeio, só não namoro...”

Pergunta nº2:

“Eu faço. Tenho convicção. Me considero da terceira idade. Não tenho complexo nenhum.

Pergunta nº3:

“Cantar. Só não faço aula de dança porque não tenho tempo, mas eu gosto muito de cantar e passear.”

Pergunta nº4:

“Ah, gostaria. Ginástica, hidroginástica. Isso eu gostaria. Se pudesse ter um clube de recreação pra nós ... pra ficar o dia inteiro se divertindo, ficar a maior parte do tempo na Aposvale...”

Pergunta nº5:

“São. Porque a gente revê os amigos, os ex-colegas, têm contato com pessoas da nossa idade. Eu acho isso importante. Eu tenho uma boa relação com os ex-colegas. Isso é um fator que faz com eu goste de frequentar a Aposvale.”

Pergunta nº6:

“Ah melhora... Porque você não pensa na vida, você se desliga. Agora chegou a minha hora de aproveitar! Já criei filho, já engoli muito sapo porque tinha que me manter e manter meus filhos; porque eu os criei sozinhos. Agora chegou a minha hora de diversão, de passeio, de alegria! Pra mim é muito importante, é o meu momento e eu não abro mão. Eu acho que a gente tem que se distrair, fazer coisas assim como a gente faz aqui: dançar, brincar, jogar... É um lazer. Minha vida mudou, é outra coisa, porque estou sempre em contato com as colegas. Saio, vou ao teatro; eu não gosto muito de cinema; gosto de ir a show com elas. Tenho a minha vida com elas fora daqui. Ultrapassa as atividades da Aposvale.”

Pergunta nº7:

“Tem. Nós podíamos fazer passeios, ir ao teatro na parte da tarde, fazer passeio cultural, ir ao museu... Além dos que estão na programação da Aposvale. Seriam passeios dentro da cidade. Passar uma tarde, ir ao teatro, conhecer museus, visitar

exposições, ir àqueles programas que tem no Teatro Municipal à tarde. Convênios com farmácia, ótica, também seria bom pra nós.”

**Entrevista E:** Tem 71 anos, se autodenomina parda, possui o Ensino Fundamental incompleto, sua profissão é costureira e possui renda proveniente de aposentadoria no valor de R\$ 600 reais.

Pergunta nº1:

“Bom, a terceira idade pra mim foi o que eu não fui na juventude. Porque não tive praticamente infância e nem juventude. Então o que eu tenho de aproveitar na minha vida estou aproveitando na terceira idade.”

Pergunta nº2:

“Eu acho que faço parte da terceira idade.”

Pergunta nº3:

“Eu gosto de tudo. Eu gosto de dançar... O que vem eu gosto de fazer tudo... Eu gosto de cantar, eu gosto de fazer teatro, principalmente os passeios... O que eu mais gosto é de cantar, mas eu gosto muito do teatro também, me acostumei com ele e adorei o que estou fazendo. Gostei muito!”

Pergunta nº4:

“Bom, só atividade física, que aqui na Aposvale não tem, como ginástica, natação, hidroginástica, que infelizmente nós ainda não temos aqui. Eu adoro!”

Pergunta nº5:

“São, com certeza! Porque tira a gente da rotina e leva a uma vida melhor. Porque você ficar em casa vendo televisão não leva a lugar nenhum. Então, o teatro é muito bom, cantar também é muito bom, me fez muito bem. Depois que comecei a participar da Aposvale minha vida é outra... Com certeza! Depois que comecei a participar das atividades mudou muito, e pra melhor. Me sinto integrada, me sinto parte da família, da família Aposvale. Tanto faz muito bem para o corpo, como principalmente para mente, porque você não fica só naquela rotina, e aqui não. Principalmente o teatro faz muito bem pra mente.”



Pergunta nº6:

“Eu acho que a qualidade do meu tempo melhorou muito.”

Pergunta nº7:

“Sim. Atividade física, que eu gostaria muito que tivesse pra eu poder participar também.”

**Entrevistada F:** Tem 73 anos, se autodenomina branca, possui Ensino Médio completo, tem como profissão contadora e possui renda proveniente de aposentadoria no valor aproximado de R\$ 2.200 reais.

Pergunta nº1:

“Ah... É a pessoa que já está mais vivida, que tem experiência da vida, que já está aproveitando a vida, não trabalha mais, e é fiscal da natureza. Que faz o que quer, passeia, não tem hora. Eu acordo 10h, 9h, não tem tempo pra mim. Graças a Deus faço tudo que eu quero, mas sem correr, sem nada! Não tem mais hora pra mim não! Lá em casa nós dois somos assim: acordamos 9h, 10h e, vou pra minha missa, vou pra lá, vou pra cá... Assim que eu faço. O resto está tudo ótimo. Eu acho maravilhoso! Eu não me sinto nada velha, não me sinto velha.”

Pergunta nº2:

“Mas tem que ser! Eu não posso fugir disso. Ninguém foge disso! Todo mundo vai caminhar para esse mesmo lugar. Então a gente tem que caminhar para este lugar alegre, feliz, satisfeita com a idade que tem, pra poder viver bem. Se você se deprimir com a idade que tem, você vai morrer. Eu, eu quero viver muito alegre, feliz. Não sei de mim no futuro por causa do meu marido, mas por mim eu ia viver muito, passear, fazer muita coisa, cantar, ir aqui, ali, mas agora não sei, depende. Eu me considero da terceira idade com muito prazer, com muito orgulho e muito feliz da vida, muito feliz... É muito bom!”

Pergunta nº3:

“Ah... Cantar. Eu adoro cantar! Dizem que quem canta seus males espanta, né? E eu também entrei aqui nesse coral com a intenção de cantar para os velhinhos, cantar para as crianças, nos asilos, fazer assim um tipo de caridade. Eu acho assim,

que a gente não fez muito ainda, mas podemos fazer ainda. Mas, minha intenção era esta: Cantar para os velhinhos, para as crianças, dar alegria a quem não tem nada de alegria; que tem gente coitada, que não tem nada. Então, minha intenção foi essa. Eu gosto de cantar. Agora, eu gosto de dançar, mas por enquanto estou dura, não estou dançando, já dancei muito, mas agora já estou enferrujada. Eu queria fazer um curso, mas esse curso daqui eu não gosto porque é muito junto. Eu gostaria que fossem duas, três pessoas só, numa sala de aula, e o professor dando mais atenção a gente. Mas muita gente assim, não gostei não. Mas, eu gosto de dançar... Eu gosto da vida! Graças a Deus, eu ando pra lá, ando pra cá, converso com um, converso com outro, também sou síndica do meu prédio, vou aqui, vou ali. Eu amo essa vida que eu tenho agitada! Porque se não tivesse essa vida agitada, que eu tenho assim de não ter tempo quase pra nada, eu ia morrer quando a minha filha foi embora pra Recife; eu ia morrer! Mas porque não: Jesus me ajudou, me superou tudo isso, e eu tenho atividade, não esquento a minha cabeça, não penso bobagem, não penso em bobagem, não penso! A vida é ótima! Eu quero viver uns 90 anos, se Deus quiser!”

Pergunta nº4:

“Eu gostaria que tivesse aqui pra gente participar, que difícil de participar fora, uma ginástica.”

Pergunta nº5:

“São. Porque eu acho que a gente participa junto com as pessoas. Eu posso não estar junto, mas quando eles estão aqui, eu estou participando, estou ajudando, estou ouvindo, estou assistindo, estou dando atenção, eu estou incentivando eles, porque se você não for, não der atenção, ao vier, você não está incentivando as pessoas. Eu acho que eu venho as coisas por amor a fazer as coisas. Por isso que eu gosto da Beatriz, porque ela faz coisa aqui que a gente vem, se sente feliz, reúne a turma antiga... Todo mundo vem aqui. A Aposvale pra mim é a minha casa. Tudo aqui é ótimo, graças a Deus. Eu adoro essa música da Aposvale, porque eu sou apaixonada pelas coisas minhas. Eu sou apaixonada pela Vale do Rio Doce; como agora não estou na Vale, mas a minha lembrança não apaga nunca. Agora pela Aposvale eu dou tudo! Faço qualquer coisa pela Aposvale! Amo o trabalho da Beatriz, amo o trabalho de vocês, porque é um trabalho bom para nós, faz bem pra

gente estar sempre reunido aqui com os antigos colegas. Porque se você ficar enfurnado dentro de casa, que vida você vai ter? De jeito nenhum! Eu adoro isso aqui!”

Pergunta nº6:

“Ah sim, muito. Foi crescendo, crescendo, crescendo e talvez até passe a crescer mais. Tem muita coisa boa! Está tudo melhor! Eu acho que na nossa vida, quanto mais vai passando o tempo, melhor vai ficando, vai ficando melhor... As atividades oferecidas pela Aposvale melhorou a qualidade do meu tempo. Antes eu trabalhava, não tinha tempo, tinha a minha filha, então eu tinha atividade. Agora que a gente está em casa; é, eu não fico em casa, fico muito mais na rua porque muita coisa que eu tenho pra fazer, mas quem não tem, tem aqui pra participar, pra poder ver os amigos, ver os colegas, enfim é maravilhoso! Isso aqui é ótimo, acho ótimo, muito bom. Me sinto bem, sinto que aqui é minha casa. A gente se sente mais gente. Porque se a gente ficar enfiado dentro de casa: ah eu estou velha, estou aposentada... Você se sente inútil. Aqui não. Você se sente útil, se sente feliz por estar com os amigos. É muito bom, muito bom, muito bom! É ótimo!”

Pergunta nº7:

“Tem. A ginástica, uma atividade física assim de ginástica, de exercício, musculação... Uma ginástica, uma academiazinha aqui dentro... Seria ótimo! Porque eu não vou lá fora mesmo. Primeiro porque a gente não tem tutu e segundo, que aqui eu me sentiria melhor, mais a vontade, porque está dentro da sua casa, dentro do seu povo, pessoal seu. Eu adoro aqui!”

**Seguindo a ordem do roteiro citado, as respostas obtidas a partir das entrevistas realizadas na Casa de Santa Ana foram:**

**Entrevistada G:** Tem 64 anos, se autodenominou negra, é analfabeta, doméstica e não possui renda individual. Conta com a ajuda da renda do marido proveniente de aposentadoria no valor de R\$700 reais.

Pergunta nº1:

“Terceira idade? Pra mim? Terceira idade pra mim é a velhice quando chega. Porque a gente vai chegando em certa idade que em muitos lugares a gente é até evitado. Ninguém quase tem paciência com os idosos. Numa condução, quando vai pegar uma , o motorista te olha de cara feia, porque você tem que passar pela frente, eles não querem ter aquela paciência de esperar. Eu por enquanto não pago passagem, mas tem muitos idosos; o meu esposo por exemplo, teve uma vez que precisou pegar uma condução e o motorista não queria esperar ele subir. Aí eu falei pra ele: quando for assim você não sobe. Você espera outro. Porque ainda mais ele que não tem firmeza direito, vai entrar numa condução que o motorista não tem paciência... Então, eu acho que terceira idade pra mim é isso. Mas a gente não se acha velho, a gente se acha uma pessoa que já chegou em certo tempo que já acabou a mocidade; mas dentro de mim, a minha mocidade continua. Porque tudo que jovem gosta eu gosto também. Quando eu saio com os meus filhos, a gente brinca, a gente caçoa. A gente quando sai é uma família só.”

Pergunta nº2:

“Faço, eu faço parte da terceira idade. Eu não me acho da terceira idade. O meu espírito não encontra com a terceira idade, com a velhice; o meu espírito é espírito de pessoa jovem. Eu gosto das coisas de jovem; coisa de velho hoje em dia não se tem nem mais coisa de velho mais. Os velhos só ficam acompanhando os jovens. Então pra mim está ótimo...”

Pergunta nº3:

“Aqui minha filha, acho que não tem aquela que eu não goste. Porque todas elas eu gosto. Porque o passeio que nós vamos fazer hoje, pra mim é maravilhoso, que pelo menos já saio um pouco de casa. Nós temos aqui: aula de salão, que eu gosto, nós temos aula de canto, a gente tem ginástica aqui também, que a gente gosta. Então tudo que tem aqui eu gosto. Não tem nada que eu não goste, graças a Deus.”

Pergunta nº4:

“Nós já temos a aula de dança sênior. Poderia ter aula de dança de salão aqui. Seria maravilhoso! A gente gosta. As outras nós já temos. Então, o que vier a gente está participando.”

Pergunta nº5:

“São importantes. São muito importantes. Porque aqui nessa Casa eu participo da aula de bordado, de artesanato, e eu gosto; não tenho muita paciência não mas eu gosto. Depois que eu vim pra esta Casa minha vida melhorou muito. Nós temos também aula anti-estresse com profissionais maravilhosos... Aqui só tem gente boa!”

Pergunta nº6:

“Melhorou, melhorou... Porque eu estava num estresse muito grande, então aqui me melhorou bastante. Melhorou muito, muito, muito mesmo. Melhorou mesmo! Agora eu estou assim com a cabeça atacada porque é muita coisa pra minha cabeça só; porque na minha casa, minha cabeça tem que girar pra tudo. Quer dizer, aí não tem cabeça nenhuma que agüente também, tem hora... Então, o momento que eu estou aqui é um momento de distração pra mim. Então pra mim está maravilhoso...”

Pergunta nº7:

“Queria que tivesse algo pra ajudar a todas, que são essas senhoras que chegam aqui doentes, com feridas, que às vezes, as meninas têm que tirar do bolso delas pra poder comprar um remédio, pra poder comprar uma gaze, comprar uma pomada... E elas tiram mesmo do bolso delas pra comprar! Então, eu gostaria, se pudesse era isso: ajudar a Casa, que elas estão precisando de ajuda, ainda mais na parte dos curativos, no atendimento médico, que aqui também não tem médico também, tudo é com elas. Se um passa mal, elas que tem que ver carro pra botar, pra levar pro hospital... Então, se tivesse um médico aqui, mais recurso, aí seria maravilhoso; porque aí seria pra todo mundo. Porque um aparelho pra medir a pressão, elas têm que comprar. Às vezes, coitadas com sacrifício, têm que comprar à prestação. Então elas fazem tudo que a gente precisa, mas tem hora que elas têm dificuldade, e, às vezes, as pessoas que vêm lá de fora, vêm precisando de um recurso, vêm em busca de um recurso. Quer dizer, se a pessoa não tem, o que elas fazem? Se reúnem, elas mesmas e vão ajudar aquela pessoa. Agora, tem que ter um de fora também que ajude elas, porque o que elas tiram são dinheiro suado também. Elas precisam de muita coisa aqui dentro, muita coisa mesmo. Em matéria de curativo, pomada, remédio pra tomar, um médico que viesse pelo menos de 15 em 15 dias, ou então de 8 em 8 dias. Viesse pra poder ver todo mundo; com é que estava a saúde de todos... Já seria ótimo, porque aqui não tem.”

**Entrevistada H:** 71 anos, se autodenominou branca, possui ensino fundamental incompleto, é doméstica e revendedora e tem renda proveniente de aposentadoria e pensão no valor de R\$ 700 reais.

Pergunta nº1:

“A terceira idade? Eu acho que pra mim está sendo boa, porque eu entrei pra um grupo que eu gosto muito. Não posso participar de tudo porque meu tempo é pouco, porque tenho que cuidar do marido doente, mas se eu pudesse eu participava mais... Mas nisso eu participo duas vezes na semana, com a Dagmar pra fazer exercícios e mais pratico também a dança sênior, com a Ana.”

Pergunta nº2:

“Ah, eu acho que sim. Eu acho muito bom. Eu acho que isso foi uma coisa muito boa pra pessoa: a idade. Porque não se sente assim incapaz, jogado, como se fosse ninguém. Então a gente se sente mais participativo, a gente sente que está bem. Muito bom!”

Pergunta nº3:

“Eu gosto muito da dança sênior e gosto também do grupo que eu faço com a Dagmar, que é o exercício, a ginástica.”

Pergunta nº4:

“Não. Tudo aqui tem, eu só não participo de todas porque falta tempo. Eu acho que aqui já tem bastante coisa boa.”

Pergunta nº5:

“Muito, muito importante. Porque eu me sinto, quando eu chego aqui, eu me sinto num pedacinho da minha casa. Eu me sinto muito bem no grupo, com as colegas, com todos; gosto muito de todos os funcionários... Eu gosto muito.”

Pergunta nº6:

“Melhorou. Com certeza! Eu acho muito bom. É sempre muito bom.”

Pergunta nº7:

“Bom, talvez se tivesse um médico clínico, que sabe... Porque hoje em dia é tão difícil de você conseguir... Eu não tenho nenhum plano de saúde, e isso hoje em dia pra você que não tem plano de saúde, pra você conseguir uma consulta é muito complicado. Se tivesse um clínico seria melhor ainda. Com certeza seria mais fácil.”

**Entrevistada I:** 74 anos, se autodenominou chocolate, analfabeta, doméstica e cozinheira de forno e fogão e possui renda proveniente de aposentadoria, pensão e aluguel de casa no valor aproximado de R\$ 720 reais.

Pergunta nº1:

“Pra mim terceira idade é uma coisa muito maravilhosa, que eu me sinto muito bem aqui na Casa de Santa Ana. Sou bem tratada, todo mundo me ama, brinco muito, falo muita bobagem, a gente ri pra caramba... E assim, vou levando a minha vida. Sou bem tratada aqui, graças a Deus.”

Pergunta nº2:

“Eu faço parte sim. Pela minha idade eu faço parte, e assim vou levando a minha vida.”

Pergunta nº3:

“Passeio, clube pra gente dançar, tem ginástica aqui na Casa de Santa Ana, tem o canto do Zé Carlos, que a gente canta com ele, tem a dança sênior, que a gente faz também... Muito bom, muito gostoso.”

Pergunta nº4:

“Não. Eu gosto das atividades que tem aqui e estou acostumada aqui. A única coisa que eu não gosto é jogo, porque eu sou cristã. Eu não gosto de jogar dama, não gosto de dominó, de baralho, eu não gosto de nada dessas coisas. A única atividade que eu não gosto é essa; tem aqui, mas eu não gosto. E tem aula também de pintura, que eu também não me achei. Eu sou mais de bordar, e meus bordados é tudo colorido. Fica muito bonito. Por enquanto não tem nenhuma outra atividade que eu queria participar.”

## Pergunta nº5:

“Pra mim, muito importantes. Porque vêm os estrangeiros pra cá, eles olham, gostam muito das coisas, adoram a pintura, adoram o bordado. É muito gostoso, e eles tratam a gente muito bem. A minha vida quando eu vim pra cá, em fevereiro vai fazer dois anos que eu estou aqui, mudou. Eu me sentia muito sozinha dentro da minha casa, aí eu já comecei a pensar pururuca na minha cabeça. Eu estava muito estressada, aí meu filho ia todo dia lá em casa e dizia assim: mãe, vai procurar a casa dos idosos mãe. Sai desta casa mãe. A senhora vai ficar olhando para as paredes, a senhora vai ficar olhando pra televisão, a senhora vai ficar escutando som? Isso não é vida mãe. Vai procurar mãe. Por favor! Eu falei: tá, meu filho, pode deixar comigo. Aí, de repente, eu estava sozinha em casa, falei assim: Oh Senhor, tu me dá uma direção Senhor, o que eu devo fazer na minha vida? Fiz uma oração e pedi a Ele. Aí fiquei. Quando chegou na outra semana, de repente, me deu um estalo no coração e na cabeça: vai, vai que tu vai achar. Aí saí de manhã. Quando cheguei aqui na Associação de Moradores, tem muita gente aqui que me conhece, me conhece mesmo; e falei que estava procurando a casa dos idosos. Eles disseram: aqui atrás tem uma, a Casa de Santa Ana. Me trouxeram até aqui, estava fechado porque estava de férias. Falaram pra voltar depois do carnaval. Depois, quando voltei, estava aberto e me receberam. Todos me receberam muito bem, e estou aqui até hoje. Meu primeiro trabalho foi um tapete de tirinha, pra tirar o estresse e ocupar a mente. Aí fiz o tapete, gostaram muito, o estrangeiro veio aqui e comprou. Fiquei muito feliz. Aí depois veio outro trabalho com a agulha, e eu não sabia pegar na agulha, não sabia dar um ponto. Aí a colega me ensinou e eu aprendi a bordar. Agora eu faço tudo.”

## Pergunta nº6:

“Com certeza. 100%. Acabou o estresse. Acabou o estresse mesmo. É outra vida. Eu me distraia muito era com o cigarro, que não faz bem. Eu já era cristã da Igreja Assembléia de Deus. Aí meu filho não fuma nem bebe; aí eu comecei a fumar muito; era um atrás do outro. Fumava três maços de cigarro por dia. Olha só como eu estava! Eu não comia, era só cigarro e café. Até que um dia eu pedi: Senhor tem misericórdia de mim, Senhor. Foi quando parei de fumar e comecei a ocupar minha mente aqui na Casa de Santa Ana. Agora o meu filho fala pra mim: Mãe a senhora já vai? Eu digo: Já meu filho. Estou indo lá pra minha escolinha, eu vou pra minha



crechinha. A Maria de Lourdes me adora, eu adoro a Maria de Lourdes, adoro todo mundo aqui... Priscila, eu brinco com Priscila, a Elizete, todo mundo... Eu adoro! Brinco com todo mundo, com as cozinheiras... A gente brinca a beça o dia todo. A gente dança... Me divirto.”

Pergunta nº7:

“Gostaria que a Casa de Santa Ana melhorasse a situação dela aqui. Porque a Casa de Santa Ana está passando um perrengue. A gente agradece muito a Maria de Lourdes, porque a Maria de Lourdes corre muito pra não deixar a gente aqui, pra não fechar a Casa. Ela corre muito, porque a Prefeitura... Eu peço a Deus que ela melhore cada vez mais, que vá melhorando, que Deus ajude que a Casa de Santa Ana levante, melhore. Eu não gostaria que fechasse porque eu me sinto muito bem aqui. Qualquer outra casa que eu for, eu acho que eu não vou me acostumar como eu estou acostumada aqui. Aqui a gente tem mais liberdade. Aqui a gente tem liberdade pra tudo. Eu peço a Deus que chegue mais alguma coisa pra Casa de Santa Ana, pra gente... Uma doação boa pra ajudar a Casa de Santa Ana. É isso que eu peço.”

**Entrevistada J:** Tem 82 anos, se autodenomina misturada (preto com branco), possui Ensino Fundamental incompleto, é do lar e recebe aposentadoria e pensão no valor de R\$ 700 reais.

Pergunta nº1:

“Terceira idade é quando a gente chega a 82 igual eu cheguei. Eu acho que é isso: terceira, não tem mais outra idade. Tem a primeira, tem a segunda e tem a terceira... E aí acabou.”

Pergunta nº2:

“Eu faço. Faço parte da terceira idade sim. Faço muita coisa... Faço os trabalhos que tem aqui na Casa, crochê, artesanato...”

Pergunta nº3:

“Crochê é o que eu mais gosto. A que eu mais gosto e que eu peguei pra mim é essa atividade. Não sei fazer legal não, mas eu gostei de aprender. Apreendi com a

colega e não faço assim coisas grandes, mas faço essas coisinhas pequenas, assim lembranças, é que eu faço.”

Pergunta nº4:

“Não. Porque eu não quero Ter compromisso. O que eu faço já está bom. Compromisso assim eu não quero não. Eu já participo do grupo da alegria, que é um grupo daqui que tem que a Maria de Lourdes arrumou, assim pra gente visitar as pessoas no hospital, levar alegria pra eles, conversar, brincar com eles, dizer bobagem, jogar conversa fora. E eu faço parte. Gosto de fazer parte do grupo.”

Pergunta nº5:

“Ah, muito. Porque desenvolve a mente, é gostoso.”

Pergunta nº6:

“Melhorou. Eu acho porque eu me sinto assim útil, me sinto uma pessoa útil, que presto pra alguma coisa. Melhor do que ficar sem fazer nada, aí vem os grilinhos na cabeça. Eu senti e achei muita diferença.”

Pergunta nº7:

“Tem. Gostaria que tivesse um dentista aqui para as minhas colegas que tem os dentes tudo estragado. Têm algumas aí com os dentes muito estragado. Isso faz mal à saúde. Dente inflamado, engoli pus, têm mal hálito. Isso eu gostaria que tivesse. Se tivesse um dentista pra tratar da boca dessas colegas era muito bom.”

**Entrevistada L:** Tem 71 anos, se autodenomina negra, possui o Ensino fundamental incompleto, sua profissão é do lar e recebe pensão no valor de R\$ 600,00.

Pergunta nº1:

“Pra mim foi maravilhoso, né? Eu mesmo senti que com a terceira idade eu remoei até mais. Eu fiquei bem mais moça depois que eu atingi a terceira idade. Eu me sinto muito feliz, gosto muito de tudo na vida. Pra mim tudo tá bom. E essa terceira idade eu to tirando de letra... Pra mim foi maravilhosa mesmo! Foi muito bom! Junto com minhas colegas; convivo com elas, gosto muito. E eu remoei com a terceira idade. Pra mim foi tudo!”

Pergunta nº2:

“Faço parte sim, com certeza. De primeiro eu não sabia o quê que era assim terceira idade; que eu me sentia velha. Velha não é terceira idade. Terceira idade eu acho que nós atingimos uma idade que não é de velhice, é uma idade que nós estamos remoçando, revivendo novamente. Então isso eu chamo de terceira idade. Eu acho que velhice é aquela pessoa velha que não tem mais nada, não consegue fazer; não consegue se levantar, não consegue andar, não consegue dançar, e eu me sinto da terceira idade por que eu faço tudo isso, tranqüila. Então isso pra mim é terceira idade. É eu saber fazer tudo; saber dançar, saber cantar, saber falar... Então como eu faço isso, eu me sinto da terceira idade.”

Pergunta nº3:

“Eu gosto de cantar e dançar. São as duas coisas que a Casa me oferece; todas elas são boas, mas eu gosto de cantar, gosto muito de cantar, é a que eu mais gosto; de cantar com professor José Carlos.”

Pergunta nº4:

“Eu preferia que tivesse alfabetização. Se tivesse até em outro lugar eu faria; dentro desse limite da parte da tarde, eu não quero a parte da manhã, cedo, porque eu acho que não tenho mais idade, nem à noite; agora uma tarde assim, eu tinha muita vontade de fazer, muita vontade mesmo. Eu acho que eu iria me lembrar de bastante coisa com a alfabetização, porque eu tenho pouco estudo e eu acho que agora ia pegar mais coisa ainda, ia ser bem melhor pra mim. Até pra mim pronunciar algumas palavras, que aí eu quero ler em voz alta, falando... Então a alfabetização seria o ideal. Eu gostaria muito.”

Pergunta nº5:

“São. São importantes porque eu acho que se eu não tivesse feito essas atividades que eu tenho aqui, eu acho que eu não estava bem. Então essas atividades que têm tido aqui na Casa, pra mim tem sido muito bom. Assim como a terapia, a dança com o professor Jolie, que é uma dança de ginástica, a dança sênior com a Ana, que é uma dança também de ginástica. Então essas ginásticas pra mim são maravilhosas! Eu gosto muito! Dançar e cantar... e tudo que tem aqui eu gosto. Tudo pra mim eu acho que me remoçou bastante. Foi muito bom!”

Pergunta nº6:

“Melhorou, melhorou. Eu era uma pessoa parada, eu era uma pessoa tímida, era uma pessoa que não falava nem nada. Hoje em dia, com as atividades que tem aqui, eu já converso, já falo, já encaro as pessoas de um modo bem... Então essa Casa aqui me mostrou muita coisa boa, coisa boa mesmo, que eu não tinha. Aqui eu aprendi muito; aqui eu sei encarar a vida como ela é, sei conversar, sei falar... então pra mim essa Casa me ofereceu tudo, tudo de bom.”

Pergunta nº7:

“Gostaria sim. Se tivesse uma ajuda, uma ajuda. Porque quando nós tínhamos ajuda da Prefeitura era bem melhor aqui. Agora a gente não tem uma ajuda assim de ninguém, de nada. Então eu acho que se tivesse uma ajuda aqui pra Casa seria bem melhor. É bom, aqui é ótimo, não é dizer que eu tô dizendo que aqui não é bom, é bom, mas se nós tivéssemos uma ajuda assim da Prefeitura, principalmente, que ajudasse, procurasse ajudar a Casa, pra nós ia ser bem melhor. Ia ter várias opções, bem melhor... como quando nós tínhamos aqui a Prefeitura e a gente saia mais, às vezes tinha ônibus pra pegar a gente pra levar para os passeios, tinha tudo... Hoje em dia tem que ficar dependendo às vezes de van, de condução, e se fosse uma ajuda assim eu acho que melhorava bem mesmo a Casa pra gente. Uma ajuda da Prefeitura pra Casa seria bem melhor.”

**Entrevistada M:** Tem 66 anos, se autodenomina negra, possui Ensino fundamental incompleto, é doméstica e camareira e recebe aposentadoria no valor de R\$ 350,00.

Pergunta nº1:

“Terceira idade é nessa idade, quando passa dos 65 anos. 65 anos. Isso já é terceira idade. Pra mim é isso. Porque no “INPS” quando eu fui com 64 anos, eles disseram: só vou te aposentar quando você tiver 65 anos, você não é idosa ainda. Aí eu disse: Ué! Eu não sou idosa? Ele disse: não, só quando você fizer 65 anos. Aí eu fiz 21 de novembro e fui no dia 22 de novembro. Quando eu cheguei lá, ele falou: agora você é idosa.”

Pergunta nº2:

“Eu acho; mas quando na rua o pessoal fala assim: você não parece ter 65 anos. Eu digo: tenho 66. Eles dizem: não parece. Eu fico feliz da vida. Mas já sou idosa já.”

Pergunta nº3:

“Aqui eu gosto de ginástica. Quando tiver com dor no corpo, velho tem que fazer exercício. Mas aqui ginástica pra fazer sentado, aí eu não gosto muito não. Eu gosto de fazer ginástica em pé; bem que puxa mesmo os ossos do lugar. Esse negócio de fuxico eu não faço, e as outras coisas eu não faço porque eu não enxergo direito, mas eu gosto de ver as amigas fazer, gosto de estar junto com elas.”

Pergunta nº4:

“Eu gostaria que tivesse aqui é ginástica pra mim fazer. Porque sé tem velho, mas sentado eu acho que não resolve nada não. A ginástica que tem aqui é sentado; eu queria que tivesse em pé, porque todo mundo senti dor; uma dor na perna... tudo velho, por isso eu queria que tivesse exercício pro corpo.”

Pergunta nº5:

“São. Porque eu gosto de estar junto com as colegas que fazem fuxico, inventam coisas pra fazer, pintam pano de prato. Eu já fiz com a colega L, porque ela pegava na mão da gente, porque eu não enxergo direito, aí ela me ajudou. Os gringos vieram aí e compraram tudo! Eu tenho vontade de voltar a pintar com a L, porque só ela tem paciência de ensinar a gente. É importante pra mim, porque a gente aprende, a gente que é dona-de-casa faz pra gente mesmo.”

Pergunta nº6:

“Melhorou, melhorou muito. Eu melhorei porque eu vim pra aqui no médico do hospital, onde eu estava internada, aí ele chamou minha filha e falou que eu era muito tímida, e não gostava de conversar. Aí ele tinha mania de chegar de noite e puxar o dedão do meu pé, e eu ficava olhando pra cara dele. Ele dizia: você é muito fechada, você tem que conversar com as pessoas, não pode ficar falando embolado não; você tem que ir pra um lugar que tenha bastante gente pra você conversar. Aí minha filha disse: Ah, tem uma casa de idoso perto de onde eu moro. Aí o médico falou: vê se você arruma pra ela lá, que ela tem que ficar com outras conversando,

com as outras pessoas. Aí eu vim pra aqui... fiquei falando até demais! Foi muito bom vim pra aqui. Porque eu ficava sozinha. Minha filha casou, meu filho também, a outra minha filha casou, mora em Maricá, eu moro sozinha e Deus aqui. E aqui eu tenho companhia, mas não vou ficar por muito tempo não, porque eu pretendo mudar daqui. Meu quarto é logo na frente, e tem noite que eu não durmo. Tem esses bailes funk às sextas-feiras; tem 3 equipes, ninguém dorme... também tem muito tiro; cedo eles estão dando tiro. Aí a gente fica assustada.”

Pergunta nº7:

“Não. O que tem aqui tá bom. A Priscila agora inventou um filme... o que tem na Casa pra mim tá bom. A única coisa que eu queria mesmo era a ginástica. Só isso.”

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; MELO, Victor Andrade de. **Introdução ao Lazer**. 1ª ed. São Paulo: Editora Manole, 2003. 153p.

BANDEIRA, Karla Maria. Discutindo a Qualidade de Vida do Idoso. In: **A Terceira Idade**. SESC, São Paulo, v. 16, n. 34, p. 50-61, outubro 2005.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Envelhecimento, Cultura e Transformações Sociais. In: PY, Ligia et al. (Orgs.) **Tempo de Envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2004, v. 1, p. 39-60.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. 2ª ed. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

CALDAS, Célia Pereira. Conversando sobre o autocuidado: A qualidade de vida como meta. In: PACHECO, Jaime Lisandro et al. (Orgs.) **Tempo Rio que Arrebata**. Holambra (SP): Editora Setembro, 2005. Cap.5, p. 75-86.

CARDOSO, Doris de Moraes. Longevidade e Tempo Livre: Novas Propostas de Participação Social e Valorização do Idoso. In: **A terceira Idade**. SESC, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 37-51, maio 2004.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

ESTATUTO DO IDOSO, Ministério da Saúde. Série E. Legislação da Saúde. 1ª ed. 6ª reimpressão. Brasília - DF: Editora MS, 2005.

FREITAS, Elizabete Viana de. In: PY, Ligia et al. (Orgs.) **Tempo de Envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2004, p. 19-38.

GALERA, Siulmara Cristina; CABRERA, Marcos; Saúde e Doença: e eu com isto? In: PACHECO, Jaime Lisandro et al. (Orgs.) **Tempo Rio que Arrebata**. Holambra – SP – Editora Setembro, 2005. Cap. 6, p. 89-106.

GODOY, Rui Martins de. RIBEIRO, Regina Célia Sodré. Programas de Preparação para a Aposentadoria: Uma Responsabilidade Social das Empresas. In: **A Terceira Idade**. SESC, São Paulo, v. 16, n. 34, p. 34-49, outubro 2005.

GOLDMAN, Sara Nigri. Velhice e Direitos Sociais. In: PAZ, Serafim Fortes et al. (Orgs.) **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/ Seção do Rio de Janeiro, 2000. Cap. 1, p. 13-42.

GOLDMAN, Sara Nigri. **Universidade para a terceira idade: uma lição de cidadania**. Olinda - PE: Editora Elógica, 2003.

GOLDMAN, Sara Nigri. PAZ, Serafim Fortes. Velhice com Cidadania: Uma conquista a cada dia! In: PACHECO, Jaime Lisandro et al. (Orgs.) **Tempo Rio que Arrebata**. Holambra - SP: Editora Setembro, 2005. Cap.3, p.45-58.

IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico: Brasil, 2000. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

IBGE, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estudos e Pesquisas: Informação demográfica e socioeconômica. Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de População e Indicadores Sociais, 2002.

MERCADANTE, Elisabeth F.; Velhice: a identidade estigmatizada. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**, n. 75, Edição especial, Editora Cortez, 2003. p. 55-73.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 24ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994, Cap. 1, p. 9-30.



NETO, Otávio Cruz. O Trabalho de Campo como descoberta e criação. In: **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). 24ª ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1994. Cap. 3, p. 51-66.

PACHECO, Jaime Lisandro. Sobre Aposentadoria e Envelhecimento. In: PACHECO, Jaime Lisandro et al. (Org.) **Tempo Rio que Arrebata**. Holambra - SP: Editora Setembro, 2005. Cap.4, p.59-73.

PAZ, Serafim Fortes. Espelho... Espelho meu! Ou das imagens que povoam o imaginário social sobre a velhice e o idoso. In: PAZ, Serafim Fortes et al. (Orgs.) **Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia?** Rio de Janeiro: CBCISS; ANG/Seção do Rio de Janeiro, 2000. Cap. 2, p. 43-84.

PAZ, Serafim Fortes. Movimentos Sociais: participação dos idosos. In: PY, Ligia et al. (Orgs.) **Tempo de Envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2004. p. 229-256.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 69-84.

PEREIRA, Jorge L. G.; SANTOS, Ivana C. B. dos. In: **Algumas questões para se pensar o envelhecimento no campo: as experiências dos idosos de Santa Rita de Minas/MG**. Disponível em: [http://www.nead.gov.br/tmp/encontro/cdrom/gt/3/Jorge\\_LG\\_Pereira.pdf](http://www.nead.gov.br/tmp/encontro/cdrom/gt/3/Jorge_LG_Pereira.pdf) Acesso em: 07 nov. 2006.

RIBEIRO, Bruna Caroline Duarte. **Lazer e Velhice: Reescrevendo a Terceira Idade**. 2004/2. 71f. Monografia em Serviço Social – Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ.

SALGADO, Marcelo Antonio. **Mitos e Preconceitos do Envelhecimento**. In: Caderno Edith Motta. Setembro, 2000. Associação Nacional de Gerontologia - ANG - Ano I, n. 2.

SENHORAS, Elói Martins. Trabalho Voluntário vis-à-vis-à marginalização do idoso: um paradigma de integração social. In: **A Terceira Idade**. SESC. São Paulo, v.14, n. 26, p. 69-82, janeiro 2003.

SILVA, Janaína de Carvalho da. Velhos ou Idosos? In: **A Terceira Idade**. SESC, São Paulo, v. 14, n. 26, p. 95 -111, janeiro 2003.

TEIXEIRA, Mirna Barros. Grupo como Apoio Social. In: **Empoderamento de Idosos em Grupos Direcionados à Promoção da Saúde**. IP/UFRJ, 2002. Cap. 3, p. 45-58.

VERAS, Renato. A Novidade da Agenda Social Contemporânea: A Inclusão do Cidadão de Mais Idade. In: **A Terceira Idade**. SESC, São Paulo, v. 14, n. 28, p.6-29, setembro 2003.